GRACIELLE RAFAELA CAMPOS BALDIOTTI

DA VIBRAÇÃO AO TRANSE: UMA APRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES ESPIRITUAIS NOS PONTOS CANTADOS DA UMBANDA

Três Corações

2020

GRACIELLE RAFAELA CAMPOS BALDIOTTI

DA VIBRAÇÃO AO TRANSE: UMA APRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES ESPIRITUAIS NOS PONTOS CANTADOS DA UMBANDA

Versão final da Dissertação, apresentada à Universidade Vale do Rio Verde (Unincor) como parte das exigências do Programa de Mestrado em Letras, para obtenção do título de Mestre em Letras.
Área de concentração: Letras.

Orientadora: Prof.ª Dra. Terezinha Richartz.

Três Corações

2020

2(=96)

B175v BALDIOTTI, Gracielle Rafaela Campos

Da vibração ao transe : uma apresentação das entidades espirituais nos pontos cantados da Umbanda – Três Corações : Universidade Vale do Rio Verde, 2020.

95 fls. il

Orientadora: Prof. Dra. Terezinha Richartz

Catalogação na fonte
Bibliotecária responsável: ERNESTINA MARIA PEREIRA CAMPOS DANTAS CRB6: 2.101

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR GRACIELLE RAFAELA CAMPOS BALDIOTTI, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS

Aos vinte e nove dias do mês de outubro de dois mil e vinte, reuniu-se, remotamente, a Comissão Julgadora, constituída pelos professores doutores: Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor), Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade (UniAcademia) e Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (UninCor), para examinar a candidata Gracielle Rafaela Campos Baldiotti na defesa de sua dissertação intitulada: "DA VIBRAÇÃO AO TRANSE: UMA APRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES ESPIRITUAIS NOS PONTOS CANTADOS DA UMBANDA". A Presidente da Comissão, orientadora da pesquisa Profa. Dra. Terezinha Richartz, iniciou os trabalhos às 14:00 horas, solicitando à candidata que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguiram alternadamente a candidata sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 15:50 horas, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho da candidata, tendo chegado ao seguinte resultado: Profa. Dra. Terezinha Richartz (aprovada), Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade (aprovada) e Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (aprovada). Em vista deste resultado, a candidata Gracielle Rafaela Campos Baldiotti foi considerada aprovada, fazendo jus ao título de Mestre pelo Programa de Mestrado em Letras.

Três Corações, 29 de outubro de 2020.

Novo título (sugerido pela banca):

_____

_____

Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor)

Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade (UniAcademia)

Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (UninCor)

Dedico este trabalho a Deus e aos Orixás.

Aos meus pais que, com alegria, me trouxeram ao mundo.

Ao meu esposo e meu filho, por compreenderem minha ausência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu filho, João Antônio, pelas inúmeras vezes que o deixei brincar sozinho e me dediquei ao estudo, sempre com a esperança de dias melhores para ele!

Ao meu esposo, Douglas, que soube me entender quando ninguém mais entendia, nem eu mesma, com muito carinho, me colocando sempre para cima, incentivando e me mostrando que eu seria capaz!

À minha irmã, que escutava todas as minhas queixas e descontentamentos.

À minha mãe, Maria Angélica que, mesmo sem entender muito minha proposta de trabalho, me apoiou e demonstrou toda vibração positiva, me acompanhando de longe.

Ao meu pai Jorge Baldiotti, pela preocupação dispensada em relação ao curso, sempre perguntando como estavam os estudos, além do apoio sentimental, por ser o único membro da família perto de mim.

Agradeço de todo meu coração aos meus professores, que acreditaram na minha pesquisa, especialmente à Prof. Dra. Cilene Pereira e ao Prof. Dr. Luciano Cavalcanti, pelo apoio que sempre me deram, não só na caminhada acadêmica, mas na vida, sempre conversando e me ajudando a ver as coisas com mais clareza. Agradeço também pela participação na banca de qualificação e pela enorme contribuição, em que pude ver muitas questões importantes para meu trabalho, além de aprender a criticar minha própria escrita.

Agradeço ao Prof. Dr. Cleber Cabral, pela colaboração com materiais para estudo, em momentos difíceis da minha caminhada.

Ao Prof. Dr. Renan Belmonte, pela calma e paciência comigo em momentos de extrema ansiedade, lendo meus trabalhos de disciplinas e me orientando sempre com dedicação.

À minha grande amiga e conselheira Francisca, que acompanhou boa parte deste trabalho.

À minha querida orientadora, por tudo que fez por mim! Não tenho palavras para expressar o tamanho da minha gratidão por ela, Prof. Dra. Terezinha Richartz, mulher de fibra, comprometida, crítica e que sabe bem colocar sua opinião. Tivemos muitos momentos de tensão, momentos cruciais em minha vida em que a Terezinha esteve presente, me dando força para continuar a caminhada, me fortalecendo e incentivando com muito carinho e não deixando faltar a verdade. De forma sincera e suave, ela foi, aos poucos, me mostrando que eu podia, e sim, eu realmente podia! E para continuar, contei muito com a ajuda dela. Muito obrigada Terezinha, tornou-se uma grande amiga!

Aos meus amigos de curso, pelas inúmeras vezes que ouviram minhas lamentações, me ampararam nos momentos em que não pude conter as lágrimas, e pelos lanches divididos. Fomos e sempre seremos guerreiros!

Aos amigos que contribuíram muito com livros, artigos e outros materiais de estudo. Foi essencial para a realização desta pesquisa, além de colaborarem me dando ânimo e me fortalecendo cada dia mais.

À Prefeitura de Três Corações, que, juntamente com a Fundação Comunitária Tricordiana de Educação, me possibilitaram a bolsa de estudos para cursar e realizar esta pesquisa tão linda!

Enfim, a todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho!

“Umbanda é paz e amor, um mundo cheio de luz”

José Manoel Alves

RESUMO

A Umbanda é uma religião totalmente brasileira, que mistura a sabedoria do povo indígena, espíritas kardecistas e católicos, além de nos apresentar alguns elementos africanos, originários do Candomblé, como a vestimenta branca, as guias (colares) usadas pelos médiuns, os Orixás que são cultuados tanto no Candomblé quanto na Umbanda. O objetivo desta dissertação é apresentar as entidades presentes nos pontos cantados, de forma a levar o leitor à compreensão de possíveis sentidos das letras dos pontos, presentes no universo Umbandista. Neste trabalho, os pontos a serem comentados serão de Preto Velho, Caboclo, Baiano, Pomba Gira, Malandro, Cigano, que são as entidades mais velhas em um terreiro de Umbanda. Será utilizada a pesquisa bibliográfica como metodologia. Pudemos perceber, a partir dos comentários, a importância que cada entidade carrega por estarem diretamente ligadas à formação do povo brasileiro, nos remetendo ao passado, através da memória passada de geração em geração. Através das letras dos pontos cantados, nos foi permitido o conhecimento das entidades mencionadas, em linhas gerais, de suas comidas preferidas, suas vestimentas que são usadas pelos médiuns incorporados, um pouco da história de cada entidade e sua relação com o Catolicismo, através das imagens. Por fim, a Umbanda enquanto patrimônio material e imaterial é fundamental para resgatar e manter a memória afrodescendente do povo brasileiro. Apesar dos preconceitos ainda existentes, a Umbanda conquista, através da declaração de Patrimônio Imaterial, maior respeito da sociedade, sendo reconhecida como religião.

Palavras-chave: Umbanda; Ponto Cantado; Religiões de Matriz Africana.

ABSTRACT

Umbanda is a totally Brazilian religion that mixes the wisdom of the Indians, Kardecist and Catholic spiritists, in addition to introducing us to some African elements, originally from Candomblé, such as the white garment, the guides (necklaces) used by mediums, the Orixás who are worshiped both in Candomblé and Umbanda. The purpose of this dissertation is to present the entities present in the sung points, in order to lead the reader to understand possible meanings of the letters of the points, present in the Umbandista universe. In this work, the points to be analyzed will be Preto Velho, Caboclo, Baiano, Pomba Gira, Malandro, Cigano, who are the oldest entities in an Umbanda terreiro. Bibliographic research will be used as a methodology. We were able to perceive, from the analysis, the importance that each entity carries because they are directly linked to the formation of the Brazilian people, referring to the past, through the memory passed from generation to generation. Through the letters of the sung points we were allowed to know the entities mentioned, in general, their favorite foods, their clothes that are used by the mediums incorporated, a little of the history of each entity and their relationship with Catholicism, through the images . Finally, umbanda as a material and immaterial heritage is fundamental to rescue and maintain the Afro-descendant memory of the Brazilian people. Despite the prejudices that still exist, Umbanda conquers, through the declaration of Intangible Heritage, greater respect for society, being recognized as a religion.

Keywords: Umbanda; Sung Point; African-based Religions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1. A UMBANDA 14

2. A UMBANDA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL 28
2.1. Cultura material e os elementos presentes nos rituais umbandistas 31
2.2 Cultura imaterial: a Umbanda como patrimônio da Humanidade 39
2.3 A Lei 10.639/2003- Desafios e conquistas 47

3. OS PONTOS CANTADOS DA UMBANDA 52
3.1 Hino da Umbanda 53
3.2 Hino dos Orixás 56
3.3 Caboclo atirou 63
3.4 Baiano sabe trabalhar 66
3.5 Preto Velho pode ser preto 68
3.6 A história de um certo Zé (Zé Pelintra) 71
3.7 Um amor faz sofrer, dois amores fazem chorar (Pomba Gira) 74
3.8 Cigana do Oriente 76

CONSIDERAÇÕES FINAIS 80

REFERÊNCIAS 83

GLOSSÁRIO 91

INTRODUÇÃO

Apesar de muito se falar da Umbanda e do Candomblé[1], a história destas religiões é contada quase anonimamente, pois apresenta ainda "pouco fundamento teórico consistente". (LIGIERO; DANDARA, 1998, p. 19). Grande parte disso se dá pelo fato dessas religiões trabalharem com espíritos, transe, possessão e, em alguns casos, sacrifício animal. São, desta forma, muitas vezes, associada à Magia Negra, adivinhação por meio de búzios, trajes rituais, banhos de ervas, ídolos de pedra (MARQUES, 2017, p. 84). De acordo com Alessandra Amaral Soares Nascimento, no texto *Candomblé e Umbanda:* Práticas Religiosas da Identidade Negra no Brasil,

> Alguns desses atributos foram inclusive reforçados pelos primeiros estudiosos no século XIX, que sofreram fortes influências evolucionistas[2] e tradicionalmente baseiam sua produção historiográfica no modelo monoteísta cristão que denominavam "superiores", e que tendem a classificar as religiões de matrizes africanas como formas "primitivas" ou "atrasadas" de culto. (NASCIMENTO, 2010, p. 925).

As religiões de influência africana vêm sendo estudadas por muitos acadêmicos, porém nos deixaram "[...] pouco registro por funcionar durante muitos anos de forma clandestina" (PRIORE, 1994, p. 29).

É sabido que o Candomblé e a Umbanda tiveram início com os negros escravizados, que adoravam seus deuses, fazendo referência aos santos católicos, uma vez que eram proibidos de cultuar os deuses africanos. Acredita-se que os negros colocavam suas imagens dentro dos santos católicos para não sofrerem castigo dos senhores das fazendas. Daí surge o sincretismo religioso, de que trataremos no segundo capítulo de nossa pesquisa.

As religiões de influência africana têm papel importante no que diz respeito à referência da identidade negra. Porém, essa referência foi, aos poucos, sendo tirada dos negros, pois eles foram obrigados a seguir a religião dos brancos, então "[...] na ânsia de frustrar a proibição dos cultos, as divindades das matrizes africanas serão ressignificadas a partir da assimilação com os santos católicos" (NASCIMENTO, 2010, p. 926).

---

[1] O Candomblé não faz parte do nosso *corpus*. Mas, muitas vezes, na fortuna crítica, aparece junto com a Umbanda nas discussões.

[2] "Os principais cientistas sociais positivistas [especialmente Augusto Comte], combinando as concepções organicistas e evolucionistas inspiradas na perspectiva de Darwin, entendiam que as sociedades tradicionais encontradas na África, na Ásia, na América e na Oceania não eram senão 'fósseis vivos', exemplares de estágios anteriores, 'primitivos', do passado da humanidade" (COSTA, 2004, p. 67).

A Umbanda é uma mistura de crenças, sendo os terreiros visitados por todo tipo de indivíduo, aberto a todos que, de alguma forma, vão em busca de socorro. Após a Era Vargas, ela passa a ser reconhecida e deixa de ser perseguida. É vista como a primeira religião realmente brasileira. No entanto, segundo Prandi (2004, p. 4), ainda sofre preconceito nos dias de hoje, por ser fruto do sincretismo religioso. Atualmente, existe uma nova definição para a palavra Umbanda — "uma" e "banda" — , acreditando em uma união de um grupo, na qual a humildade prevalece e todos se curvam diante do pai maior, numa sessão de puro amor e desejo de evolução espiritual. A Umbanda e o Candomblé são religiões familiares, formadas por pequenos grupos, que seguem ordens de pais ou mães de santo. Por isso, a massificação é inconcebível, uma vez que ambas as religiões possuem rituais que são fechados até mesmo para os membros de um terreiro. Para eles é "[...] inconcebível a sua exposição a todos, muito menos sua divulgação por meio televisivo" (PRANDI, 2004, p. 8).

Nesta perspectiva, daremos início a uma pesquisa de cunho bibliográfico, buscando mostrar ao leitor um tema tão importante nos tempos de hoje. Já existem alguns trabalhos acerca do tema. No entanto, todos o abordam de forma geral e histórica, não se atentando a fatos específicos, como será feito aqui: comentários dos pontos cantados da Umbanda. Os pontos cantados são músicas utilizadas nas sessões de Umbanda. Eles servem para chamar as entidades ao trabalho, mantê-las no corpo dos médiuns e para se despedir. Além disso, servem, também, para descarregos, festas em homenagens às entidades e desenvolvimento dos médiuns que servem a um terreiro.

Fazendo um levantamento no banco de teses e dissertações da Capes, no Google Acadêmico e em alguns livros físicos, pudemos perceber que pouco foi estudado a respeito dos pontos cantados, nosso objeto de estudo. Podemos constatar que várias dissertações falam sempre de uma entidade específica, ou de um lugar no Brasil. Todavia, não focam nos pontos de Preto Velho, Caboclo, o Hino dos Orixás e da Umbanda, Malandro, Pomba Gira, Cigano e Baiano. Dentre os trabalhos de dissertação que encontramos, três deles citam os pontos cantados de Malandro e Pomba Gira. O primeiro deles, em um dos capítulos, estuda os pontos cantados, junto com os pontos riscados, intitulado *A umbanda em Fortaleza:* análise dos significados presentes nos pontos cantados e riscados nos rituais religiosos, de Linconly Jesus Alencar Pereira, Mestre em educação pela Universidade Federal do Ceará. Nela, o autor nos conta de onde vem o interesse em estudar os pontos cantados e riscados da Umbanda, entendendo estes como um meio de contar a história de nossos antepassados. A dissertação "*Boa noite, pra quem é de boa noite"! Os caminhos da malandragem nos pontos cantados de Umbanda*, de Ana Paula Silva de Oliveira, trabalha com pontos de Malandro, fazendo uma

análise dos pontos cantados como forma ritualística da Umbanda, nos trabalhos de transes e possessões. Outra dissertação analisa dos pontos de Pomba Gira e as questões femininas, neste caso a Pomba Gira sendo vista como prostituta, com o título: *"Na boca de quem não presta...":* pontos cantados de pomba-gira – uma proposta de análise, de Aleksandra Stambowisky de Carvalho. Há, ainda, uma dissertação que estuda o patrimônio imaterial em um dos seus capítulos. Observamos, além disso, que os livros encontrados falam sobre a Umbanda de forma geral, não detalhando, assim, o objeto deste trabalho. Nosso objetivo aqui é tentar apresentar as entidades presentes nos pontos cantados, de forma a levar o leitor à compreensão de possíveis sentidos das letras dos pontos, tão presentes no universo Umbandista. Objetivamos apresentar de forma sucinta as entidades e algumas interpretações dos elementos da composição poética das canções.

Trataremos, também, dos patrimônios material e imaterial existentes na Umbanda, como meios que proporcionam o acontecimento das giras e trabalhos nos terreiros, mostrando um pouco dos materiais usados, além de esclarecer alguns termos poucos conhecidos pelo público em geral, como, por exemplo, o conceito de guias, médium, defumação, entre outros. Para isso, foram selecionados oito pontos cantados, os principais utilizados nas sessões de Umbanda.

Como bolsista de Mestrado da Prefeitura de Três Corações e da FCTE e tendo como parâmetro a Lei 10.639/03, que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, é importante aprofundar a presente temática, visto que a grande maioria dos professores não estão preparados para fazer um trabalho consistente e efetivo em sala de aula.

Apresentaremos, no primeiro capítulo, a Umbanda, sua formação e de seus rituais, mostrando as religiões que contribuíram para a formação da Umbanda. No segundo capítulo, trataremos da Umbanda como patrimônio material, ou seja, objetos usados nas sessões, além de apresentarmos alguns conceitos da Umbanda como o próprio terreiro e sua disposição, as entidades, etc. Falaremos também da questão imaterial, mostrando elementos fundamentais para os rituais acontecerem. Neste contexto, o sincretismo religioso, tão presente na Umbanda, é considerado como um dos elementos que compõem a cultura imaterial. No terceiro capítulo, entramos nos comentários dos pontos cantados, item fundamental desta pesquisa, visto que os pontos cantados são muito importantes numa sessão umbandista.

Por fim, apresentaremos um glossário com termos que são peculiares da Umbanda ou do Candomblé, uma vez que o Candomblé teve influência direta na Umbanda. Tais termos não são de uso comum. Por este motivo, o glossário contribui para maior entendimento do texto.

1. A UMBANDA

A Umbanda é uma religião de influência africana, que cultua entidades que já passaram pela Terra e, através da espiritualidade, voltam para auxiliar os trabalhos nos terreiros umbandistas. Além disso, cultuam-se também os Orixás do Candomblé, absorvendo toda a energia dessas divindades candomblecistas. Muitos autores, como por exemplo, Ligiero e Dandara (1998), Rubens Saraceni (2014), entre outros acreditam na história de Zélio de Morais na fundação da Umbanda. Zélio de Morais, um jovem estudante, prestes a ingressar na escola naval, começa a passar por acontecimentos estranhos, segundo Saraceni, citado por Sá Júnior, no artigo "A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda":

> Ora ele assumia a estranha postura de um velho, falando coisas aparentemente desconexas, como se fosse outra pessoa e que havia vivido em outra época, e, em outras ocasiões, sua forma física lembrava um felino lépido e desembaraçado, que parecia conhecer todos os segredos da natureza, os animais e as plantas. (SARACENI, 2003 apud SÁ JUNIOR, 2012, p. 4)

A família do jovem foi orientada a procurar a medicina. Contudo, foi em vão, já que os exames não acusaram nenhum problema de saúde. Os médicos sugeriram procurar um padre, pois pensavam que ele pudesse estar "endemoniado". Em 1908, Zélio teve o primeiro contato com o espiritismo, quando incorporou um Caboclo, até então conhecido como Caboclo das Sete Encruzilhadas, a entidade conhecida como a fundadora da Umbanda. Segundo Bruno Faria Rohde, no artigo "Umbanda, uma Religião que não *Nasceu*: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante, na Interpretação do Universo Umbandista", numa das mesas em que Zélio visitou na ocasião Kardecista, alguns médiuns presentes começaram a incorporar espíritos de Pretos Velhos e Caboclos, sendo educadamente convidados a ir embora, por serem considerados espíritos inferiores pelos Kardecistas: *"*Foi então que *baixou* pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas, proferindo um discurso de defesa das entidades que ali estavam presentes, já que estavam sendo discriminadas pela diferença de cor e classe social" (GIUMBELLI 2002 apud ROHDE, 2009, p. 80, grifo do autor). Conforme Rohde,

> Os dirigentes da reunião espírita tentaram afastar o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando então este avisou que, se não havia espaço ali para manifestação dos espíritos de negros e índios considerados atrasados, seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer seus trabalhos espirituais e passar suas

> mensagens. Às 20 horas do dia seguinte, 16 de novembro de 1908, em meio a uma pequena multidão de amigos, parentes, curiosos e kardecistas incrédulos que se aglomeravam na casa de Zélio, *baixou* novamente o caboclo referido e declarou que se iniciava a partir de então uma nova religião na qual pretos velhos e caboclos poderiam *trabalhar*. Determinou também que a prática da caridade seria a característica principal do culto; que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre maior Jesus; que o uniforme utilizado pelos médiuns deveria ser branco; que todos os atendimentos seriam gratuitos; e que a religião se chamaria *umbanda*. Além disso, fundou naquele dia aquela que, nesta narrativa, é descrita como a primeira tenda de umbanda da história, a *Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.* (GIUMBELLI 2002, apud ROHDE, 2009, p. 80- 81, grifo do autor)

A entidade ainda avisa sobre uma reunião que ocorreria no dia seguinte, na casa de Zélio, conhecida como Tenda Nossa Senhora da Piedade, situada no Rio de Janeiro. Após dez anos da fundação da primeira Tenda Umbandista, em aproximadamente 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas mandou fundar mais sete tendas umbandistas, ampliando a religião.

A Umbanda é uma religião totalmente brasileira, que mistura a sabedoria dos indígenas, espíritas kardecistas e católicos, além de nos apresentar alguns elementos africanos, originários do Candomblé, como a vestimenta branca, as guias (colares) usadas pelos médiuns, os Orixás que são cultuados tanto no Candomblé quanto na Umbanda, e os pontos cantados, que, aos poucos, foram ganhando espaço nas sessões de Umbanda, por influência do Candomblé. A Umbanda é ambientalista, segue a cultura local. Dessa forma, promove encontros multirreligiosos inter-raciais, além de ocasionar contatos entre pessoas de diferentes classes sociais e distintas bagagens culturais.

A Umbanda começou a ser difundida no Brasil por volta dos anos 1920 e 1930, quando kardecistas da classe média mesclaram suas práticas com elementos de tradição religiosa africana, catolicismo e as tradições dos indígenas. O Brasil, nesta época, passa por um processo de miscigenação[3]. "A Umbanda é criada num contexto de valorização do 'ser brasileiro'[...] com maior abertura às formas populares afro-brasileiras" (NASCIMENTO, 2010, p. 937). A Umbanda remonta suas origens ao culto às entidades africanas, por exemplo, o Preto Velho (espírito dos negros escravizados), aos santos católicos e entidades que foram acrescentadas por influência kardecista, assim representando o sincretismo religioso. De acordo com Rosseto,

[3] Os povos oriundos da África eram representados como anormais e corrompidos por serem de uma terra imoral, cheia de pecados e isso resultava no fato de só saberem beber e fornicar. (OLIVEIRA, 2008, p. 16).

> Todo o processo de sincretismo das religiões negras com outras religiões se iniciou na própria África, já no contato com o islamismo[4], seguindo-se a obra de expansão cristã dos missionários europeus e por último o próprio dinamismo cultural no continente africano. As religiões que chegaram ao Brasil no período do comércio de escravos já não eram puras, mas se encontravam misturadas. Dentro dessa perspectiva, é importante observar que os negros não abandonaram a sua religião, mas se apropriaram de determinados aspectos do catolicismo, como forma de ocultar a sua crença africana. (ROSSETO, 2016, p. 12)

A Umbanda nasce na fase em que o Brasil passa por mudanças urbano-industriais e de classes. "As crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira" (ORTIZ, 1991, p. 15). A religião transforma elementos afro-brasileiros em brasileiros, uma vez que a África deixa de ser sua fonte de inspiração. Renato Ortiz estuda a Umbanda sob dois focos: o embranquecimento do negro e o empretecimento do branco. O termo embranquecer simboliza a ascensão social do negro, aceitando os valores impostos pelos brancos. Já com relação ao termo empretecimento, o branco caminha em direção às crenças afro-brasileiras (ORTIZ, 1991, p.16).

Cavalcanti Bandeira, para explicar o ritual umbandista, foca nos quatro tipos de rituais existentes (1970 apud ORTIZ, 1991, p. 93): 1- Espiritualista: ritual em que não se usa uniforme, não trabalha com músicas e pontos riscados e não aceitam imagens; 2- Ritualista, com o uso de uniforme obrigatório, música e dança muito presentes, aceitam imagens e fazem entregas no mar e nos rios, uso de roupas brancas; 3- Ritmada, onde entram os instrumentos de percussão, assentos de orixás; e o terreiro, às vezes, segue os preceitos africanistas, como por exemplo, não comer carne vermelha em dias de sessões espirituais; 4- Ritualista e ritmada, presente na maioria dos terreiros umbandistas, tem utilização permanente de instrumentos de percussão, as roupas podem ser coloridas, existe a consagração aos atabaques (instrumento de percussão). Cada tipo de ritual varia de acordo com os elementos presentes nas sessões. É importante ter em mente o sentido social que o ritual possui, dando ênfase a uma perspectiva sociológica na classificação ritualística.

Em um terreiro umbandista, de forma mais geral, havendo algumas variações de um terreiro para outro, existem dois tipos de sessões: a de desenvolvimento mediúnico e a de

[4] É inegável o impacto que a presença europeia, a colonização e o posterior imperialismo dos séculos XIX e início do XX trouxeram à África. Contudo, um fenômeno muito mais antigo, surgido externamente, mas rapidamente introjetado e transculturado em boa parte do continente africano, coloca-se desde meados do século VII: o islamismo. Esta religião para mais que sua conformação metafísica ou espiritual, carregava consigo novas práticas e propostas culturais e políticas (SILVA, 2012, p. 17).

caridade (ORTIZ, 1991, p. 104). No primeiro, os médiuns são trabalhados para aprender a domesticar seus guias espirituais, no momento da incorporação. No segundo, os visitantes entram em contato direto com os espíritos, através dos médiuns incorporados. É feita a defumação do ambiente, no qual é colocada para fora do terreiro toda energia negativa. Em seguida, alguém da casa faz uma leitura de um texto, com mensagens de resignação e caridade, e então se iniciam os trabalhos com as entidades, que "descem" do plano espiritual, para ajudar as pessoas da assistência, que procuram ajuda, ou querem apenas receber o passe mediúnico (ou benzeção). De acordo com Ortiz, "O passe é um tipo de prática mágica de origem espírita que tem por finalidade expulsar os maus fluidos do corpo das pessoas. Ele é de natureza essencialmente mecânica e situa-se aquém das consultas, pois o cliente não conversa com os espíritos" (ORTIZ, 1991, p. 108).

Em alguns terreiros onde há interação dos espíritos com os visitantes, a passagem do espaço profano, que é onde ficam os consulentes, para o espaço sagrado, local onde ficam o altar e os médiuns, existem alguns cuidados a serem tomados, como, por exemplo, a retirada dos sapatos, relógios, óculos, entre outros acessórios que possam interferir no atendimento. Durante toda a sessão, os cantos não param. Eles são sustentados pelos ogãs, que não recebem as suas entidades. Quando a sessão termina, as entidades "sobem" para o plano astral, na ordem inversa que desceram, o guia ou entidade do pai-de-santo ou chefe é o último a subir. Em seguida, rezam algumas preces e a sessão é encerrada (ORTIZ, 1991, p. 109).

Se, para a Umbanda, ocorreu, para além desta nominação, a assimilação do termo "espírita/ espiritismo", para o Espiritismo, aconteceu o contrário, através do fato de este ganhar uma nova alcunha, de "fora para dentro": "kardecismo" (remissão ao nome do codificador francês da doutrina/movimento, Kardec) ou "mesa-branca" (ligado ao fato de que os trabalhos de "incorporação" dos "espíritos" ocorrerem em volta de uma mesa); ambas, como uma maneira de diferenciação (CAMURÇA, 2017, p. 9-10).

Apesar de as duas religiões apresentarem características em comum, como a crença nos espíritos, há também divergências. O que existe é uma mistura por parte da Umbanda, que utiliza elementos do Kardecismo. Um exemplo disso são as curas espirituais, usadas nas duas religiões. Diferentemente da Umbanda, os kardecistas não aceitam os rituais das sessões umbandistas, pois julgam os espíritos de Caboclos e Pretos Velhos inferiores, ambas as entidades que participaram da formação do povo brasileiro, e que, ainda assim, sofrem com o preconceito existente até os dias de hoje. Os negros escravizados sofriam com o chamado aculturamento. Neste sentido, "[...] caberia ao africano se adaptar, mesmo que não

compreendesse a religião do branco e o seu deus, pois a sociedade que lhe era superior se compunha de brancos cristãos e se designava como única" (ROSSETO, 2016, p. 15).

Saraceni, em uma de suas obras, defende que é preciso conhecer o básico da Umbanda, para depois aprofundar os conhecimentos acerca dos fundamentos, rituais e elementos essenciais para o funcionamento de um terreiro umbandista. Como bem disse o Caboclo das Sete Encruzilhadas, a Umbanda é a manifestação do espírito para praticar a caridade. Retomemos a afirmação do caboclo, nas palavras de Saraceni: "Parece pouco, mas é muito. Atendimento caritativo é a base doutrinária da religião, sem nenhuma forma de preconceito com relação às entidades que se manifestam. Quem lançou a pedra fundamental da religião foi um espírito que teve muitas encarnações [...]" (SARACENI, 2012, p. 9).

A Umbanda não possui dogmas, ou seja, verdades inquestionáveis sobre seus rituais. Ela é democrática e aceita os mais diversos espíritos em seus trabalhos, como por exemplo, ex-escravos, que são os Pretos Velhos e ex-indígenas, que são os Caboclos. Essas entidades ou espíritos são considerados inferiores na visão kardecista, e na Umbanda elas ganham espaço para praticar a caridade. Nesta direção, a Umbanda acolhe todas as pessoas que a procuram, especialmente "[...] as pessoas excluídas, as minorias, os segregados, os rejeitados, os menos favorecidos [...]" (SARACENI, 2012, p. 18).

É importante sempre lembrar que a Umbanda cultua as entidades e os Orixás, mas, apesar disso, é uma religião monoteísta, já que acredita em um Deus supremo que criou todo o universo. Outro ponto importante a ser mencionado é a hierarquia que existe na religião, explicada por Saraceni: "Olorum manifesta-se por meio das suas qualidades divinas. Em cada uma das suas qualidades Ele gera um Orixá, que por sua vez traz em si todas as qualidades do Olorum e gera-as em suas hierarquias divinas, naturais e espirituais" (SARACENI, 2012, p. 32).

Dessa hierarquia surgem as Oxuns, Iemanjás, os Oguns, que são as qualidades do Orixá, que, por sua vez, herdaram qualidades de Olorum. Enfim, a Umbanda é monoteísta, mas acredita em um vasto universo espiritual.

Podemos mencionar algumas influências que a Umbanda sofreu desde sua fundação. A primeira que iremos citar é a principal delas: o Candomblé. Podemos destacar a importância do branqueamento por que passaram os negros, conforme Bento (2002, p. 5), que se dá quando o negro não aceita suas condições de negro e tenta identificar- se como branco. O branco é visto como "[...] modelo universal de humanidade, alvo de inveja e o desejo dos outros grupos raciais não brancos" (BENTO, 2002, p. 5). Ainda nos dias de hoje, podemos vivenciar situações como esta, no momento em que, perguntados, os indivíduos não sabem

identificar sua raça/etnia. As religiões com influência africana passaram por muitas transformações, representando uma instituição de resistência cultural, dos africanos e dos afrodescendentes, além de "[...] resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após a abolição da escravatura" (PRANDI, 2004, p. 2).

A estrutura social atual continuava a ação desagregadora do regime escravagista. Segundo o Censo de 2000, pouco mais de 470 mil brasileiros declaram-se das religiões de influência africana. As pesquisas revelam, ainda, que as religiões africanas estão em declínio, por diminuição dos adeptos e por se julgarem espíritas ou católicos, aqueles que ainda frequentam os terreiros, tanto de Umbanda quanto de Candomblé.

Desde o início, as religiões com influência africana se construíram através do sincretismo, ou seja, a ligação entre os Orixás e os Santos Católicos, entre outros elementos de outras religiões. "Todo o processo de sincretismo das religiões negras com outras religiões se iniciou na própria África" (ROSSETO, 2016, p. 12). O Candomblé tem a natureza como base, conforme Rehbein:

> Essa força manifesta-se no ciclone e na tempestade, na cólera dos deuses, na coragem e inteligência dos chefes, na árvore gigantesca e na agressividade dos carnívoros; encontra-se em toda parte, é vida e energia, uma realidade dinâmica, concreta e mística; é o princípio que torna possível todo o processo vital. Reside no sangue dos seres vivos e nas substâncias essenciais de cada um dos seres, animados ou não, que compõem o mundo. (REHBEIN, 1985, p. 202-203)

É uma religião monoteísta. A palavra Candomblé tem origem da junção das palavras Kandombe-Mbele, que significa "pequena casa de iniciação dos negros". O Candomblé é uma religião que cultua os orixás e é "praticada em países como Uruguai, Argentina e Venezuela" (NASCIMENTO, 2010, p. 934). Conforme Pereira e Carvalho:

> Todos esses cultos são baseados na possessão dos crentes (iniciados ou não) pelos Orixás ou pelas Entidades (espíritos de mortos). O Candomblé mais tradicional (nagô ou jeje) cultua orixás – espíritos da natureza (água, vento, raio, trovão, arco-íris, folhas, etc., ou seja, os representantes e donos das vibrações dessas forças [axé] e fenômenos naturais, além dos das atividades de manutenção e guerreiras). Sua sacerdotisa é a Iaô (mais raramente masculino), iniciada e camarinha [ronco] por tempo variável. Cada Iaô tem apenas um orixá dono de sua cabeça, o qual ela cultua e a que protege. Exu é o princípio de comunicação entre o mundo real [Àiyé] e o além [Òrum] e entre tudo que existe. O culto aos antepassados é realizado, no terreiro, em casa à parte, ou em terreiro especial (dos Eguns), pelos crentes do ritual keto [e de outras nações também]. O candomblé de angola adotou alguns orixás

> nagôs, mas difere um pouco nas cores, rituais, atabaques, ritmos (toques), etc. Cada filha ou filho pode ter o orixá principal e o junto (adjunto) e ainda receber (ser possuído por) vários outros. O Deus Criador onipotente é Zambi que, como o Olorun nagô, não tem representação nem culto organizado [...]. (PEREIRA; CARVALHO, 200?, p. 11).

O Candomblé é um culto às figurações dos Orixás que vêm da África para o Brasil, tornando os terreiros um ambiente onde o sagrado e profano se tocam e trocam energia. O terreiro é sagrado e místico, no tocante às incorporações dos ancestrais. Neste aspecto, podemos pensar um pouco na importância da música nos trabalhos do Candomblé. A música e a dança "[...] expressam o caráter do Orixá e acontecimentos de sua vida" (LUHNING, 1990, p. 117). As letras das músicas tratam sobre as qualidades e as falhas dos Orixás, servindo de exemplo para os seres humanos. Através da música, conhecemos o conteúdo histórico e literário da tradição oral, o principal canal de comunicação do Candomblé e da Umbanda. Conforme Luhning,

> Música, dança e letra, por outro lado, estão intrinsecamente ligadas ao estado de transe, no Candomblé comumente chamado de "estado-de-santo". Neste estado, o Orixá, que é o dono da cabeça da filha-de-santo em questão, apodera- se do corpo dela para mostrar, através da dança, como ela era em vida, e o que fazia - como as pessoas de Candomblé costumam dizer. (LUHNING, 1990, p. 117).

Esta religião se expande após a escravidão, sendo vista como reinvenção da África no Brasil, na tentativa de reelaborar a identidade social e religiosa. No processo de transformação do Candomblé, sendo visto como "religião universal" (PRANDI, 2004, p. 5), houve uma mudança de cunho intelectual, em que os frequentadores reaprenderam as línguas africanas; restauração de cerimoniais e um elemento principal, a dessincretização, assim se tornando independente do catolicismo. Nas palavras de Prandi:

> Em seu processo de transformação em religião universal, isto é, religião que se oferece para todos, o candomblé conheceu o que chamamos de movimento de africanização, que implica certas reformas de orientação fortemente intelectual, como o reaprendizado das línguas africanas esquecidas ao longo de um século, a recuperação da mitologia dos deuses africanos, que em parte também se perdeu nesses anos todos de Brasil, e a restauração de cerimoniais africanos (PRANDI, 1991 e 2000). Um elemento importante do movimento de africanização do candomblé e sua constituição como religião autônoma inserida no mercado religioso é o processo de dessincretização, com o abandono de símbolos, práticas e crenças de origem católica. É a descatolização do candomblé, que se descentra do catolicismo e se assume como religião autônoma. (PRANDI, 1991 e 2000 apud PRANDI, 2004, p. 5)

Quanto mais o Candomblé vai crescendo, mais vão desaparecendo os rituais católicos. Um membro do Candomblé pode até frequentar ritos católicos, mas não obrigatoriamente. Prandi (2004, p. 8) considera que o Candomblé está em expansão. É certo que a maioria dos membros do Candomblé é pobre, mas a classe média já está adentrando esse território. No terreiro, aprende-se sobre o valor do conhecimento religioso. Nos terreiros, os pais e mães de santo têm autonomia administrativa, assim "[...] cada comunidade de culto é livre para experimentar inovações ou retornar a formas anteriores, incorporando práticas que para outros da mesma religião podem não fazer o menor sentido" (PRANDI, 2004, p. 13). Para Gonçalves e Oliveira:

> Seja pela incorporação de adeptos oriundos da umbanda seja pela atração de novos, o fato é que o candomblé cresce tanto para dentro quanto para fora do campo religioso afro-brasileiro. Nesse processo, atrai para as suas fileiras um novo tipo de adepto, branco, escolarizado e oriundo das camadas médias da sociedade. Paradoxalmente, a presença desse novo segmento de adeptos não significou um branqueamento dessas tradições religiosas. Pelo contrário, em sua busca pelo autêntico e pelo diferente (em relação à experiência religiosa patrocinada pelas igrejas tradicionalmente estabelecidas), esses novos adeptos tendem a estar entre os mais interessados na preservação/recriação dos aspectos africanos da religião. (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2011, p. 137)

Em síntese, o Candomblé contribuiu para a formação da Umbanda, através de seus Orixás, de suas músicas e danças. Além disso, deixou como herança para a Umbanda as oferendas, que se originaram na África, quando os deuses faziam sacrifícios e recebiam as oferendas. A Umbanda carrega até os dias de hoje essa tradição de ofertar comida aos Orixás ou joias, animais, etc. às entidades.

A tradição Kongo ou oral também está muito presente na Umbanda, através das músicas, pontos riscados, pemba, plantas e ervas. A tradição Iorubá é uma das mais importantes do continente Africano, se apoiando integralmente na oralidade, "[...] de onde o povo extrai a base fundamental para preservar seu legado [...]" (SANTANA, 2019, s/p). Sendo a mais compreendida pelos brasileiros, organizou-se para fugir da escravidão.

Uma outra influência importante também para a Umbanda é o Kardecismo, uma doutrina que acredita na comunicação com o mundo espiritual e, assim como a Umbanda, trabalha com espíritos de antepassados. O espiritismo, de acordo com Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* é uma ciência que tenta provar aos homens que existe um

plano espiritual, de onde viemos e para onde retornamos, até uma nova reencarnação. Conforme Kardec,

> O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até hoje incompreendidos, por isso mesmo, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. (KARDEC, 2011, p. 56-57)

O advento do Espiritismo ocorreu no século XIX, quando o professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail codificou a doutrina, usando o pseudônimo Allan Kardec. Ele foi autor de outros livros como *O que é o Espiritismo* (1859), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O céu e o inferno (*1865), *A Gênese* (1868). Após sua morte, foi publicado, em 1890, o livro *Obras Póstumas*- coletânea de escritos do Codificador do Espiritismo.

O termo Espiritismo foi criado por Allan Kardec, mencionado na introdução de *O Livro dos Espíritos.* Existem outros termos usados atualmente como, por exemplo, Espiritualista. Esse termo designa a crença de que existe alguma coisa a mais do que somente a matéria. Os que acreditam *"*[...] *na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível"*, (KARDEC, 2010, p. 26, grifos do autor) podem ser chamados de Espíritas. O Espiritismo pode ser considerado uma ciência de observação, que estabelece relações entre o ser humano e os espíritos. Nas palavras de Kardec, "[...] podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal" (KARDEC, 2010, p. 26, grifos do autor). Para Ortiz (1991, p. 85), a Umbanda, assim como o Kardecismo, acredita na reencarnação. Acredita-se que a reencarnação tem como finalidade o resgate de erros do passado, para que a evolução espiritual aconteça. Segundo Kardec, no *Livro dos Espíritos*, há dois tipos de reencarnação: a expiação, que é a que ocorre com a maioria das pessoas, pois de acordo com o autor, "Deus lhes deu, a cada um, uma missão por meio do qual eles poderiam se aperfeiçoar". Existe também a reencarnação missionária, que ocorre quando um indivíduo é escolhido para vir à Terra, como um messias. (KARDEC apud ORTIZ, 1991, p. 86).

Nas cerimônias Kardecistas, embora proibidas ao público, há manifestações de espíritos sofredores buscando um aconselhamento ou iluminados trazendo ânimo. Ocorre que a formalidade desses ritos foi de encontro com as incorporações de espíritos mais antigos

como os dos Pretos Velhos que foram rechaçados por não representarem uma postura mais polida. Esse também foi uma das principais motivações para um novo grupo se formar: A Umbanda, que de acordo com Ortiz,

> [...] as crenças afro-brasileiras se impregnaram do espiritismo Kardecista e do mundo branco [...], e tem a influência do catolicismo como sendo intrínseca a estes dois tipos de religião. Com efeito, apesar das diferenças, as práticas afro-brasileiras são marcadas pelo catolicismo, do mesmo modo que o espiritismo de Allan Kardec aplica a moral cristã ao mundo dos espíritos. (ORTIZ, 1991, p. 34).

Portanto, o Kardecismo colaborou e colabora com os transes, as possessões, o estudo do Evangelho de acordo com o Espiritismo. Como nos centros Kardecistas, nos terreiros umbandistas também há comunicação dos encarnados (vivos) com os desencarnados (mortos). Há, também, o respeito pelo mundo espiritual e a hierarquia dos espíritos mais ou menos evoluídos.

O Catolicismo também colaborou muito com a formação da Umbanda, pois os santos católicos são utilizados nas sessões de Umbanda, com nomes diferentes, mas representando os mesmos santos, como, por exemplo, São Jorge que, na Umbanda, é Ogum. Há também Santa Bárbara, que faz referência a Iansã, entre outros. O catolicismo, segundo o Censo de 2000, é a religião majoritária no Brasil, com cerca de 125 milhões de membros, ou seja, 73,8% da população. Porém, a partir dos anos de 1980, houve um declínio na porcentagem de Católicos no Brasil. De acordo com Faustino Teixeira (2005, p. 15), a partir dos anos 80, a porcentagem caiu de 90% em 1980 para 83,3% em 1991 e 73,3% em 2000. O Censo de 2000 também revela o crescimento da Igreja Evangélica e das pessoas sem religião. A Igreja Católica, de acordo com Teixeira, está perdendo sua hegemonia, além de haver "[...] hoje no Brasil o início de um processo de diversificação religiosa [...]" (TEIXEIRA, 2005, p. 16). Neste processo de diminuição de quem se diz praticante do Catolicismo, a Umbanda também aumentou seus fiéis. Segundo Renato Ortiz, sobre o crescimento da Umbanda, "[...] observa-se que a maioria dos adeptos umbandistas provém do ramo católico: sobre um total de 590 pessoas interrogadas, 81,5% declararam o catolicismo como religião anterior" (ORTIZ, 1991, p. 63).

Vale lembrar que os dados acima foram apurados nos anos 1990, mas servem como exemplo de como a Umbanda vem crescendo ao longo dos anos. A religião umbandista vive hoje, ainda, momentos de preconceito por parte dos que não a conhecem. Ainda hoje, existe quem pense que ela é apenas constituída de elementos supersticiosos, ou que existe somente

para fazer mal aos outros, que “é coisa do diabo”. Enfim, não vamos entrar nesse campo de pensamento, mas seguiremos defendendo que a Umbanda é uma religião como tantas outras.

Há uma diversidade dentro do Catolicismo, não deixando margem para se pensar em catolicismo homogêneo. Podemos mencionar o santorial, o erudito ou oficial, o dos reafiliados e o midiático. O santorial é o mais tradicional: sua característica principal é o culto aos Santos. Conforme Teixeira,

> Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida. (TEIXEIRA, 2005, p.17).

O Santo entra na vida das pessoas de forma muito íntima. São chamados para resolver problemas financeiros, amorosos e de ordem pessoal, uma intimidade que “[...] chega até mesmo à imposição de certas punições, como santo de cabeça para baixo, santo fora de sua capela, santo voltado para as paredes” (TEIXEIRA, 2005, p. 18). Assim como na Igreja Católica, na Umbanda também existe a Trindade, constituída por Obatalá (pai), Oxalá (filho) e Ifá (orixá de destino nos cultos afro-brasileiros). Além dos santos, a Umbanda também utiliza o rosário da Igreja Católica, as velas, crucifixos, amuletos, que são itens importantes no sincretismo presente entre a Umbanda e o Catolicismo.

Neste contexto de incertezas, o Catolicismo de reafiliação que, de acordo com Teixeira, é a volta dos fiéis à igreja, vem para captar membros e valores para a religião. Nesta dinâmica de reaproximação de fiéis, de acordo com Teixeira,

> De um lado, insere-se numa estratégia de clara afirmação identitária e de zelo pela doutrina Católica tradicional; de outro, favorece uma dinâmica espiritual que acaba incidindo numa perspectiva de auto-nomização e transversalidade com respeito ao catolicismo oficial. (TEIXEIRA, 2005, p. 20).

Enfim, o catolicismo influencia e deixa marcas na Umbanda, como a utilização dos Santos, o uso de velas constante, o terço ou rosário, os grupos de oração (novenas, terços em casa). Da mesma maneira de incluem, também, a hierarquia dos Santos e o principal: a adoração a Jesus.

Na Umbanda existem também divisões importantes. Todas oferecem elementos materiais e não materiais para que os rituais umbandistas aconteçam. A tradição Ameríndia é

uma delas, tendo os indígenas como Caboclos, em que a alma do índio era convertida em fé cristã. A história e a vida dos Ameríndios passam a ser contadas nos livros, a partir da chegada dos europeus no Brasil. De acordo com Boris Fausto (2002, p. 14), "[...] os europeus chegaram à terra que viria a ser o Brasil, encontraram uma população ameríndia bastante homogênea em termos culturais e linguísticos, distribuídos ao longo da costa e na bacia dos rios Paraná-Paranaguai" (FAUSTO, 2002, p. 14). Mesmo com a homogeneidade, existiam dois grandes grupos: os Tupis-guaranis e os Tapuias e, em algumas partes do litoral, também havia os Goitacazes, os Aimorés e os Tremembés. Segundo Fausto, é difícil analisar a população indígena, pois a cultura deles é muito diferente da nossa, além da falta de dados pela dificuldade de obtenção. Os números não batem e não se sabe ao certo os números de tribos existentes.

Os Tupis-guaranis praticavam a caça, a coleta de frutas, a pesca e a agricultura, sendo que, para a última atividade, eles derrubavam as árvores e queimavam a área a ser plantada. Sua principal plantação era a mandioca, que virava a farinha, além de feijão, milho e abóbora. Cada aldeia produzia para suprir suas necessidades. Existia contato entre as tribos, "[...] para a troca de mulheres e de bens de luxo, como penas de tucano e pedras para se fazer botoque" (FAUSTO, 2002, p. 15). Ainda conforme o autor,

> A chegada dos portugueses representou para os índios uma verdadeira catástrofe. Vindos de muito longe, com enormes embarcações, os portugueses e em especial os padres foram associados na imaginação dos Tupis aos grandes xamãs, que andavam pela terra, de aldeia em aldeia, curando, profetizando e falando de uma terra de abundância. Os brancos eram ao mesmo tempo respeitados, temidos e odiados, como homens dotados de poderes especiais. (FAUSTO, 2002, p. 16).

Não existia uma nação indígena. Os grupos eram dispersos, alguns em conflitos. Com isso, os portugueses encontraram aliados na luta contra os grupos mais resistentes. A forma que os indígenas encontraram de resistir aos colonizadores foi o isolamento, se deslocando para lugares mais pobres. Os que não resistiram, acabaram sofrendo com a violência cultural e estrutural. Violência estrutural ocorre quando não há um ator praticando a violência, pois ela é um processo em que, de acordo com Thomas Conti,

> Enquanto a violência direta é um *acontecimento ou evento*, a violência estrutural é um *processo* onde o sujeito que pratica a ação ou não existe, ou não é claro ou não é relevante para o processo em questão, e a violência

> pode emergir como consequência do processo mesmo se não conseguirmos discernir uma intenção violenta. (CONTI, 2016, s.p, grifo do autor).

O autor traz o exemplo da escravidão como uma instituição. A violência cultural aparece como legitimadora de uma violência, podendo estar embutida na linguagem, nos aspectos simbólicos de nossa existência, tendo como exemplo a religião, a ideologia, a arte, a ciência. É preciso ter em mente que a cultura de um povo é muito ampla, assim como o próprio conceito de cultura, "dizer que um gênero musical inteiro é culpado por certo problema, ou que uma religião inteira provoca tal outro problema, etc." (CONTI, 2016, s.p.).

A Pajelança caminha ao lado da Umbanda, utilizando ervas como remédios naturais para a cura de muitos males. Após a chegada dos navegadores no Brasil, houve uma tentativa de nomear o povo nativo. Eles receberam nomes como nativo americano, indígenas e índios. Ainda não é certa a forma como eles chegaram aqui, mas a teoria mais aceita é de que vieram do Estreito de Bering, no Norte da Ásia. O nome índio veio da descoberta de Cristóvão Colombo, que pensou ter descoberto as Índias, por isto o nome dado de índios. Os ameríndios descendem de três correntes do leste asiático, de acordo com alguns historiadores, e grande parte dos ameríndios descendem de uma ancestralidade única.

Resumindo, os ameríndios — que são os indígenas — contribuíram com a sabedoria, o uso das ervas medicinais, a valentia e coragem. Além disso, estão presentes em todas as sessões de Umbanda, auxiliando nos passes, desobsessões, purificação do ambiente e desenvolvimento dos médiuns.

A Maçonaria se apresenta como entidade apolítica, que junta pessoas de várias raças/etnias e credos, utilizando alguns elementos esotéricos, como a alquimia, que tinha como objetivo a purificação da alma, segundo Angel Espinoza, "[...] a origem de todas as coisas é a luz que emana de um centro, mas ao mesmo tempo parte em todos os lugares [...]" (ESPINOZA, 2012, s/p). E, por fim, há os orientais, que fazem oferendas de frutas e flores às entidades, e possuem a cultura de que temos que sofrer aqui na terra, para obtermos a salvação espiritual (LIGIERO; DANDARA, 1998, p. 56). Em suma, a Maçonaria tem em comum com a Umbanda a questão de aceitar as pessoas de diferentes opiniões e visões sobre o mundo, sempre buscando algo em comum, que é a caridade.

Podemos identificar, ainda, algumas subdivisões na Umbanda. Os ciganos são fiéis de muitas religiões, possuem uma forma anarquista de viver, sendo vistos como ameaça ao estado. O vegetalismo consiste em práticas ritualísticas que fazem uso de plantas para a incorporação de espíritos. A medicina popular trabalha com práticas de cura via mística-

espirituais. Os espíritos dos ancestrais e a comunicação com eles estão presentes em toda a África e também nos terreiros brasileiros de Umbanda. Os africanos acreditam que os brancos também poderiam entrar em contato com seus antepassados (LIGIERO; DANDARA, 1998, p. 73).

Assim, o Catolicismo, o Candomblé, o Kardecismo, as tradições indígenas, além de outras religiões vão contribuir na formação da religião Umbandista. Daí surge o sincretismo religioso, já que reúne crenças e ritos de várias religiões em uma só. O próprio sincretismo religioso presente na Umbanda será considerado patrimônio imaterial. A Cultura Material e a Imaterial serão tema do próximo capítulo.

2. A UMBANDA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL[5]

No combate à massificação, à homogeneização e à padronização cultural, decorrentes da globalização cultural, é fundamental resgatar a diversidade de recursos simbólicos que origina identidade cultural, especialmente aos grupos minoritários. Assim, o patrimônio material e imaterial é uma forma de preservar, proteger os registros daquilo que foi mantido pela tradição e identificar um grupo. Com isso, respeitam-se as diferenças culturais. Dentre os elementos da Umbanda que fazem parte do patrimônio cultural material e imaterial, dando identidade ao povo negro, destaca-se o sincretismo religioso, que incorpora elementos de várias religiões Porém, por misturar várias crenças, apresenta uma religiosidade diferente daquelas que contribuíram para sua origem, como, por exemplo: o culto com todo o ritual, a defumação para purificação, as entidades também chamadas de guias espirituais, que protegem quem pede proteção, a roupa branca usada pelos médiuns na cerimônia e, os pontos cantados acompanhados pelos atabaques, que são usados nos trabalhos de transes e possessões.

A Umbanda reúne elementos do Candomblé, Catolicismo, Kardecismo e das tradições indígenas, o que a torna patrimônio cultural material e imaterial, visto toda a origem cultural, social e religiosa brasileira, sendo então, genuinamente brasileira e considerada como a religião de todos os povos, além de trazer a identidade dos negros escravizados como legado para as gerações mais jovens, o que desencadeia o respeito por essa cultura tão rica que deve ser preservada. Hoje, a Lei 10.639/03 prevê a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas, sendo importante aprofundar os estudos sobre elementos que compõem a cultura material e imaterial da Umbanda. Todavia, a grande maioria dos professores não está preparada para fazer um trabalho consistente e efetivo em sala de aula, evolvendo a temática dos povos que foram escravizados (BALDIOTTI; SANTANA, 2020, p. 11).

Os patrimônios são bens culturais materiais e imateriais reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil. São transmitidos de geração em geração, gerando uma continuidade, promovendo o respeito à diversidade cultural. Conforme a UNESCO,

[5] Parte deste capítulo foi enviado para a Revista África e Africanidades e já foi publicado antes da defesa. Confira no link: <http://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/33/A%20umbanda%20como%20patrimonio%20cultural%20material.pdf?fbclid=IwAR1j7xVvICkTMUHB9Vqw7f6pZqKZhGUAziwx-s_pRjTDkBidz16tSNvi5Sc>. Acesso em: 20 abr. 2020.

> [...] considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio imaterial é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo-o e transmitindo-o. Assim, a Organização estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas (artistas, artesãos etc.) que encarnam, no grau máximo, as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material. (UNESCO, 2014, p. 1).

A política para a cultura no Ocidente tem como pilar a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Foram criadas instituições, leis e trabalhos de inventário, conservação de monumentos, perdurando até os dias atuais. A UNESCO tem a missão de defender os patrimônios culturais. No século XX, essa política de conservação atingiu países de tradição não ocidental, pois eles apresentam vasto patrimônio monumental. Houve a expansão da noção de patrimônio cultural, envolvendo os bens culturais materiais e imateriais. Na Constituição de 1988, existe uma concepção ampla de patrimônio cultural, de acordo com o que Cecília Londres elenca em seu texto, "O patrimônio histórico na sociedade contemporânea",

> I- As formas de expressão;
> II- Os modos de criar, fazer e viver;
> III- As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV- As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
> V- Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico, paleontológico e científico. (LONDRES, 2007, p. 161)

A participação da sociedade ainda caminha a passos lentos em direção à preservação de patrimônios, seja material ou imaterial. Segundo Londres (2007, p. 161), a participação de cidadãos em órgãos de patrimônio é ainda, no Brasil, bastante restrita. A mesma autora nos coloca uma pergunta fundamental: "Como se desperta um 'sentimento de patrimônio' junto à sociedade?" (LONDRES, 2007, p. 161). Ela mesma responde que cada sociedade tem seu modo de viver suas necessidades e desenvolverá um tipo de relação com o seu patrimônio.

O termo "patrimônio" deriva de família, referindo-se aos bens que são deixados de pais para filhos, chamados de herança. Assim também acontece com os patrimônios públicos, que são heranças de um povo, ultrapassando gerações:

> Nas sociedades ágrafas, em que não caberia uma distinção entre vida e cultura, as técnicas de transmissão da memória se confundem com o próprio

> modo de viver o cotidiano. Estamos falando de sociedades organizadas pela "força da tradição", em que gestos, palavras, rituais e práticas têm uma relação com o sagrado, com o mito. É o que os antropólogos chamam de memória vivida [...] Essa aparente fragilidade na transmissão da memória, que não se apoia em documentos ou outros bens materiais, caracterizaria, segundo uma concepção já superada, os "povos sem história". (LONDRES, 2007, p. 162-163)

Antes dos monumentos, existiram as relíquias sagradas, que, de alguma forma, guardavam lembranças de objetos ou restos de objetos relacionados a Jesus ou a santos. Com o surgimento da imprensa, no século XVIII, além dos textos escritos, outros bens materiais se tornam documentos de uma sociedade. Foram os estrangeiros que produziram as primeiras imagens do Brasil. Toda nossa cultura foi influenciada, se não ditada, pelos europeus. Para Cecília Londres, no texto "O patrimônio histórico na sociedade contemporânea", o estilo Barroco era visto como tosco, e foi se degradando. Foi então introduzida a preocupação com os bens culturais nas décadas de 1920 e 1930, um século após a independência e 40 anos da Abolição da Escravatura.

Na década de 1970, os critérios do IPHAN passam por uma reavaliação acerca da preservação dos bens culturais, entendendo que os patrimônios não eram apenas os monumentos, reconhecidos pela elite, mas também as manifestações culturais dos indígenas, negros, imigrantes, ou seja, das classes mais populares, passando a ser entendidas como referências culturais. O termo "referência" vem, etimologicamente, do verbo referir, pressupondo uma relação de dois termos. Quando dizemos que um indivíduo ou grupo perdeu suas referências, queremos dizer que ele caminha rumo ao desconhecido. O termo referência também passa a ser visto como verdade de um grupo, a referência cultural tem como base a antropologia, que enfatiza a diversidade de produção e o valor de cada sujeito social como produtor. Segundo Londres: "Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma 'identidade' da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos 'fazeres' e 'saberes', às crenças, hábitos, etc." (LONDRES, 2001, p. 87).

O Estado atribui a função aos intelectuais de cuidar, criar museus, arquivos, tombar bens, etc. Existem, na Constituição Federal, os artigos 215 e 216, que se referem à proteção do patrimônio, por parte do Estado, com colaboração da sociedade. No século XX, os modernistas foram apoiados pelo então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, mas a leitura de monumentos era precária. Segundo Londres:

> Em primeiro lugar, pela falta de estudos históricos voltados para a civilização material do Brasil. Em segundo lugar, pelo fato de praticamente ainda não existirem no país estudos sistemáticos de história da arquitetura e da arte brasileira que apresentassem um inventário abrangente das obras [...] e pelo fato de os vestígios materiais passíveis de serem tombados referirem primordialmente à tradição luso-brasileira [...]. (LONDRES, 2007, p. 168)

Nas décadas de 1970 e 80, houve a busca para a inclusão dos bens e culturas indígenas e afro-brasileiros. Neste momento, surge o decreto 3.551/ 2000, que cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e institui o registro de bens culturais de natureza imaterial. A continuidade histórica dos bens depende do interesse dos grupos na perpetuação do bem ou cultura. A ação do poder público é mediadora, pois cada situação exige uma estratégia de preservação.

Falaremos separadamente dos patrimônios materiais e imateriais, para fins didáticos, visto que, na realidade, os dois ocorrem juntos. Um mesmo elemento pode ser material e imaterial ao mesmo tempo, como, por exemplo, o rosário, que é utilizado no Catolicismo e na Umbanda: é um objeto e transmite um significado não material, que é a fé que as pessoas têm nele.

2.1. Cultura material e os elementos presentes nos rituais umbandistas

Como foi dito anteriormente, na Umbanda, existem alguns elementos africanos, mesclados com os brasileiros. Como, ao longo do texto, citamos vários deles, é importante que tenhamos um espaço para melhor explicá-los. Nossa intenção, aqui, não é transformar tais explicações em um glossário, mas dar uma ideia sucinta do significado de cada termo, até mesmo em respeito ao sigilo dos rituais.

A defumação é uma forma de purificar o ambiente e as pessoas que nele se encontram. ela limpa o espaço e as pessoas de “qualquer ‘carga’ ou ‘carrego’ que tenham ficado de sessões anteriores ou que tenham adentrado aquele espaço antes do início dos trabalhos espirituais” (CAMPOS, 2017, p. 15). A defumação, segundo Douglas Rainho, no texto “Magia de Umbanda: fumaça, defumação e fumo”, promove a conexão com a natureza, pois possui ervas de acordo com a intenção da limpeza, que pode ser usada para descarregar ou para prevenir contra as energias negativas vindas de fora. É, também, uma delimitação do espaço sagrado, pois, dependendo das ervas e da localização do terreiro, pode se sentir o cheiro e identificar que há um espaço religioso por perto. A purificação do ambiente, através da defumação com ervas, serve, também, para atrair boas energias e vibrações, de acordo com

a erva que está sendo queimada. Para a purificação, é necessário carvão em brasa e as ervas que são utilizadas secas. Nas sessões de Umbanda, a defumação é um fundamento importante, pois prepara o ambiente, os médiuns e os visitantes para o trabalho. Toda energia negativa é jogada fora, assim as vibrações saem do plano espiritual e as entidades podem trabalhar.

Nesta mesma direção, existem as ervas, que são usadas além da defumação. As ervas começaram a ser usadas nos terreiros logo no início das manifestações dos guias espirituais (orixás e entidades), que aconselhavam os visitantes a se banharem com as ervas para se fortalecerem espiritualmente, ou descarregar energias negativas. Os guias espirituais carregam conhecimentos de encarnações anteriores, sobre ervas e seus modos de uso, que permitem a eles entenderem para que serve cada tipo de erva e como usá-la. As ervas servem como remédio para a alma. A partir desse conceito de ervas, vamos citar o seu uso para o "batizado" dos filhos de um terreiro umbandista, feito também com as ervas (SARACENI, 2012, p. 163).

O Amaci, que funciona como um batizado, é um fundamento muito importante na Umbanda. É a lavagem da cabeça de um médium, com água e ervas específicas, de acordo com cada casa. Este fundamento foi recomendado pelos guias espirituais, desde o início da religião. É indicado que o médium que vai fazer a lavagem de coroa (cabeça), faça um resguardo antes, não mantendo relações sexuais com seus cônjuges e/ou parceiros, não ingerindo carne vermelha e evitando festas e bebidas alcóolicas. No dia seguinte ao Amaci, o resguardo continua. Este ritual é realizado somente uma vez no ano, e de acordo com Saraceni,

> O amaci usa ervas específicas dos orixás, curtidas após serem maceradas e que ficam diante do altar recebendo também a irradiação das divindades e, por meio dessas irradiações, elas vão recebendo um axé específico que, quando derramadas sobre a coroa (cabeça) dos filhos da casa, eles passam por uma energização que beneficia posteriormente a incorporação dos seus guias espirituais. (SARACENI, 2012, p. 164).

Uma observação importante que Saraceni faz a este respeito é que, quando uma pessoa já foi iniciada no Candomblé e passa a ser umbandista, a iniciação feita não precisa ser refeita, pois a vibração do Orixá é a mesma em ambas as religiões.

Outro bem material nos terreiros umbandistas são os atabaques, que são tocados pelos ogãs. Os ogãs são homens que não entram em transe. Eles são responsáveis pela música utilizada nas sessões. Porém, de acordo com André Luiz Almeida, em alguns terreiros, os ogãs "[...] também auxiliam em outras funções importantes da casa, como o sacrifício animal (nos terreiros de Candomblé), colheita de ervas, cozimento de oferendas, auxílio às mães e

pais de santo" (ALMEIDA, 2013, p. 51). Acredita-se que, se um ogã incorporar, entrar em transe mediúnico, ele pode quebrar a vibração fluídica da sessão espiritual, pois o ponto cantado, entoado por eles, auxilia na vibração com as entidades. Na Umbanda, tocar o atabaque é muito mais que um exercício cerebral e motor. É uma "[...] afirmação de devoção, construída através da participação nos ritos sagrados realizados nos terreiros em diálogo com o sentimento de pertencimento ao grupo" (ALMEIDA, 2013, p. 51).

O médium representa importante papel dentro de um terreiro umbandista. Para Saraceni, "[...] médium é toda pessoa que sente, em um grau qualquer, a influência de espíritos" (SARACENI, 2014, p. 65). A mediunidade é um veículo de comunicação entre o mundo espiritual e o material. Ela é o meio mais eficiente para o resgate de carmas que trazemos de vidas passadas. Segundo o espiritismo, vivemos e revivemos na terra, carregando carmas, que são problemas ocorridos em uma vida e que não foram resolvidos. A mediunidade, se for bem desenvolvida, pode acelerar o processo de evolução do indivíduo, pois ele trabalha de forma caridosa e sempre auxilia quem mais precisa.

Na Umbanda, um médium está sempre em ligação direta com os Orixás. Mesmo que ele não incorpore, que é o mais comum na Umbanda, ele sempre estará ligado à vibração dos Orixás. Existem alguns tipos de médiuns, como, por exemplo, os de incorporação, que são aqueles que representam aspectos da entidade incorporada, como a voz, a linguagem. Saraceni (2014, p. 66) afirma que eles podem ser conscientes ou inconscientes. Os conscientes são os que têm consciência do que está acontecendo, mesmo quando incorporado, e os inconscientes, os que não têm esta noção dos acontecimentos, sendo considerados mais raros.

As giras de Umbanda são reuniões com filhos de terreiros e fiéis. Os primeiros se diferenciam pelo fato de pertencerem ao terreiro, enquanto os segundos frequentam de forma informal e sem compromisso com todos os preceitos da casa. Segundo Rubens Saraceni,

> A função do culto e seus rituais é fazer com que, por meio da meditação, do gesto, da música tocada e cantada, da dança, etc. tenhamos uma integração cada vez maior com o mundo sagrado, trazendo a experiência espiritual para dentro de nós e ampliando nossa consciência mística. (SARACENI, 2014, p. 86-87).

O culto religioso que pratica o ensino da doutrina umbandista é a oportunidade de aprendizagem dos fundamentos da religião, tanto para os médiuns quanto para os visitantes do terreiro. Cada casa ou terreiro escolhe seus pontos e orações que devem ser respeitados. O culto coletivo tem o objetivo de desenvolver a reflexão e a religiosidade, mas também de inspirar pensamentos pessoais. Há também os cultos consagratórios na Umbanda, que são os

que utilizam e consagram imagens, talismãs, ervas e outros elementos, que possuem energia e valor terapêutico na cura e desobsessões.

Outro elemento importante na Umbanda são as guias, colares usados pelos médiuns para harmonizar as energias recebidas a todo o tempo. O uso de colares (ou guias) é muito antigo, pois os povos antigos usavam colares feitos de animais, pedras, pedaços de ossos ou madeiras, conchas, unhas de animais e até cabelo. Conforme Saraceni, "[...] o uso de colares ou 'guias de proteção' não é uma coisa só da Umbanda ou dos cultos afros [...]" (SARACENI, 2013, p. 23). O uso dos colares é visto pelos umbandistas como um dos fundamentos mágicos da religião, pois as guias são consagradas pelo chefe do terreiro e pelas entidades. Após a consagração das entidades, as guias estão prontas para uso. Assim, os médiuns se sentem protegidos dos males presentes no caminho. As cores dos colares correspondem às cores dos Orixás regentes, com algumas variações dependendo da região em que o terreiro se encontra. Um aspecto importante é que elas são circulares, ou seja, não possuem fechos ou abotoadores. Portanto, a crença dos umbandistas de que forma um "espaço mágico poderoso" (SARACENI, 2013, p. 33), por se movimentarem em volta do pescoço de quem está usando as guias na Umbanda são chamadas de círculos maleáveis. Sobre o espaço mágico e o círculo maleável, o mesmo autor observa que: "Os guias espirituais, quando consagram colares para seus médiuns ou para os consulentes, para serem usados como protetores, imantam esses colares com uma vibração específica que os tornam repulsores ou anuladores de projeções energéticas negativas [...]" (SARACENI, 2013, p. 34).

As guias são "condensadores energéticos, utilizados pelos Guias de Lei, para descarregar acúmulos negativos alojados nos campos eletromagnéticos" (SARACENI, 2014, p. 41). Durante a sessão, as energias vão se condensando nas guias, que são feitas de miçangas, cristais e aço, livrando os médiuns de sobrecargas e energias negativas. As guias são adquiridas ou confeccionadas de acordo com orientações das entidades, pois elas sabem a necessidade do médium com o qual trabalham. Elas devem ser tratadas com respeito, nunca colocadas no chão (a não ser que isso seja pedido, ou que sejam colocadas pela entidade por algum motivo), não devem ser deixadas com outras pessoas, nem levadas ao banheiro. "De tempos em tempos, é necessário descarregar as guias, segundo as orientações dadas pelas entidades ou pelos dirigentes, para que fiquem limpas e purificadas" (SARACENI, 2014, p. 43).

As entidades trabalham diretamente com os médiuns e os consulentes (fiéis que visitam os terreiros). Elas "[...] situam-se a meio caminho entre a concepção dos deuses africanos do Candomblé e os espíritos dos mortos dos Kardecistas" (BARROS, 2013, p. 2).

As entidades são espíritos de mortos, nas quais características pessoais são substituídas por um estereótipo, ou seja, não é a evocação de um indivíduo que já partiu, mas de uma representação de modelos sociais expressos nos médiuns. É por meio da possessão que as entidades se manifestam no corpo do médium. Assim, o médium assume os trejeitos da entidade. A possessão permite o encontro do coletivo com o individual, pois valoriza a participação do médium (individual) no ritual coletivo.

Os orixás são entidades superiores, com a função de comandar sua linha e, quando necessário, participam de trabalhos em terreiros de Umbanda. Eles não "baixam" sempre nos terreiros, mas ficam na vigília, sempre de guarda, caso necessitem de sua presença. Para Rosileide Silva, Orixás são "[...] divindades que se relacionam e personificam as forças da natureza" (SILVA, 2018, p. 129). Na visão dos umbandistas, os Orixás são espíritos que representam a natureza, trazendo a força das águas com Oxum, a sabedoria e destreza dos indígenas, representados por Oxóssi, a grandeza do mar com Iemanjá, entre outros.

Existem as sete linhas da Umbanda, que norteiam todo o trabalho dentro dos terreiros. As linhas de trabalho na Umbanda ajudam a separar e classificar as entidades, de acordo com suas características, conforme Ortiz:

> O universo umbandista não é estático, as linhas formam redes de comunicação onde circulam as informações divinas. Cada linha é composta por um guardião e seis chefes de legiões, denominados *intermediários diretos*, que asseguram a intercomunicação sagrada com as demais vibrações. (ORTIZ, 1991, p. 85).

Existe uma dificuldade em falar das linhas da Umbanda, pois, de acordo com Ortiz, "[...] não existe uma classificação espiritual unanimemente aceita pelos teóricos" (ORTIZ, 1991, p. 78). O autor utiliza, então, a classificação estabelecida por Matta e Silva, por ter sido o autor que conseguiu racionalizar o universo espiritual.

Compreendem as sete linhas da Umbanda: 1- Oxalá; 2- Ogum; 3- Oxóssi; 4- Xangô; 5- Iansã; 6- Iemanjá e 7- Linha das Almas. Oxalá é Jesus, também invocação de Nosso Senhor do Bonfim, representado pela cor branca. Ogum é São Jorge, representado pela cor vermelha. Oxóssi representa São Sebastião e a cor verde predomina. Xangô é São Jerônimo e sua cor é roxa. Iansã aparece como Santa Bárbara e a sua cor é amarela. Iemanjá como Nossa Senhora da Conceição, com a cor azul. E a Linha das Almas, "[...] que mantém sua unidade através das outras" (SOUZA, 1933, p. 52).

A linha de Oxalá é composta por trabalhadores humildes, espíritos de pretos de qualquer região e linha de trabalho, e tem ligação com as crianças. Ogum se caracteriza pela energia fluídica, caboclos e pretos da África, são guerreiros que vencem demandas. A linha de Oxóssi também apresenta grande potência fluídica, muito bem representada pela sabedoria do povo indígena brasileiro. Xangô pratica a caridade, priorizando sempre a justiça. A linha de Iansã é composta por desencarnados que em vida eram devotos de Santa Bárbara. Iemanjá são os trabalhadores do mar, marujos, tribos litorâneas e pessoas que morreram afogadas no mar. A sétima linha, que é das Almas, é composta pelos médiuns de "cabeça cruzada", porque se submeteram a uma cerimônia de compromisso de ceder seu corpo sempre que necessário, para um espírito trabalhar. Contraíram obrigações e caso não as cumpra, são castigados. (SOUZA, 1933, p. 53).

Nesse campo de pensamento, existem, também, as oferendas, que surgiram nos primórdios da civilização e duram até hoje. Pensemos um pouco: os povos antigos não tinham a medicina que temos hoje. Para curar doenças, eles utilizavam as oferendas aos deuses e divindades, acreditando que seriam curados. Mas esta ação de ofertar algo às divindades não acontecia por acaso. O povo era inspirado pelos próprios espíritos a realizar tal ação. De acordo com Saraceni (2012, p. 238), isso foi considerado superstição durante muito tempo. Normalmente, as oferendas são deixadas em lugares abertos, na natureza. Tudo teve início com pessoas que tinham o dom da vidência e clarividência, sendo orientadas diretamente pelas divindades, para afastar surtos e doenças contagiosas, e até mesmo um evento climático catastrófico. Sobre as forças da natureza e a espiritualidade, Saraceni desenvolve:

> As forças e os poderes naturais estão assentadas no plano natural da Criação e muito podem fazer por nós se soubermos nos dirigir até seus santuários naturais, se soubermos como interagir espiritualmente com suas forças espirituais, constituídas por seres da natureza, e se soubermos como nos servir dos seus poderes, irradiados o tempo todo por seus manifestadores naturais e condensáveis em determinados elementos mágicos ou possuidores do axé das Divindades Naturais. (SARACENI, 2012, p. 238).

As oferendas podem variar de significados, como por exemplo, servem para agradecer, pedir ajuda, descarregar energias, purificar e simplesmente agradar o Orixá.

Não podemos deixar de mencionar os pontos riscados, que também têm muita importância nos terreiros de Umbanda. Sobre eles, Saraceni nos diz:

> O uso de símbolos no chão é um fundamento mágico da religião de Umbanda, magística por excelência. São os "pontos riscados", por meio dos quais as entidades espirituais traçam "espaços mágicos", abrem vórtices de energia e campo de vibração para limpeza, descarga, cortes de energia [...]. (SARACENI, 2012, p. 9).

Os pontos riscados são desenhos feitos pelas entidades, no chão do terreiro, para auxiliar nos trabalhos, como citado acima. Para riscar esses pontos, as entidades usam um giz mineral branco, arredondado, chamado Pemba. A primeira entidade que riscou um ponto foi, segundo Pereira (2012, p. 119), o Caboclo índio Quebra-barreiras, riscando conforme sua linha de trabalho. O autor afirma que "[...] os pontos riscados são, nesse caso, instrumentos que alimentam o universo simbólico da Umbanda" (PEREIRA, 2012, p. 119). Através do ponto riscado, o médium obtém uma segurança maior para identificar a origem da entidade, pois cada entidade tem seu jeito próprio e seus apetrechos, que são, normalmente, representados nos desenhos, como por exemplo, as flechas no ponto de um Caboclo. Importante salientar que a mesma entidade pode riscar vários pontos, de acordo com a linha de trabalho que for utilizada no terreiro onde ela se encontra.

Para Osvaldo Solera, os pontos riscados podem ser feitos no chão, paredes ou em tábuas de madeira, com um giz mineral (pemba), para atrair ou repulsar forças positivas ou negativas. Os adeptos umbandistas também acreditam que os pontos riscados "[...] são utilizados como base para a magia simbólica dos Orixás e na confecção de objetos de poder, os chamados talismãs, sinetes astrais, escudos mágicos e outros" (SOLERA, 2014, p. 36). Ainda sobre os pontos riscados, Osvaldo chama a atenção:

> Os pontos riscados são ordens escritas (grafia, celeste), de UM a VÁRIOS setores com a identidade de quem pode e ESTÁ ORDENADO para isso. É pelo ponto riscado que as entidades se identificam por completo nos aparelhos de incorporação, principalmente nos semi-conscientes, pois seus subconscientes, nesses fundamentos, não influem, simplesmente porque não conhecem seus valores. (SILVA, 1979 apud SOLERA, 2014, p. 37).

O ponto riscado, na Umbanda, é caracterizado, basicamente, por flechas, chaves e raízes. Não aprofundaremos nestes aspectos, pois o foco da dissertação é o ponto cantado. Porém, como os pontos riscados têm sua importância dentro de um terreiro, abordamos de forma sucinta para não deixar de mencioná-los.

Por fim, vamos falar um pouco sobre o terreiro, o espaço onde acontecem os trabalhos de incorporações e transes. O terreiro, muitas vezes, funciona em casas, quintais improvisados

ou pequenos galpões alugados. Entretanto, segundo Muniz Sodré, no livro *O terreiro e a Cidade*, este espaço sagrado, muitas vezes, existe dentro de quem tem a força, não precisando, necessariamente, ser um lugar físico. De acordo com Sodré, "[...] para os Yorubás, a força é o princípio da cosmovisão. Na visão deles a força, ou axé, é o que nos mantém vivos" (SODRÉ, 2002, p. 94). Cada casa umbandista organiza seu espaço conforme sua vontade e vontade das entidades que ali vão trabalhar. Dando como exemplo a Tenda Espírita Umbandista de Santa Barbara, localizada em Teresina, citamos a autora Ariany Maria Farias de Souza, em seu artigo "Distintos e Invisíveis: perspectivas sobre a umbanda no espaço público de Teresina" apresentado no 1º Simpósio Internacional da ABHR:

> [...] a parte que mais nos chama a atenção dentro deste cenário é o barracão onde estão dispostos o maior número de santos católicos e imagens de orixás da umbanda, todos em cima de um grande altar que fica centralizado neste espaço. No meio deste altar está a imagem de Jesus Cristo e ao seu lado temos: Iemanjá, Cosme e Damiao, Xangô, Oxóssi, São Jorge, Pomba Gira e outros. [...] A parte externa da casa é composta por um grande número de arvores e de mata em um terreno de chão batido. (SOUZA, 2013, p. 2)

Os terreiros, em geral, são compostos como o citado acima, com algumas variações, de acordo com a região. Na entrada, ao lado esquerdo se encontra a tronqueira, que é o local onde os Exus são saudados, além de manter o mal afastado. Do lado direito, tem a casa de Preto Velho, também para saudação e despedida dos fiéis. Encontram-se, também, do lado de fora, as plantas, principalmente samambaias de chão, espadas de Ogum (São Jorge), espadas de Iansã (Santa Bárbara), arruda e guiné, que são as ervas utilizadas em muitos trabalhos e banhos, recomendados pelas entidades (SOUZA, 2013, p. 2).

Ao entrar, vemos o altar com muitas imagens, dispostas de forma organizada, de acordo com uma hierarquia que os umbandistas acreditam ser a correta. O teto é, quase sempre, enfeitado com bandeirinhas, como as de festa junina. Estas são colocadas na festa em homenagem às crianças, no dia de São Cosme e Damião e dali não são mais tiradas, até que um ano se passe e se renovam as bandeiras. Do lado esquerdo do altar, estão os atabaques, instrumentos de percussão tocados pelos ogãs, em um ritmo que dura a sessão inteira. O espaço das imagens, atabaques e médiuns trabalhadores é separado dos consulentes (visitantes), em alguns terreiros por muretas, em outros por plantas, cordas, enfim, de acordo com os recursos do pai de santo e a contribuição dos filhos da casa.

Renato Ortiz, no livro *A morte branca do feiticeiro negro,* fala sobre os terreiros e suas disposições. Para tanto utiliza como exemplo o terreiro da Vovó Maria Conga, em Realengo,

Rio de Janeiro. Mais uma vez, ele menciona o embranquecimento e o empretecimento. Em suas palavras:

> A tenda reúne uma série de manchas afro-brasileiras, pois sua mãe-de-santo iniciou-se primeiramente no Candomblé, e só bem mais tarde começou a frequentar um ritual situado justamente no pólo oposto do continum: a Tenda Mirim. Pode-se dizer neste caso que no nível da pessoa do chefe do culto situa-se a dupla origem da Umbanda: o embranquecimento das práticas afro-brasileiras, e o escurescimento de uma ialorixá branca, em busca da tradição negra. (ORTIZ, 1991, p. 98).

Os terreiros de Umbanda, geralmente, são mais simples que os de Candomblé, do qual eles tiveram muita influência. Os salões ou salas dos terreiros umbandistas são em formato de cruz, reforçando, também, a influência do catolicismo. Mas, apesar de o sagrado estar presente nos terreiros, o profano também aparece, no formato do Exu, "[...] aquele que guarda a entrada do terreiro contra os males do mundo [...]" (ORTIZ, 1991, p. 99). A sala de culto é grande, abrigando muitas pessoas, separando-as por sexo, além de separar dos trabalhadores da casa, por uma mureta. Esta separação simboliza o sagrado e o profano, sendo que o sagrado são os trabalhadores e o profano são os visitantes, metaforicamente falando. Neste terreiro específico, segundo Ortiz (1991, p. 99-100), há areia no chão, pois a madrinha do terreiro é Iemanjá, a rainha do mar.

Como este exemplo, há muitos outros. Porém, por serem muitos e de variados rituais e por não serem objeto de nosso estudo, não vamos aprofundar.

2.2. Cultura imaterial: a Umbanda como patrimônio da humanidade

Chegamos, assim, a uma outra questão importante neste trabalho: o reconhecimento da religião propriamente dita. Para tanto, veremos um pouco sobre o Patrimônio Imaterial no Brasil. A Lei 12.343/2010 criou o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC), uma plataforma digital para monitorar o Plano Nacional de Cultura (PNC). O objetivo é permitir acesso às informações atualizadas sobre cultura. Sendo assim, a mesma passa a ser entendida como objeto de estudos. O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), que foi criado pelo Decreto n. 3.551/2000, busca estabelecer parcerias com os Governos Federais, estaduais e municipais, universidades, organizações governamentais e não

governamentais, viabilizando projetos de reconhecimento e promoção da dimensão imaterial do Patrimônio.

Nesse cenário, a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco, firmada em 2003, considera que fazem parte do patrimônio cultural imaterial: as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – além dos instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais –, que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante do seu patrimônio imaterial, que é transmitido de geração em geração e permanentemente recriado pelos grupos, gerando um sentimento de identidade e continuidade. Assim, colaboram para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. O patrimônio imaterial se manifesta, portanto, nos seguintes campos: a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, ritos e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo; d) técnicas artesanais tradicionais (UNESCO, 2003 apud ALVES, 2010, p. 551).

A partir desse conceito, pode-se afirmar que as tradições e expressões orais – práticas sociais, ritos e atos festivos da Umbanda – contêm elementos da memória e da tradição que envolvem todo sincretismo religioso, valorizando todas as expressões religiosas do povo brasileiro e, por isso, pode ser caracterizada como patrimônio imaterial. Deste modo, transmite-se de geração em geração, devido ao fato de que os rituais são apreendidos pelos mais jovens nos terreiros, recriando-os de acordo com a realidade de cada grupo, evidenciando, também, que a tradição oral é muito presente na manutenção dos rituais, e isso gera um sentimento de identidade profundo entre seus participantes.

Porém, declarar a Umbanda como Patrimônio Cultural Imaterial é uma transformação importante, no que diz respeito à diversidade religiosa. O governo brasileiro é signatário da Convenção da UNESCO sobre a diversidade cultural, aprovada em 2005, quando fica acordada

> [...] a necessidade peremptória de incorporar, na estrutura da administração cultural, o valor universalista e universalizante da diversidade cultural; o interesse de inserir o tema da diversidade no espectro maior das políticas culturais para as culturas populares; e, por fim, o desejo de liderar um processo de formação discursiva que passa pela formação e consolidação de novas categorias nativas, como indústrias da criatividade, diversidade cultural, patrimônio imaterial, entre outras. (ALVES, 2010, p. 544).

Abordaremos a questão religiosa como força transformadora de uma sociedade. As religiões cristãs, especialmente a Católica, o Kardecismo e a crença indígena, além do

Candomblé influenciaram e ainda influenciam todos os setores da sociedade brasileira. O Estado do Rio de Janeiro, através da Lei 5506/2009 e o Projeto de Lei Nº 2303/2009 declarou o Candomblé como patrimônio imaterial do estado. Mais tarde um pouco, em 2016, foi também declarada como Patrimônio Imaterial do Rio de Janeiro, a Umbanda. Mais recente ainda foi a declaração da Língua Iorubá, também no Rio de Janeiro, como Patrimônio Imaterial do Estado. Tais declarações foram de suma importância para as duas principais religiões afro-brasileiras, pois se iniciou, assim, um processo de respeito por parte da sociedade. Conforme a UNESCO:

> É amplamente reconhecida a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais representadas, em todo o mundo, por monumentos, sítios históricos e paisagens culturais. Mas não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção imaterial da herança cultural dos povos, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial. (UNESCO, 2017, s/p.)

Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível são expressões de vida e tradições que indivíduos recebem de seus ancestrais e passam a seus descendentes. Não é só de aspectos físicos que se forma a cultura de um povo. Há também os saberes, folclore, tradições, festas que são culturais, representando um povo. Especialmente para as minorias étnicas e indígenas, o patrimônio imaterial é a fonte que carrega as tradições orais e as manifestações culturais de uma comunidade.

O Decreto 3.551/2000 é criado e voltado para as manifestações culturais imateriais, como “os saberes, as celebrações, as formas de expressão e os lugares” (LONDRES, 2007, p. 161), sendo dever do Estado, em parceria com a sociedade, preservar os patrimônios.

Após estes apontamentos sobre a cultura material e imaterial da Umbanda, depois de diversos exemplos de itens importantes dentro de um terreiro e o reconhecimento da religião como tal, vamos discorrer de forma sucinta sobre o sincretismo religioso, que é a mistura de elementos de várias religiões em uma só, a Umbanda. As religiões afro-brasileiras se formaram no sincretismo, pois o culto aos Santos Católicos “[...] ajustou-se como uma luva ao culto dos panteões africanos” (PRANDI, 1998, p. 153). Além disso, o negro precisava da religião Católica para sobreviver em uma sociedade em que o homem branco é dominador, e os negros podiam preservar suas crenças no seio familiar, mas para serem inseridos num

espaço maior, deveriam absorver a identidade católica predominante no país. Conforme Tatiana Jardim:

> A prática católica de rogar aos santos em suas orações como mediadores da relação com Deus, fez com que os negros identificassem a similaridade dos santos com os Orixás, visto que as divindades africanas também eram intercessoras dos homens junto a Olorum, deus supremo na cultura iorubá. (JARDIM, 2017, p. 46)

A palavra sincretismo vem do grego e pode ter vários significados. Destacamos aqui: junção, fusão e mistura, que são os mais utilizados e que, segundo Célio de Pádua Garcia, são os "[...] sentidos mais comuns para o termo" (GARCIA, 2015, p. 24). De acordo com Leonardo Boff, citado por Garcia (2015, p. 24), o termo sincretismo surgiu quando o povo de Creta, na Grécia, se uniu para derrotar um inimigo. Mesmo tendo inimigos em comum, dentro do mesmo grupo, os cretenses decidiram se unir pelo tempo necessário, para vencer o inimigo. O sincretismo, então, passou a ser entendido como uma aliança provisória, pois, ao terminar o combate contra os inimigos em comum, eles se separavam novamente e continuavam a ser inimigos como antes do combate. Surgiu como uma forma dos negros manifestarem sua adoração aos orixás, porém com nomes católicos. Mesmo no início da colonização, já se encontravam, nos quilombos, gestos ou ritos católicos nas celebrações negras. Dentro do contexto das religiões africanas, existem algumas divisões, de acordo com cada região de origem.

O sincretismo, apesar de ser tratado de forma pejorativa, está presente em todas as religiões. A palavra apresenta outros sentidos. Vamos nos ater a três aspectos importantes: 1- mistura junção ou fusão; 2) paralelismo ou justaposição e 3) convergência ou adaptação. No primeiro ocorre uma mistura de rituais de diferentes religiões que, ora estão bem próximos, ora se distanciam. A exemplo disso, citamos ervas utilizadas em rituais africanos em união com a água benta, usada no Catolicismo. No segundo aspecto, o paralelismo acontece quando uma simbologia está presente em duas ou mais religiões, de forma que são utilizadas ao mesmo tempo. É o caso das imagens do Catolicismo e os Orixás da Umbanda. E no terceiro aspecto, a convergência "[...] que acontece quando as ideias de uma e outra vertente religiosa são similares seja sobre Deus, reencarnação ou outros" (GARCIA, 2015, p. 26). Conforme Garcia, "Nem todas essas dimensões do sincretismo estão sempre presentes e a análise de casos específicos é necessária. Também é possível que dentro de um mesmo processo sincrético possa se observar misturas, paralelismos e convergências" (GARCIA, 2015, p. 26).

Juliana Barros Prata Carvalho discorre sobre o sincretismo, completando o que Castro afirmou, de que há transformação do indivíduo através da religião. Nas palavras dela, é impossível ser mestiço e não ser sincrético. “O brasileiro é aqui entendido como mestiço, portanto, sincrético. [...]. A religião dá ao povo grande parte de sua identidade cultural” (CARVALHO, 2007, p. 89).

Logo após o período da escravidão, quando os negros passaram por momentos de aculturação, ou seja, quando há uma inserção de uma religião dentro da outra, “[...] considerando que toda religião está inserida dentro de uma determinada cultura, quando se assimila outra cultura (aculturação) também se torna comum a assimilação de outras práticas religiosas” (CASTRO, 2013, p. 45-46), houve uma mistura de pensamentos dos próprios negros e povos africanos. Podemos ver esta mistura de pensamentos até hoje, com a transformação religiosa em que vivemos. De acordo com Castro, era de se esperar que as religiões de origem ou influência africana fossem extintas, pela dissolução dos grupos de negros libertos da escravidão. Mas o que se vê hoje é uma vasta gama de templos que, apesar de ter seus próprios rituais, ainda carregam muitos traços herdados dos africanos:

> Apesar de vestirem uma nova roupagem, as suas divindades, o seu objeto de adoração, permanece o mesmo. A sua associação com os santos católicos parecem se reunir em uma fusão de divindades criando assim uma manifestação cultural religiosa diferente daquelas iniciais. (CASTRO, 2013, p. 48).

Com o passar do tempo, ainda segundo Castro, “[...] de forma intencional ou não as diferentes formas de culturas ao se encontrarem vão se fundindo [...] e na medida em que vão se relacionando vão se modificando” (CASTRO, 2013, p. 49). Essa modificação pode ocorrer quando um indivíduo, buscando respostas para seus conflitos, entra em contato com outras religiões, experimentando e percebendo em qual ele achará as respostas que almeja. O sincretismo também aí ocorre, pois, ao sair de uma religião para outra, o indivíduo carrega consigo traços e o que já desenvolveu dentro dela. O Brasil tem sua formação Católica, mas com influência africana, dos indígenas e negros que foram escravizados a princípio, além da grande influência europeia com o catecicmo católico. O estudioso Arthur Ramos, citado por Ferretti (2001, p. 17), considerava o sincretismo um resultado harmonioso das misturas de crenças. Assim ocorre na Umbanda, em que o sincretismo é muito presente, e visto de forma positiva. “Nos últimos trabalhos, constata, porém, que nem sempre esse processo é harmonioso e decorre da colonização e da escravidão” (FERRETTI, 2001, p. 17).

O termo sincretismo é usado com significado objetivo, no que diz respeito à mistura de religiões e de forma subjetiva, com relação à avaliação dessa mistura: “A partir do século XVIII, tomou caráter negativo, passando a referir-se à reconciliação ilegítima de pontos de vista teológicos opostos, ou heresia contra a verdadeira religião”, sendo considerada verdadeira, a católica (FERRETTI, 2001, p. 14).

Wagner Rosafa (2008, p. 29), acrescenta que, durante a escravidão, os negros eram repreendidos quando tentavam cultuar seus deuses, às vezes eram punidos pelos seus donos e, em algumas situações, pela própria Igreja. De acordo com Rosafa:

> Uma das principais alternativas para manifestarem seu contato com o “divino” estava em, apoiados pelo colono e a sua igreja, aproveitar as festas cristãs, forjando uma devoção aos santos católicos quando na realidade, estavam sintonizados aos seus deuses e ancestrais africanos. (ROSAFA, 2008, p. 29)

A partir dessa junção dos deuses africanos com os santos católicos, começou a ocorrer uma política de trocas entre os elementos sagrados de uma e outra religião. Assim, segundo Roger Bastide, ocorre uma “[...] gradativa ‘desafricanização do negro’ com a paralela ‘africanização do branco’[...]” (BASTIDE, 1971 apud ROSAFA, 2008, p. 29).

O governo e a Igreja Católica passam, então, a contribuir com a preservação da memória e religiosidade negras. É claro que isso ocorrera de forma não intencional, com instituições que “[...] serviam como suporte assistencial às camadas menos favorecidas socialmente” (ROSAFA, 2008, p. 31).

Ortiz também concorda que o “[...] Brasil se constituiu através da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio” (ORTIZ, 2012 apud JARDIM, 2017, p. 85). O Brasil é formado por sincretismos, não só religioso, mas do povo como um todo, pois a mistura de raças é grande no Brasil. Desta forma, o próprio sincretismo religioso é um patrimônio imaterial, já que é a expressão da cultura afro-brasileira, reunindo elementos de diversas religiões em uma só (MORAES, 2014, p. 196). A miscigenação (junção de vários povos) pode ser relacionada com a Umbanda (junção de várias religiões). Por isso, é uma religião genuinamente brasileira.

O sincretismo com os santos católicos, Orixás, divindades indígenas é elemento fundamental para a formação da Umbanda. O Kardecismo também fez parte da formação dessa nova religião, pois a base dos cultos umbandistas é a possessão e os transes, muito presentes no espiritismo de Kardec, de forma mais reservada que na Umbanda.

Ainda sobre o sincretismo, temos o autor Waldemar Valente, que afirma que o sincretismo é a tentativa de resolução de problemas culturais, que tem como característica o "status", no sentido de ocupar uma posição dentro da cultura. De acordo com o autor:

> O sincretismo se caracteriza fundamentalmente por uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima interfusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contacto. Simbiose que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias. (VALENTE, 1955, p. 42)

O referido autor afirma, ainda, o que já mencionamos anteriormente sobre o período da escravidão: a questão dos deuses africanos adorados pelos negros escravizados, a relação desses deuses com os santos da Igreja Católica e a cristianização do negro no Brasil. Sobre o período da escravidão e o sincretismo, Ana Luiza Andrade discorre sobre os Quilombos. Diante dos acontecimentos, das prisões e violência, os negros não entregavam a sua cultura e religião aos brancos. Eles recorriam ao Catolicismo por serem controlados o tempo todo pelos seus senhores. Muitos conseguiram fugir. Daí surgiram os Quilombos, forma de vida alternativa para os negros. Segundo Andrade:

> O termo "mocambo" significa "esconderijo", já o termo "quilombo" é originário da língua banto, Kilombo, e significa povoação ou fortaleza. No continente africano, mais precisamente em Angola, os quilombos eram fortificações onde os guerreiros passavam por rituais de iniciação para o combate e a magia. Porém o termo no período Colonial significou muito mais que o sentido dado pela língua africana, pois a palavra se generalizou com o conhecimento do Quilombo de Palmares (1597- 1694), significando um espaço de resistência, luta e liberdade para os africanos e afrodescendentes. (ANDRADE, 2019, s.p.)

Os quilombos eram mais do que um espaço de fuga dos negros escravizados: eram espaços de resistência e convivência, representando perigo para os senhores. Não eram isolados, pois mantinham relações comerciais, laços afetivos e acesso a informações. Cultivavam milho, mandioca, feijão, fumo, batata doce e tinham criação de galinhas. Tudo o que conseguiam obter dos brancos era na base de troca. Porém, existiam os quilombolas que atacavam fazendas e cidades, em busca de animais de corte e outros proventos.

Andrade (2019, s.p.) cita que o mais conhecido dos quilombos é o Quilombo de Palmares, que recebeu este nome pela região de Pernambuco onde se encontrava, na qual existiam muitas palmeiras, de onde eles extraíam o palmito. Chegou a abrigar 20 mil habitantes, chamando a atenção das autoridades, dando origem a Guerra dos Palmares,

liderada por Zumbi dos Palmares. Com relação à religião, os negros misturavam os indígenas e os africanos.

Um outro tipo de violência contra os negros escravizados foi a perda da identidade, uma vez que eram obrigados a seguir as regras impostas pelos brancos, dentro do contexto da escravidão. Tal identidade foi, aos poucos, sendo modificada ou até mesmo perdida, pois os brancos eram os dominadores. De acordo com Cristiano Silva (2009, p. 79):

> As imposições ideológicas de que os colonizados eram inferiores intelectualmente e biologicamente, manifestavam-se através da imposição cultural a que os africanos e os negros da diáspora eram submetidos, causando psicologicamente nestes a internalização destas teorias forjadas claramente para submetê-lo. Os expedientes utilizados para tal imposição eram muito poderosos, como um poderil militar e tecnológico mais evoluído, que acabavam por pressionar psicologicamente, ou mesmo através da força a adoção de uma postura de subjugação e reconhecimento da própria inferioridade pelo negro. (SILVA, 2009, p. 79).

O pesquisador africano Kabengele Munanga discorre sobre a identidade negra. Segundo ele, a identidade negra se constrói num país cuja "mestiçagem é inegável" (MUNANGA, 2012, p. 7). "A partir da década de 1980, nosso autor inicia uma jornada intelectual sobre a tentativa de compreender as influências pontuais acerca da construção da identidade negra no Brasil" (SILVA, 2009, p. 78), um país multicultural, ou seja, numa mesma sociedade temos a presença de mais de uma cultura. Segundo o autor, podemos definir identidade como um processo "que passa pelo discurso", como algo inacabado (MUNANGA, 2012, p. 9). Existe a identidade individual, na qual recebemos um nome ao nascer, que nos define como homem ou mulher[6] e nos torna diferentes dos demais. A identidade coletiva é a definição de um grupo, que pode ser definida com as características do grupo. O que define a identidade negra é a história. Porém, esta história nos foi contada de forma depreciativa. De acordo com o autor, a história dos negros foi contada de forma negativa ao longo dos anos. A Lei 10.639/03, que obriga o ensino da cultura negra no Brasil, vem para tentar desconstruir a negatividade gerada em torno dos negros. Ela visa mostrar que a cultura e a identidade negra contribuíram para a formação do Brasil. É importante mostrar que os negros contribuíram com a construção do Brasil. A cultura trazida por eles é muito importante, pois, segundo

[6] Este conceito de identidade, quando se refere a gênero é questionado. Butler (2003, p. 27) afirma que ninguém garante que o "'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea". Pode ser que um corpo de macho queira ser mulher. Destaca que não existe uma identidade de gênero por trás dos termos que se referem a gênero. A identidade é performativamente construída (BUTLER, 2003, p. 48).

Munanga (2012, p. 11), ela está presente nos dias de hoje, na culinária, na religião, na música e na própria maneira de ser do brasileiro.

No entanto, apesar de tanta crueldade, que interferiu na identidade negra, negando elementos importantes, como por exemplo, a memória histórica trazida da África, dentre eles a religião e a imposição de uma religião oficial no Brasil — o Catolicismo —, hoje esse sincretismo é considerado patrimônio imaterial porque representa o que é a sociedade brasileira. Uma mistura de raça/etnias (poucas pessoas são de uma só etnia. A maioria do povo brasileiro nasceu dessa mistura), cultura e religiões que no concreto fica difícil separar.

A seguir apresentaremos a Lei 10.639/03 na íntegra e faremos algumas colocações sobre ela e sua repercussão.

2.3. Lei 10.639/2003- Desafios e conquistas

A lei 10639/03 torna obrigatório o ensino da história e cultura negra nas escolas de educação básica. A lei surge da demanda antiga do movimento negro além do "desdobramento da atuação dos atores sociais nacionais e internacionais, em diferentes momentos ou conjunturas socio culturais, políticas econômicas" (CAETANO, 2014, P.35). Abaixo apresentamos a lei na íntegra:

> LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.
> Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes
> e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências.
> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
> Art. 1o A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida
> dos seguintes arts. 26-A 79-A e 79-B:
> "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
> § 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
> § 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

> "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’."
> Art. 2o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
> (BRASIL, 2003, p. 1).

No início do século XX existiam associações e outras entidades criadas pela população negra, como apoio aos ex-cativos. A atuação era em centros recreativos, societários, educacionais, trabalhistas e assistenciais, atendendo a população negra. Estes movimentos defendiam que deveria haver uma segunda abolição. Os negros escravizados não tiveram políticas públicas de inclusão. Com isso, teriam a chance de uma ascensão social.

A Frente Negra Brasileira (FMB) foi a principal entidade negra neste período. Criado em 1931, em São Paulo, foi a questionadora dos princípios da educação brasileira, caminhando em direção a um ensino antirracista, que valoriza os negros. De acordo com Altair Caetano,

> A FMB defendia nos processos de ensino a inclusão de conteúdos que desvelassem a importância dos negros na construção do país, como forma de aumentar a auto estima negra e, concomitantemente enfrentar e desconstruir práticas e pensamentos antissociais existentes contra esta parcela significativa da população brasileira. E a FMB defendia que esse processo educacional deveria ser dirigido para alunos negros e também para os alunos brancos, visto que achavam que a luta pela valorização do negro passava por um ensino que envolvesse esses dois grupos sociais nessa nova perspectiva. Assim, as vozes da FMB atravessam a lei 10639/03. (CAETANO, 2014, p.36)

Além da FMB, outros movimentos negros também reivindicaram os direitos dos negros. Vamos mencionar alguns movimentos a título de informação, porém não aprofundaremos em cada um, pois todos contribuíram para a implementação da lei 10639/03. Como resultado da luta dos movimentos negros, as secretarias de educação de alguns municípios implantaram a temática racial nas escolas da rede pública. Em 20 de novembro de 1995, houve a marcha Zumbi dos Palmares em Brasília (DF), trezentos anos após a morte do líder do maior quilombo que existiu no Brasil. Os representantes dos movimentos negros presentes nesta marcha foram recebidos pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, em que puderam entregar o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial. Neste programa foi feita a proposta de erradicação da discriminação racial no ensino. Desse modo, “a sanção da lei nº 10639/03, que estendeu a educação antirracista para todo o território nacional, visto que já era uma realidade em vários municípios do país, não foi uma dádiva

governamental. Acima disso, foi resultado de um conjunto de fatores na qual os MNs tiveram uma participação fundamental" (CAETANO, 2014, p. 39).

A partir da lei 10639/03, outras leis foram sancionadas, dando visibilidade aos negros. No governo de Lula, (2003-2010) houve o aprofundamento de ações afirmativas focadas na população negra. Houve a promulgação da lei nº 12.288 de 20 de julho de 2010, instituindo o Estatuto da Igualdade Racial. Em 2014, com Dilma Rousseff (2011-2014) foi sancionada a lei nº 12.990 com a reserva de vagas para negros nos concursos públicos federais, aumentando a representatividade negra nos cargos do estado. No que diz respeito à educação, foi sancionada a lei º 12.711/12 que estabeleceu cotas de 50% (cinquenta por cento) nas universidades e escolas técnicas públicas para estudantes de escolas da rede pública, com baixa renda. Após cinco anos da lei 10.639/03, o governo federal sanciona uma nova lei, inserindo a cultura indígena nas escolas, além de incluir o dia 20 de novembro como dia nacional da consciência negra no calendário escolar. Abaixo apresentamos a nova lei na integra:

> LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.
> Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
> Art. 1o O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:
> Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afrobrasileira e indígena.
> § 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a
> cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
> § 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar,
> em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)
> Art. 2o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
> (BRASIL, 2008, p. 1).

Em março de 2004, foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação o parecer 03/04 que tem como objetivo a regulamentação da lei 10639/03, fundamentada na Constituição Federal. O parecer destaca a "importância da valorização da história e da cultura afro brasileiros e o compromisso com a reivindicação de políticas afirmativas na área da educação" (CHAVES, 2010, p. 53). Apresenta indicações de conteúdos abrangidos pelo currículo, investimento na formação de professores, articulação entre os sistemas de ensino e confecção de materiais didáticos com a temática racial brasileira. Paula Nani menciona que, desde o advento da lei, os educadores têm se debruçado para repensar a temática, já que estudos recentes nos mostram vários desafios para a prática do ensino. A lei nos assegura que o ensino africano seja efetuado. Porém, para que se realize de forma contundente, é necessário que o conteúdo se dissipe entre os discentes e as escolas. Outro aspecto de relevância é a preocupação com a forma que o conhecimento é passado, já que o ensino de história ainda é por vezes apresentado de forma eurocêntrica (NANI, 2019, p.1).

Marcia Moreira Pereira (2012) contribui para o estudo da lei 10.639/03, enfatizando a importância da divulgação e valorização da cultura africana. Nas palavras da autora,

> [...] a inclusão deste tema nos conteúdos escolares reconstrói nos alunos e nos professores uma imagem positiva daquele continente, além de, por um lado, elevar a auto estima dos alunos afro descendentes e, por outro lado, tornar os demais alunos menos refratários à diversidade étnico racial. (PEREIRA, 2012, p.27)

A autora ainda cita os movimentos negros como o teatro experimental negro (TEM), o movimento negro unificado (MNU) que buscavam a valorização da cultura afro brasileira. Há um destaque também para a formação de professores: antes da sanção da lei 10.639/03, poucas instituições superiores ofereciam cursos voltados para a temática africana (história, cultura e literatura). Após a sanção, as universidades passaram a oferecer cursos de extensão, graduação ou pós-graduação, como é o exemplo da Uniafro e a universidade Zumbi dos Palmares. Segundo Pereira,

> A lei já é obrigatória, mas é necessário salientar a importância da formação dos professores, muitos deles ainda com o estigma de uma educação euro centrada, sem preparo para ministrar aulas com conteúdo multiculturais. [...] Nossa diversidade cultural é tão vasta, que o correto seria falar culturas brasileiras e, não, em cultura brasileira. (PEREIRA, 2012, p.37).

Uma das maneiras de o aluno conhecer a cultura africana é ele se reconhecer dentro da cultura, já que foi ensinado a ele muito mais sobre a cultura eurocêntrica. É necessário mudar a imagem que os alunos têm sobre a África, como um lugar somente de miséria e dar mais ênfase a autores e teorias africanos, no lugar dos livros didáticos embasados na herança cultural europeia.

Em vista de tudo o que foi estudado, a educação caminha a passos lentos no que diz respeito à temática africana. É necessário que os alunos tenham conhecimento da cultura afro-brasileira que é tão importante para a formação do povo brasileiro. Os autores Altair Caetano (2014), José Adair Xavier Chaves (2010), Thomas V. Conti (2016), Márcia Moreira Pereira (2012) e Paula Furtado Nani (2019) compartilham da mesma ideia de valorização da cultura africana, da capacitação dos professores e o conhecimento da lei na integra, além de amplificação de conhecimento de outras culturas que não sejam eurocêntricas. Defendem também a valorização do indivíduo negro, a igualdade racial nas escolas, o uso de materiais didáticos condizentes com a lei 10.639/03 e 11.645/XX. Tais leis são de extrema importância para que a gestão escolar possa se assegurar de realizar um trabalho que proporcione realmente a igualdade dos direitos de todos os estudantes.

3. OS PONTOS CANTADOS DA UMBANDA

A música era muito comum no período da escravidão. De acordo com Linconly Pereira, "[...] o valor dado à palavra pelos africanos e, dessa forma, a transmissão dessa importância através dos pontos cantados" (PEREIRA, 2012, p. 95), já mostrava a importância dos cânticos na Umbanda. No século XVI, os negros escravizados utilizavam instrumentos musicais para dar ritmo à música, como, por exemplo, os atabaques: "Os pontos cantados são os cânticos ritualísticos acompanhados por percussão em atabaques consagrados e entoados pelos ogãs" (OLIVEIRA, 2018, p. 157). As letras dos pontos têm muita importância nas sessões de Umbanda. Porém, o ritmo é o que mantém toda a magia durante a sessão, é o que faz com que os consulentes se envolvam no processo de transe e possessão. Por contar a história de nossos antepassados, os pontos utilizam jogos de palavras e, às vezes, a rima, promovendo a comunicação com o mundo espiritual. Os Pontos Cantados possuem ritmos e funções variadas. Sua poesia, constituída da palavra e seus ritmos cantados, conferem-lhe um poder mágico, sendo interpretada na Umbanda como uma forma de oração, servindo para direcionar as giras e auxiliar os guias em seus trabalhos. Assim, além de evidenciarem sua matriz africana, eles apresentam as marcas adquiridas no seu caminho histórico, que é nosso caminho histórico, brasileiro (MOREIRA, 2008, p. 1).

Em um terreiro estão presentes heranças coletivas de tradições africanas, que são transmitidas de forma oral[7], através das lendas e mitos contados pelos mais velhos, além dos rituais com "[...] uso de folhas e objetos dos cultos, as comidas, as proibições alimentares e os resguardos religiosos [...]" (PEREIRA, 2012, p. 96). O aprendizado na Umbanda acontece por meio da práxis. Os fiéis aprendem através das experiências nos trabalhos coletivos. O ponto cantado, muitas vezes, auxilia os consulentes no sentido de lhes dizer o que estão sentindo, como agir em certas situações. Conforme Pereira, muitos choram ao receber as mensagens através das músicas, pois acreditam que as entidades podem ajudar a resolver problemas. Em

[7] Os negros não tinham acesso à educação formal. Por isso, a oralidade era muito importante para manter viva a História e a tradição deste povo. "No dia 17 de fevereiro de 1854, o Decreto nº 1.331 aprovou as medidas de regulamentação do ensino primário e secundário [...]. O Decreto tornou gratuitas, na Corte, as escolas primária e secundária, e a primeira delas obrigatória aos maiores de sete anos, mas estabeleceu que os escravos não seriam admitidos nas escolas públicas do país, em nenhum dos níveis de ensino" (ALMEIDA; SANCHEZ, 2016, p. 237). "Em 1878, um decreto permitiu a matrícula de negros libertos maiores de quatorze anos nos cursos noturnos" (DOMINGUES, 2007; SANTANA; MORAES, 2009 apud ALMEIDA; SANCHEZ, 2016, p. 238). É importante lembrar que poucos negros eram libertos neste período, reforçando a importância da oralidade presente especialmente nas músicas cantadas.

geral, as pessoas se sentem importantes, pois as entidades mostram que não se esquecem de seus filhos.

Através dos pontos cantados, acontecem todos os trabalhos dentro de um terreiro. Os pontos podem servir como um meio de chamar as entidades ao trabalho, também para sustentar a entidade no corpo do médium, além de serem cantados também para a despedida das entidades e dos trabalhos, tais como abrir e fechar a sessão, reverenciação dos filhos do terreiro ao altar e, principalmente, nos trabalhos de desenvolvimento dos fiéis, no qual ocorre a incorporação, ou transe, "é na possessão que todo o edifício umbandista adquire sentido" (BARROS, 2013, p. 3). A seguir, faremos comentários dos pontos cantados escolhidos, mostrando um pouco do universo umbandista e seus personagens. As referências dos pontos serão apresentadas em nota de rodapé, pois cada um possui um *link* na internet para ser acessado, porém todos no mesmo *site*.

3.1. Hino da Umbanda

José Manuel Alves é compositor do "Hino da Umbanda". Segundo Diamantino Trindade, no texto "Vamos cantar corretamente o Hino da Umbanda", o autor e compositor pediu que a melodia e a letra não fossem alteradas. Assim, ele não cobraria direitos autorais. Pediu também que, todas as vezes em que o Hino fosse cantado, as pessoas colocassem a mão direita sobre o peito, como forma de demonstrar respeito pelo mesmo.

HINO DA UMBANDA
José Manuel Alves

Refletindo a Luz Divina
Com todo seu esplendor
É no reino de Oxalá
Aonde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para nos iluminar
Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de Luz
É força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz
Avante, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá.

(PONTOS de Umbanda, 2019, s/p.).[8]

O estudo do Hino da Umbanda será realizado em partes, para melhor esclarecimento das ideias nele contidas. Dividiremos a letra do Hino em quatro partes de quatro versos, facilitando o entendimento. A presente letra traz a ideia de que a Umbanda é formada basicamente por paz e luz. Veremos à frente que a palavra luz se repete muitas vezes, para enfatizar que ela é muito presente no meio umbandista: "Refletindo a Luz Divina/ Com todo seu esplendor/ Vem do reino de Oxalá/ Aonde há paz e amor".

A luz que a Umbanda emana é considerada divina, abençoada e atinge a todos, mesmo os grupos pertencentes a outras religiões. Quando acontecem as giras nos terreiros, o dirigente e os médiuns chamam as entidades, para estabelecer um contato, através das orações e pedidos. Neste momento de extrema concentração e oração, os médiuns incorporam as entidades, que saem do plano espiritual para trabalhar na terra, em prol dos indivíduos que ali se encontram, estabelecendo um vínculo de amor e trabalho, no ato dos passes mediúnicos.

Para os médiuns mais desenvolvidos e para o dirigente ou chefe do terreiro, a luz citada na letra do hino é de fácil identificação, uma vez que alguns deles têm o dom mediúnico da visão, e podem ver a luz que as entidades emitem. O reino de Oxalá é visto como um lugar de sossego, cura e trabalho ao próximo. Segundo Ligiero e Dandara, "Oxalá é tido como apaziguador de conflitos" (LIGIERO; DANDARA, 1998, p. 74). Trazendo essa ideia de apaziguador, temos a confirmação de que Oxalá reflete paz e amor. É importante lembrar que Oxalá, no sincretismo com o Catolicismo, representa Jesus que, na fé cristã, foi um homem bondoso, que lutou pelo bem de todos em sua volta, e acabou sendo crucificado, por ser julgado um contraventor e para redimir os homens do pecado.

No segundo trecho da letra do "Hino da Umbanda", vemos a presença da palavra luz em três dos quatro versos, mais uma vez dando ênfase à importância da luz na vida das pessoas: "Luz que refletiu na terra/ Luz que refletiu no mar/ Luz que veio de Aruanda/ Para nos iluminar".

A luz novamente citada reflete em tudo: no mar, na terra, na vida e nos corações das pessoas. Numa observação mais profunda sobre o termo luz, podemos situá-lo como primordial nos terreiros de Umbanda, pois as velas estão sempre presentes, em todos os cantos de um terreiro. Além de emitir luz no ambiente, a vela também tem o papel de fazer a ligação do mundo material com o espiritual, através da concentração e oração do médium. Neste trecho encontramos a palavra "Aruanda", que no Dicionário Houaiss significa "o céu

[8] Disponível em: <https://www.letras.mus.br/umbanda/914435/>. Acesso em: 19 set. 2019.

onde vivem os Orixás". Já para Pinto, Aruanda, "Céu, Nirvana ou Infinito significam a mesma coisa, isto é, a morada daquele que é criador de todos os mundos. Trata-se, pois, de um dos planos da maior elevação espiritual, ou seja, o céu" (PINTO, 2015, p. 23). Existem muitos mistérios em torno do mundo espiritual, como, por exemplo, o tempo de acontecimento das coisas, a chegada e saída dos espíritos aos centros espíritas e terreiros de Umbanda.

No próximo trecho, temos a ideia de força e grandeza, dois itens de muita importância na Umbanda, pois os adeptos da religião precisam de muita força e grandeza sempre, por ser uma religião que trabalha com possessões e transes: "Umbanda é paz e amor/ Um mundo cheio de Luz/ É força que nos dá vida/ E a grandeza nos conduz".

Mais uma vez, o canto vem confirmar para o leitor/ouvinte que a Umbanda é fonte de luz, paz e amor. Podemos perceber a insistência por nos fazer entender que Oxalá e a Umbanda nos trazem luz, pelo verso "um mundo cheio de luz". O ser humano está de passagem por esta terra, este mundo de conflitos políticos, religiosos e de interesses diversos. A Umbanda vem para conduzi-lo à grandeza de espírito, uma vez que eles acreditam ser o corpo carnal um empréstimo para se viver na terra. Na concepção espírita, o espírito é eterno, mas o corpo carnal não.

Nesta parte, o autor apresenta um incentivo ao leitor/ ouvinte, mostrando a força que a Umbanda tem: "Avante, filhos de fé/ Como a nossa lei não há/ Levando ao mundo inteiro/ A bandeira de Oxalá". Percebemos um incentivo para seguir em frente, pois a Umbanda protegerá seus filhos com sua lei maior, com o amor de um pai maior que é Oxalá.

A bandeira citada no último verso do hino apresenta uma imagem de um grandioso sol em seu núcleo, uma figura que, num primeiro momento, parece um pombo branco. Porém, ao observarmos com atenção, reconhecemos na imagem uma espécie de anjo com grandes asas, voltado para o espectador e trazendo a ideia de caminhar para um determinado destino, propício a realizar uma missão.

A Umbanda vem ganhando espaço no cenário nacional, pois o olhar acadêmico está se voltando para as religiões de matriz africana. Apesar de a Umbanda ser uma religião brasileira, ela tem traços e características muito fortes da África. Podemos destacar os atabaques, as guias (colares) usadas pelos frequentadores de terreiros, as vestimentas, entre outros. Considerando este contexto cultural africano, sobretudo referente às suas entidades, analisamos também o "Hino dos orixás", que se manifesta concretamente nos rituais umbandistas no início de todas as sessões, como forma de saudação e agradecimento.

3.2 Hino dos Orixás

Cada um dos Orixás, com suas vestimentas e apetrechos, possui uma função e representa uma parte da natureza e sua força. Com vestes brancas[9], Oxalá, o mais importante na Umbanda, é simbolizado pela estrela de cinco pontas. Na Umbanda, ele é visto como criador dos seres humanos e auxilia na manutenção da fé individual. Ogum, com uma espada na mão e o capacete na cabeça, simboliza bem sua missão: guerrear com os inimigos que podem se apresentar de várias formas na vida dos filhos de fé. Nanã é um orixá feminino, rainha dos pântanos e dos lagos. Cuidadosa e amorosa, semelhante à Iemanjá. Iansã, com vestes vermelhas, é conhecida como a deusa dos raios e trovões. Oxum, com vestes amarelas, simbolizando o ouro. Este orixá é a verdadeira representação de amor e ternura. Iemanjá, com vestes também em tons avermelhados, simboliza o amor puro pelos seus filhos, a fertilidade e a maternidade. Com vestes vermelhas e a palha cobrindo o rosto, temos Omulu que é o orixá da cura, guardião dos cemitérios. Com as vestes predominantemente verdes e o arco e flecha na mão, temos Oxóssi, que simboliza os indígenas caboclos. Oferece aos seus filhos a coragem e a valentia, assim como Ogum, que está sempre presente nas lutas diárias de seus filhos. O "Hino dos Orixás", apesar de nos remeter ao Candomblé, transita pelos terreiros de Umbanda com uma importância particular. Em todas as sessões de um terreiro de Umbanda, existe uma saudação a cada um dos Orixás citados na letra deste ponto.

A seguir apresentaremos um quadro comparativo dos orixás e suas referências católicas, que de acordo com o sincretismo foi o estabelecido pela Umbanda.

[9] Na magia de Umbanda, as cores são observadas e empregadas de vários aspectos. Para explicar melhor, vamos aqui relacionar, num pequeno esquema, tudo quanto diz respeito ao simbolismo das cores, como se segue: Alaranjado — É uma cor decorrente da combinação do amarelo com o vermelho. Simboliza a indissolubilidade e a iluminação espiritual. Amarelo — Esta cor simboliza a revelação Divina da Iniciação. Azul — É o símbolo da verdade Divina e Eterna, simbolizando, também a castidade, a fidelidade, a lealdade. Branco — Cor que simboliza a pureza absoluta e que, pela sua excelência, anula todos e quaisquer fluidos nocivos. Além de pureza, esta cor simboliza também a verdade e a inocência. Cinza — Esta é a cor que simboliza a morte, ou melhor, o desencarne terrestre e a imortalidade do espírito. Preto — Também é o símbolo do desencarne espiritual. Verde — Dentre as três cores fundamentais, o verde é a principal, sendo as demais, o amarelo, o azul e o vermelho, sendo que do amarelo e do azul que se forma o verde. É o símbolo do amor e da verdade. Vermelho — esta cor simboliza as virtudes espirituais e as energias materiais da vida, bem como a força moral e a alegria. Rosa — Tudo quanto nos está oculto é simbolizado por esta cor. Ela simboliza também o primeiro grau de regeneração na vida terrena. Violeta ou Roxo — Esta cor, que é formada pela combinação do azul com o vermelho, é o símbolo do amor e da verdade (PINTO, 2020, p. 51).

Orixá	Santo católico
Oxalá	Jesus
Ogum	São Jorge
Nanã	Avó de Jesus
Iansã	Santa Bárbara
Oxum	Nossa Senhora Aparecida
Iemanjá	Nossa Senhora da conceição
Omulu	São Lázaro
Oxóssi	São Sebastião

HINO DOS ORIXÁS

Penso no dia que logo vai nascer
E o meu peito se enche de emoção
A esperança invade o meu ser
Eu sou feliz e gosto de viver
Pela beleza dos raios da manhã
Eu te saúdo Mamãe Iansã
Pela grandeza das ondas do mar
Me abençoe Mamãe Iemanjá
A mata virgem tem seu semeador
Ele é Oxóssi Okê Okê Arô!
Na cachoeira eu vou me refazer
Nas águas claras de Oxum ai ieie!
Se a injustiça faz guerra de poder
Valha-me a espada de Ogum, Ogunhê
Não há doença que venha me vencer
Sou protegido (a) de Obaluaê
Eu sou de Paz
Mas sou um lutador
A minha lei quem dita é Xangô
A alegria já tem inspiração
Na inocência de Cosme e Damião
Não tenho medo
Vou ter medo de que?
Tenho ao meu lado Nanã Buruquê
E essa luz que vem de Oxalá
Tenho certeza vai me iluminar!
(PONTOS de Umbanda, 2019, s/p.).[10]

Após a saudação, são feitos os trabalhos peculiares da Umbanda. Segundo Renato Ortiz, “Reza-se em seguida o Pai-Nosso ou a Ave-Maria; algumas vezes o dirigente do culto,

[10]Disponível em:< https://www.letras.mus.br/umbanda/1826172/>. Acesso em: 19 set. 2019.

ou um fiel qualquer que possui o dom da oratória, lê um texto onde geralmente se exalta o espírito de resignação e a prática da caridade" (ORTIZ, 1991, p. 106). As entidades "descem" do plano espiritual para a terra e trabalham para o bem do próximo. Neste ponto, vamos nos ater aos Orixás, buscando explicar quem é cada um deles e sua importância dentro do universo umbandista, reportando-nos a trechos do Hino: "Penso no dia que logo vai nascer/ E o meu peito se enche de emoção/ A esperança invade o meu ser/ Eu sou feliz e gosto de viver/ Pela beleza dos raios da manhã/ Eu te saúdo Mamãe Iansã".

Como no "Hino da Umbanda", aqui, temos a luz mencionada. Porém, de forma implícita no verso "Pela beleza dos raios da manhã", a palavra raios pode ser interpretada como uma luz, de beleza sem igual. Neste trecho, temos a ideia de dia nascendo, emoção, esperança e felicidade. A Umbanda reflete todos esses sentimentos, trazendo paz e luz. Partimos para o primeiro Orixá: Iansã. Sincretizada com Santa Bárbara, conhecida como protetora nos dias de chuvas fortes e raios, Iansã tem forte conexão com o fogo do céu — o raio, foi a "primeira mulher de Xangô e era ardente e impetuosa" (VERGER, 1981, p. 168). Conta uma lenda que Xangô pediu a ela para buscar um preparado que, quando ingerido, dava poder de lançar fogo pela boca e pelo nariz. Iansã desobedece às instruções e experimenta o preparado, adquirindo o poder. Xangô fica desapontado, pois queria o poder somente para ele.

Viveu com Ogum antes de fugir com Xangô e se tornar inimiga de Ogum. O dia consagrado à Iansã é quarta-feira, o mesmo dia de Xangô. São símbolos de Iansã: chifres de búfalo e alfanje (faca cortante do tipo sabre[11]). A oferenda mais comum para ela é o acarajé e recebe como sacrifício as cabras. Quando se manifesta, ela carrega em uma das mãos a alfanje e na outra um espanta moscas de cauda de cavalo. Além disso, seu rosto é coberto por uma franja de contas e uma coroa na cabeça. "Suas danças são guerreiras e, se Ogum está presente, ela se engaja num duelo com ele", lembrando do passado (VERGER, 1981, p. 170).

Outro Orixá citado é Iemanjá, nos versos seguintes: "Pela grandeza das ondas do mar/ Me abençoe Mamãe Iemanjá". Iemanjá, sinônimo de vida, maternidade e generosidade, é o símbolo do mar, que está presente na maior parte da superfície da terra. É a principal figura materna no Iorubá, além de apresentar uma característica forte dos indígenas, que são os cabelos lisos, levemente ondulados. No sincretismo religioso, ela representa Nossa Senhora da Conceição, protetora dos navegantes, que decide o destino de todos aqueles que se aventuram no mar. É também considerada a Afrodite brasileira, a deusa do amor. Existe uma crença entre os adeptos da religião de que Iemanjá, além de ser a deusa do amor, também

[11] Arma branca, reta ou encurvada, com um só gume: sabre de abordagem, de cavalaria, de infantaria. Espada curta com somente um fio; terçado. (HOUAISS, 2020, s/p).

representa prosperidade. Assim, muitos umbandistas fazem entregas para ela, no mar ou nos rios, como forma de agradecimento pela vida, pelos amores e pela maternidade.

Seu nome significa “mãe cujos filhos são peixes” (VERGER, 1981, p. 190). É conhecida como a deusa do mar. Casada com Orinmilá, seu primeiro marido, senhor das adivinhações. Seu segundo marido foi Olofin, com quem teve dez filhos, sendo dois deles conhecidos, Oxumaré e Xangô. O sacrifício para Iemanjá é feito com carneiros e as oferendas são à base de milho. Sábado é seu dia da semana, seus adeptos usam colares de contas de vidro e se vestem de azul. A dança nos faz lembrar o movimento das ondas, levantando e abaixando o corpo e movimentando as mãos em direção à testa e à nuca, alternadamente.

Iemanjá é ligada à agua salgada. Porém, seus adeptos fazem entregas de oferendas nos rios também. É, frequentemente, representada por imagens de sereias, com cabelos compridos e soltos. Na Umbanda, as oferendas são lançadas no mar ou nos rios, no último dia do ano. Os umbandistas têm a imagem de Iemanjá como a personificação do bem, uma protetora como uma mãe com seus filhos. Sua imagem mais marcante é, de acordo com Verger,

> [...] representada como uma espécie de fada, com a pele cor de alabastro, vestida numa longa túnica, bem ampla, de musselina branca com uma longa cauda enfeitada de estrelas douradas, surgindo das águas, com seus longos cabelos pretos esvoaçando ao vento, coroada com um diadema feito de pérolas, tendo no alto uma estrela-do-mar. (VERGER, 1981, p. 193)

É interessante destacar que, aqui no Brasil, Iemanjá é uma mulher magra, mas com as curvas bem definidas. Ao contrário da imagem africana, que tem os seios volumosos, aqui, ela aparece com pequenos seios, representando o estereótipo da mulher europeia, que dita os padrões de beleza, estando longe de ser a matrona que era na África.

No trecho seguinte do hino, aparecem Oxóssi e Oxum: “A mata virgem tem seu semeador/ Ele é Oxóssi Okê Okê Arô!/ Na cachoeira eu vou me refazer/ Nas águas claras de Oxum ai ieie!”. Oxóssi é um índio guerreiro, líder dos Caboclos, que luta de forma mais pacífica e justa, usando da inteligência e não da força. Também conhecido como o deus da fartura, conhecedor dos segredos da natureza e considerado como o rei das matas, sincretizado com São Sebastião. Possui um grande saber sobre as ervas medicinais, trabalhando na cura de doenças. É tido como deus dos caçadores, irmão caçula ou filho de Ogum. Com sua proteção, os caçadores conseguem caça abundante. O culto a Oxóssi é muito difundido no Brasil, uma vez que os negros escravizados trouxeram para o país todo o conhecimento sobre o ritual africano. Seus adeptos usam colares azuis-esverdeados, o dia da semana é quinta-feira, seu símbolo é o arco e a flecha. Para o sacrifício, são utilizados porcos e o prato é milho cozido

com fatias de coco. “Suas danças imitam a caça, a perseguição do animal e o atirar da flecha” (VERGER, 1981, p. 113).

Na mesma direção, temos Oxum, sincretizada com Nossa Senhora Aparecida, também cheia de amor e generosidade. Representa, assim como Iemanjá, a maternidade. Tem ligação com as crianças bem pequenas, que precisam de amor e carinho. Exala beleza por onde passa, seu lugar é a água doce, nos rios e cachoeiras. Apesar de ser sincretizada com Nossa Senhora Aparecida, Oxum também aparece como uma mulher sedutora e, em algumas imagens, com os seios à mostra e elementos que remetem ao ouro, como, por exemplo, anéis e pulseiras. Foi a segunda mulher de Xangô, e viveu antes com Ogum, Orunmilá e Oxóssi. Muitas mulheres que querem ter filhos a procuram, pois ela controla a fecundidade. No Candomblé, Oxum é chamada de Ialodê, que, segundo Verger, é o “[...] título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade. Além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, sem a qual a vida na terra seria impossível” (VERGER, 1981, p. 174). Oxum é conhecida como uma amante das joias de cobre, sua imagem é sempre muito cheia dessas joias. Mora em lugares profundos, entre a nascente e o desague dos rios. No Brasil, os adeptos usam colares de contas amarelo ouro e braceletes de latão, o dia da semana consagrado a ela é sábado, os sacrifícios são feitos com cabras, a comida oferecida é cebola, feijão fradinho, sal e camarão. Sua dança remete às mulheres vaidosas e sedutoras, que gostam de se enfeitar com colares e braceletes e se admirar no espelho.

Outros Orixás são citados no hino, tais como Ogum e Obaluaê: “Se a injustiça faz guerra de poder/ Valha-me a espada de Ogum, Ogunhê/ Não há doença que venha me vencer/ Sou protegido (a) de Obaluaê”. Ogum, um grande guerreiro, vencedor de dragões, luta de forma mais intensa, sendo conhecido como vencedor de demandas; com seu escudo, ele bloqueia o mal e o leva de volta a quem o desejou. No sincretismo ele representa São Jorge, guerreiro que luta todos os dias contra as maldades dos inimigos. Na África, Ogum era filho mais velho de Oduduá, que guerreava com os inimigos. Ogum foi o filho mais enérgico de Oduduá, com pouca paciência. Ele é o deus do ferro e de todos que utilizam o metal, como os agricultores, caçadores, açougueiros, marceneiros, carpinteiros, entre outros. Ele é único, mas existe a lenda de que ele é dividido em sete partes, fazendo referência às sete aldeias que existiam em volta do Irê (pequeno reino onde Ogum era rei) (VERGER, 1981, p. 87).

O culto a Ogum é muito difundido em ter os territórios de língua ioruba, por exemplo, o Togo. Ogum é muito respeitado, muitos o utilizam como testemunha em uma discussão, “tocando com a ponta da língua a lâmina de uma faca, ou um objeto de ferro”, sinalizando que estão sendo sinceros (VERGER, 1981, p. 88). Esse tipo de juramento é semelhante ao que os

cristãos fazem à Bíblia. Essa importância dada a Ogum deve-se ao fato de ele ser o mais antigo dos deuses iorubas, que possui ligação com os metais.

No Brasil, Ogum é o deus dos guerreiros. Na Bahia, recebe sete nomes diferentes, parecidos com os que recebeu na África, são eles: Ogum Onirê, Ogum Akarô, Ogum Alegbedê, Ogunjá, Ogum Mejê, Ogum Omini e Ogum Warí. Seus adeptos usam colares de vidro azul escuro, e às vezes verde. O dia da semana consagrado a ele é terça-feira e, como na África, é representado por sete instrumentos de ferro. Seu nome é mencionado em sacrifícios de outros orixás, por ser o senhor dos metais. Quando manifesta nos médiuns, "[...] dança com ar marcial, agitando sua espada e procurando um adversário para golpear" (VERGER, 1981, p. 94). Ogum representa pessoas fortes, que são impulsivas e briguentas, segue seus objetivos e não se desencorajam facilmente. Tem o humor que oscila rapidamente, da extrema raiva para a tranquilidade.

Omulu, também chamado de Obaluaê, na África significa Rei dono da terra. Também recebe o nome de Omulu (filho do senhor), é o deus da varíola e das doenças contagiosas — ele pune os malfeitores com a varíola. No culto a Obaluaê, os sacrifícios de animais são feitos sem o uso de instrumentos de ferro, o que indica que Obaluaê viveu antes da idade do Ferro, portanto, antes da chegada de Ogum. As cerimônias para Obulaê ocorrem em um mercado, onde existe um templo com o mesmo formato das barracas do mercado, quatro pilastras e um telhado simples. Em dias de festa, os fiéis saem do templo principal em direção ao templo no mercado, levando as gamelas com os alimentos de Obaluaê (VERGER, 1981, p. 219).

No Brasil, Obaluaê é sincretizado com são Lázaro. Seus adeptos usam colares de contas marrons com listras pretas. Em suas danças, o médium é coberto de palha e dançam encurvados para frente, imitando quem sente dores e os tremores de uma febre. Na festa anual, são oferecidos a ele milho cozido em folhas de bananeira, carne de bode e pipoca. Seu dia da semana é segunda-feira. Segundo diz a lenda africana, Obaluaê é filho de Nanã e Oxumaré. Por isso, as oferendas aos três são feitas na mesma cabana, separada dos demais orixás. Obaluaê representa as pessoas que gostam de exibir seu sofrimento e, assim, se satisfazem intimamente, pessoas amargas e que não ficam felizes quando tudo parece bem (VERGER, 1981, p. 216). Na Umbanda, ele chefia os cemitérios, é protetor dos miseráveis. É sincretizado com Santo Antônio, que, no Catolicismo, é o famoso Santo casamenteiro.

Xangô e Cosme e Damião, santos católicos, são anunciados no trecho seguinte do hino: "Eu sou de Paz/ Mas sou um lutador/ A minha lei quem dita é Xangô/ A alegria já tem inspiração/ Na inocência de Cosme e Damião". Xangô tem a vida marcada pelos prazeres da carne e constante presença de mulheres; de temperamento quente, luta até o fim pelo que

acredita, além de fazer justiça e defender seus filhos. Conhecido também como o senhor das pedreiras, representando a justiça. Na África, Xangô foi filho de Oranian e Torosi, cresceu no país da sua mãe, indo para Kossó (região da África), lugar em que venceu pela força os habitantes que não o aceitavam. Logo seguiu para Oyó, tirando seu irmão do reinado. Teve como esposas Iansã, Oxum e Obá, apresentando muita virilidade. O símbolo de Xangô é o machado de duas lâminas, que é segurado pelos iniciados quando estão em transe. Além disso, os iniciados também carregam na cabeça um jarro com furos no fundo e fogo. Depois "[...] engolem pequenos pedaços de algodão embebidos com azeite de dendê, em combustão", fazendo referência à lenda de que Xangô cuspia fogo, através de um preparado mágico (VERGER, 1981, p. 135).

No Brasil, Xangô é muito popular. Seus fiéis usam colares de contas vermelhas e brancas e o dia da semana destinado a ele é quarta-feira. Nas danças, Xangô brande e faz gestos de quem vai lançar seus raios de pedra sobre a terra. Na cultura umbandista, é visto como um Orixá de extrema força, simbolizando um protetor legítimo de seus filhos. Representa São João Batista no sincretismo religioso.

Os Ibejis, que são as crianças, são representados por São Cosme e São Damião, irmãos gêmeos que exerciam a medicina e não cobravam. Foram submetidos a torturas, pois não queriam adorar os deuses Gregos. A linha de Cosme e Damião é composta pelos espíritos de crianças, na Umbanda. Alguns autores como Campelo, citado por Martins, acreditam que as crianças espirituais são as que morreram antes da hora. Os Orixás infantis são entendidos como puros, que morreram de forma precoce, então são "[...] considerados como muito evoluídos espiritualmente" (MARTINS, 2016, p. 109). As crianças são símbolo do amor universal, iluminação e felicidade. Elas geralmente se manifestam em dias de festa, demonstrando muita alegria e satisfação em estar ali e poder incorporar em um médium. Como todas as outras entidades, as crianças têm seus jeitos próprios quando incorporadas. Muitas não andam, chupam chupeta, batem palmas e pedem a benção dos mais velhos. Quando elas chegam ao terreiro, a alegria contagia a todos que ali estão. Elas adoram doces e guaranás e fazem uma grande bagunça em dias de festa, quando ganham tudo de que gostam.

Nos versos finais, são citados Nanã Buruquê e Oxalá: "Não tenho medo/ Vou ter medo de que?/ Tenho ao meu lado Nanã Buruquê/ E essa luz que vem de Oxalá/ Tenho certeza vai me iluminar!". Nanã Buruquê é uma velha senhora que rejeitou dois filhos (Omulu e Oxumaré). Iemanjá, amorosamente, deles cuidou. Nanã é conhecida por sua sabedoria e força, faz aconselhamentos e vê além do que podemos imaginar. Também tem sua força retirada da lama dos pântanos. No Catolicismo, é sincretizada com Santa Ana, avó de Jesus Cristo, como

vimos no Hino da Umbanda. No Brasil, é conhecida como a mãe de Obaluaê. Seus fiéis usam colares com a cor branca e listras azuis, o dia da semana é segunda-feira, o mesmo de seu filho Obaluaê. Sua dança é realizada com muita dignidade, pois representa uma senhora de idade; os movimentos "lembram um andar lento e penoso, apoiado num bastão imaginário" (VERGER, 1981, p. 240). O sacrifício a Nanã é feito com cabras e galinhas d'angola, não utiliza facas e é oferecido quiabo bem temperado.

É a mais antiga divindade das águas mansas dos rios, que ficam paradas e dos lagos lamacentos e pântanos. Representa as pessoas calmas, gentis e benevolentes, as pessoas que realizam seus trabalhos com lentidão, gostam muito das crianças e as educam com doçura.

Oxalá é visto como apaziguador de conflitos, sendo sincretizado com Jesus. Na África, é chamado de Obatalá. É o grande orixá, o mais elevado dos deuses iorubas. "Foi o primeiro a ser criado por Olodumaré, o deus supremo" (VERGER, 1981, p. 252). A ele foi confiada a missão de criar os homens que habitariam a terra. No Brasil, particularmente na Bahia, é o maior dos Orixás. Seus adeptos usam colares de contas brancas e se vestem de branco, seu dia da semana é sexta-feira. O hábito de vestir branco no Candomblé e na Umbanda é uma forma de respeito ao prestigiado Orixá, pela sua importância. Oxalá é sincretizado com Senhor do Bonfim, na Bahia e com Jesus, para muitos umbandistas. Na Bahia, acontece, todos os anos, a lavagem do chão da Basílica de Senhor do Bonfim, uma alusão ao que aconteceu na África durante uma viagem de Oxalá em visita a Xangô. Os fiéis aparecem em grande número para este evento.

Tem um jeito calmo e inspira confiança. Seus adeptos são pessoas respeitáveis e reservadas, com muita força de vontade. Nos terreiros de Umbanda, ele é o Orixá principal nos rituais, sendo o pai maior, aquele que comanda o mundo.

3.3. Caboclo Flecheiro

Os negros bantos vindos da África cultuavam espíritos ancestrais. Com a chegada ao Brasil, "[...] passaram a cultuar os espíritos ancestrais dos indígenas" (NOGUEIRA, 2014, p. 15). Com isso, o caboclo foi colocado em destaque nos terreiros umbandistas. Os parâmetros usados nas sessões de caboclo, como o cocar, as flechas e os colares, por exemplo, são formas de encobrir um culto muito antigo, que é o culto aos ancestrais da terra. No século XIX, o índio brasileiro passa a ser visto como herói. Alguns acreditam que a independência do Brasil teve influência neste processo. Na visão popular, os caboclos são diversificados, moradores

das matas, sertões e roças, além de serem valentes e fortes. Nos terreiros umbandistas, porém, o papel do caboclo é bem mais importante. Além de forte e valente, ele é, também, o defensor da terra, atuando junto com os pretos velhos, iniciam as sessões e dão passes nos visitantes. Com sua força, protegem todos no terreiro, proporcionando uma grande paz. A partir da incorporação, os caboclos passam "[...] a apresentar os aspectos e desenvolver as funções de uma divindade" (NOGUEIRA, 2014, p. 45). Os nomes têm relação com a natureza, determinando onde vão atuar, que pode ser nas cachoeiras, lua, sol, trovão e as matas.

Os caboclos são espíritos de indígenas que já viveram na terra. Às vezes, são associados ao caipira rústico, mas esperto. Só fazem o bem, ajudando os consulentes na resolução de problemas. Por viverem na mata, conhecem as ervas de cura. Também possuem espírito de liderança, o que explica a força com que incorporam nos médiuns: "Seus conselhos têm uma forte ligação com o Orixá Ossãe, orixá das ervas e das matas" (NOGUEIRA, 2014, p. 48). Não só promovem a cura espiritual de um consulente, mas fornecem ânimo para continuar na caminhada evolutiva.

Lody, citado por Nogueira (2014, p. 50), menciona dois tipos de caboclos, o de Pena e o Cangaceiro. O Caboclo de pena se veste e faz movimentos que lembram a caça, com a utilização de arco e flecha. O Cangaceiro, chamado de boiadeiro, gira laços imaginários, brande chicotes e parece estar tocando uma boiada.

Oxóssi, um guerreiro, que luta pelos seus filhos, cuida das matas e dos animais, usa um capacete imponente na cabeça. Sua arma, em suas mãos, se torna tão letal quanto uma arma de fogo. No ponto cantado "Caboclo atirou", temos a presença da imagem do índio brasileiro, valente e que luta pela preservação da vida e das matas.

Caboclo Atirou

Ele atirou
Ele atirou e ninguém viu
Só seu Flecheiro é que sabe
A onde a flecha caiu
Ele atirou!
Ele atirou
Ele atirou e ninguém viu
Só seu Flecheiro é que sabe
A onde a flecha caiu
Ele atirou!

(PONTOS de Umbanda, 2019, s/p.)[12]

O Caboclo faz parte das sete linhas da Umbanda, compostas por Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iansã, Iemanjá e a linha das Almas. A terceira linha é a que representa os Caboclos na Umbanda, segundo Leal de Souza (1933, p. 52), "[...] cada linha tem o seu ponto emblemático e a sua cor simbólica [...], a de Oxóssi, verde [...]". Os Caboclos têm uma potência fluídica com as entidades, são dotados de muito saber. São originários da Linha Negra, possuem as missões de preparar os despachos do povo da encruzilhada e procuram diminuir a hostilidade contra os filhos da linha branca: "Ele atirou / Ele atirou e ninguém viu".

Como um rei, tem a função de zelar pelos seus "súditos". Neste caso, o Caboclo protege as matas, os animais e tudo que tem relação com a natureza. Assim, no trecho citado, podemos entender que ele fica na espreita, agindo no momento certo, sem ser notado. Além disso, o Caboclo é certeiro e rápido, não atira sua flecha em vão: "Só seu Flecheiro é que sabe/ Aonde a flecha caiu".

"Seu Flecheiro" é um dos caboclos presentes no universo umbandista, tendo sempre sua flecha pronta para se defender e defender a natureza e os filhos de fé contra os perigos do mundo material. Um detalhe importante nos pontos cantados é a repetição e as letras curtas, que favorecem a memorização. Em uma sessão de Umbanda, os pontos são entoados o tempo todo, possivelmente, para que os frequentadores aprendam a letra e possam acompanhar, fortalecendo ainda mais as vibrações presentes no momento, sejam de incorporação, desobsessão ou outros trabalhos presentes nos terreiros de Umbanda.

Nos terreiros, eles trabalham junto com os pretos velhos, mas, ao contrário da imagem que os pretos velhos passam, de cansaço, velhice e sofrimento, os caboclos mostram vitalidade e força. Segundo Ortiz,

> A chegada de um caboclo vem sempre acompanhada de um grito forte que denota a energia e a força desta entidade espiritual: eles são espíritos indóceis rebeldes (traços do selvagem?) que batem fortemente os punhos cerrados contra o peito à guisa de saudação. (ORTIZ, 1991, p.71)

Ao contrário de outras entidades, o caboclo, quando incorpora, mantém uma figura altiva. São espíritos brasileiros que também participam do Candomblé, sendo paramentados como as divindades próprias do Candomblé.

[12]Disponível em: <https://letras.mus.br/umbanda/914435/> Acesso em: 19 set. 2019.

3.4. Baiano bom é o que sabe trabalhar

O próximo ponto cantado a ser comentado é "Baiano sabe trabalhar", de autoria coletiva. Os baianos são lutadores e flexíveis, adaptáveis às circunstâncias, comportando-se de acordo com as demandas recebidas.

BAIANO SABE TRABALHAR

Baiano bom
Baiano bom
Baiano bom é o que sabe trabalhar
Baiano bom
Baiano bom
Baiano bom é o que sabe trabalhar
Baiano bom
É o que sobe no coqueiro
Tira o coco, bebe a água
E deixa o coco no lugar
Baiano bom
É o que sobe no coqueiro
Tira o coco, bebe a água
E deixa o coco no lugar.
Formiga preta
Rainha dos formigueiros
Quem não pode com mandinga
Não mexe com macumbeiro
Formiga preta
Rainha dos formigueiros
Quem não pode com mandinga
Não mexe com macumbeiro.
(PONTOS de Umbanda, 2019, s/p.).[13]

O baiano é um tipo de nordestino, "sua história é povoada por lutas, batalhas, atos de bravura e valentia [...]". (MACEDO; BAIRRÃO, 2011, p. 207). Os baianos podem ser interpretados na Umbanda como subalternos da metrópole, figuras mansas, tranquilas, pacientes e preguiçosas. Para Macedo e Bairrão,

> [...] alguns umbandistas afirmam que os baianos, em suas vidas anteriores, foram nordestinos pobres, brigões, pais-de-santo do candomblé da Bahia, macumbeiros; outros acreditam que eles foram negros ou mestiços de africanos com grande experiência [...] (MACEDO; BAIRRÃO, 2011, p. 208).

[13]Disponível em:<https://www.letras.mus.br/umbanda/1380321/>. Acesso em: 19 set. 2019.

O baiano é um desdobramento do Preto Velho, como se fosse um "Preto Jovem". É considerada uma entidade relativamente nova na Umbanda. No ponto cantado, vemos a construção da figura do baiano de maneira paradoxal, estabelecendo a presença de dois tipos de baiano: o que é bom, porque sabe trabalhar, e o baiano "ruim" que, pelo contrário, não saberia trabalhar: "Baiano bom/ Baiano bom/ Baiano bom é o que sabe trabalhar/ Baiano bom/ Baiano bom/ Baiano bom é o que sabe trabalhar".

Ao contrário da crença de que o baiano é devagar, não gosta de trabalhar, gosta de ficar na sombra e só bebe água de coco, este ponto vem para mostrar, pelo menos na primeira estrofe, que eles são trabalhadores e valentes. Enquanto todos pensam que ele está descansando, ele está na verdade trabalhando em algo a seu favor. "Baiano bom/ É o que sobe no coqueiro/ Tira o coco, bebe a água/ E deixa o coco no lugar".

Elisete Zanlonrenzi, em seu artigo "A banalização da Preguiça", parte de sua tese de doutorado defendida em 1998, na USP (Universidade de São Paulo), nos fala mais um pouco sobre a origem do estereótipo dado ao baiano, de ser preguiçoso. De acordo com a autora, "[...] o turismo se apropriou da cultura afrodescendente, estereotipando os baianos como preguiçosos" (ZANLONRENZI, 1998, p. 1), porém, esta visão é equivocada, pois os baianos foram para a metrópole — São Paulo — e representaram uma grande força no trabalho, a partir dos anos de 1950. Isso confirma o que Rodrigo Casali menciona no seu artigo sobre a mão de obra baiana, citado anteriormente.

A imagem da preguiça baiana possui dois campos significativos: o espaço depreciativo, que, ao nominar o baiano como preguiçoso, o inferioriza, e o espaço do elogio, relacionado com o jeito baiano de ser, em que a preguiça passa a ser uma qualidade. (ZANLONRENZI, 1998, p. 3). De acordo com a autora,

> [...] enquanto a Bahia estava em seu lugar, ou seja, não havia migração baiana em grande escala para as regiões Sudeste e Sul e por outro lado Salvador ainda não havia sido incorporada à dinâmica do capitalismo industrial, essas imagens sobre preguiça não haviam sido formuladas. Foi no movimento de inserção da Bahia na divisão inter-regional do trabalho- tanto em termos econômicos quanto em termos do mercado de bens simbólicos- que os baianos gradativamente "adquiriram" a fama de serem preguiçosos. (ZANLONRENZI, 1998, p. 3).

É interessante ressaltar o que diz Elisete Zanlonrenzi sobre a nominação. Ela cita um autor importante que defende a ideia de classificação como instrumento de poder. Bourdieu coloca que a nominação de alguém ou de um grupo "atribui valor social" (BOURDIEU apud

ZANLONRENZI, 1998, p. 4). Dessa maneira, os artistas e a grande mídia foram construindo e classificando o baiano de preguiçoso, atrelado à ideia de não trabalhar.

Em meados dos anos 50, a Bahia passa a ser vista como um lugar exótico, místico e de "não-trabalho" (ZANLONRENZI, 1998, p. 6). Começa a oferecer a cultura durante muito tempo excluída, dos afrodescendentes. A partir desse momento, toda a região Nordeste ganha destaque turístico, pela sua beleza. Salvador, em especial, apresenta a cultura afrodescendente.

Fabrício Marques, no artigo "O mito da preguiça baiana, trabalho e racismo*"*, publicado em 2016, no *site* Geledés, afirma que o estereótipo de baiano preguiçoso foi engendrado pela elite da Bahia, "[...] com o objetivo de depreciar os negros, a maioria esmagadora da população local" (MARQUES, 2016, s/p.).

Este trecho do Ponto Cantado mostra a esperteza do baiano que, como foi dito, é julgado como preguiçoso. Além de subir árvore para ter acesso ao coco, ele bebe a água e deixa a fruta no lugar, ou seja, ele suga o que há de melhor na fruta e deixa o resto para quem quiser pegar. Por outro lado, a água é mais fácil de ser retirada do coco do que a polpa de raspar. Ele tem preguiça de raspar a poupa, pois prefere o que é mais fácil, assim como o malandro. O baiano busca a simplicidade em sua ação: "Formiga preta/ Rainha dos formigueiros/ Quem não pode com mandinga/ Não mexe com macumbeiro".

Nesta estrofe, o ponto faz uma referência da formiga rainha com o baiano, que, apesar de esperar pelo alimento trazido pelas outras formigas, come pelas beiradas, é muito ágil e valente como o baiano. Se não aguenta o peso da mão de um macumbeiro, então não mexa com ele. Neste caso, esclarecemos que as demandas[14] são, de forma metafórica, os males presentes na vida do baiano, e ele, com toda sua força e valentia, enfrenta tudo de cabeça erguida. Além disso, também mostra a ironia por trás da palavra macumbeiro[15], que generaliza todos os frequentadores de terreiros de Umbanda, sendo uma forma pejorativa de tratar o termo. O baiano é macumbeiro de natureza. Portanto, é perigoso, pode usar seu poder "mágico" para ferir quem tenta atacá-lo de alguma forma. Por isso, deve-se temê-lo, ter cuidado com o baiano.

3.5. Preto velho pode ser preto

[14] No dicionário Houaiss, demanda significa, em um dos sentidos da palavra "ação ou efeito de demandar, de buscar, de procurar, procura: a demanda desse produto aumentou".
[15] Segundo o Dicionário online de Português, macumbeiro é quem pratica a macumba, culto afro-brasileiro, de origem nagô, que tem influência católica, espírita e ocultista.

Passaremos, agora, para o próximo, de uma entidade muito importante na Umbanda, o Preto Velho. Os Pretos Velhos são as figuras mais conhecidas no universo religioso umbandista e também por pessoas de outras religiões. Todos têm na memória a imagem de um velho, negro, de barba e cabelos brancos, sentado e com um cachimbo na mão. Essa entidade é muito procurada, "[...] por seus conselhos, suas bênçãos e suas receitas para cura de males físicos e espirituais" (REZENDE, 2017, p. 62). Por apresentar muita idade e muitos anos de sofrimento, uma vez que eles foram escravizados, os Pretos Velhos são vistos como entidade de muita luz, sabedoria, amor e cuidado. Possui uma voz firme, porém rouca, um tremor natural, pela velhice. Trabalha sempre em prol do bem ao próximo. Segundo Rezende,

> A figura paciente, encurvada, com fala mansa e movimentos lentos dos pretos - velhos da umbanda se aproxima de algumas personagens do folclore como o "Pai João" e a "Mãe Maria", semelhança que se dá também nos epítetos baseados em graus de parentesco próximos. Pai João e Mãe Maria são muito comuns nos contos populares. Negros velhos, africanos, escravos, eles são a antítese do escravo revoltado, suas atitudes e falas demonstram profunda resignação com sua condição. Dentre suas características mais conhecidas figura o dom de contar histórias, tradições e crônicas da família e dos ancestrais africanos. (REZENDE, 2017, p. 64)

Preto velho pode ser preto

O preto por ser preto
Não merece ingratidão
O preto fica branco
Na outra encarnação
No tempo da escravidão
Como o senhor me batia
Eu chamava por Nossa Senhora, Meu Deus!
Como as pancadas doíam
O preto por ser preto
Não merece ingratidão
O preto fica branco
Na outra encarnação
No tempo da escravidão
Como o senhor me batia
Eu chamava por Nossa Senhora, Meu Deus!
Como as pancadas doíam.
(PONTOS de Umbanda, 2019, s/p.)[16]

Percebemos, nos dois primeiros versos: "O preto por ser preto/ Não merece ingratidão" a marca da escravidão e do sofrimento, sendo interpretado de forma que os negros

[16]Disponível em: <https://www.letras.mus.br/umbanda/1380308/> Acesso em: 19 set. 2019.

(condição étnica e não raça) eram tratados com desprezo, indiferença e tantos outros substantivos que os levavam às condições de subalternos.

Nos versos seguintes, “O preto fica branco/ Na outra encarnação”, podemos perceber que os negros escravizados sofreram muito, desde a saída da África, entre os séculos XVI e XIX, já que eles eram comprados e marcados como mercadoria. Antes mesmo de desembarcarem no Brasil, eles já eram marcados, simbolizando, assim, o batismo e o imposto pago. Conforme Rosseto,

> Diante dessa imposição, caberia ao africano se adaptar, mesmo que não compreendesse a religião do branco e o seu deus, pois a sociedade que lhe era superior se compunha de brancos cristãos e se designava como única. Assim, aos olhos da Igreja Católica, outras religiões eram vistas como demoníacas e, portanto, cabia à Igreja catequizar esses indivíduos [...] Mesmo diante de todo sofrimento, faziam ressoar à noite nas senzalas as suas batucadas e danças. (ROSSETO, 2016, p. 13).

Yvonne Maggie contribui com este tema, nos dizendo que, nos terreiros de Umbanda, existe uma inversão da imagem do preto velho. O desejo de ficar branco, então, é suprido dentro do terreiro, uma vez que o negro recebe o valor que tanto desejava, pois, no terreiro, os pretos e pretas velhas são reverenciados. De acordo com Maggie (2016, s/p.),

> O culto aos pretos-velhos nos terreiros de umbanda representa uma inversão do que se vive no dia-a-dia da vida na nossa sociedade. No ritual eles são reverenciados. Os consulentes têm de se ajoelhar diante deles para lhes beijar a mão e receber seus conselhos porque os pretos e pretas-velhas são encurvados e sua fala estranha, mansa e baixa tem de ser ouvida de perto. Muitas vezes um “cambono” ou auxiliar fica a seu lado para traduzir para o fiés o que a entidade está dizendo. Porém, na vida cotidiana, os velhos e menos ainda os pretos e pretas velhas são reverenciados e respeitados. A maioria vive na pobreza e poucos deles terão uma velhice amparada pelo Estado. Basta olhar a fila nos hospitais públicos, a dificuldade de ter um leito no SUS e a quantidade de pretos e pretas velhas nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, sem teto, sem família, vivendo de esmolas. (MAGGIE, 2016, s/p.)

No trecho “No tempo da escravidão/ Como o senhor me batia”, mostra-se clara a covardia, violência e domínio do branco fazendeiro sobre os negros. Num momento de extremo sofrimento físico, sem forças para pedir ajuda, além de serem privados disso, os negros chamavam quem eles acreditavam que poderia ajudar, no caso, Nossa Senhora. A fé que eles carregavam, e que nos deixaram como herança, muitas vezes, os salvaram da morte, pelo fato de clamarem pela ajuda do divino e serem atendidos, por acreditar que isso era

realmente possível. O povo brasileiro carrega esta fé, e, em momentos de muita dificuldade, apela para Deus ajudar. Nas palavras de Bastide:

> Em regra geral, os membros da classe superior local - grandes proprietários, advogados, médicos, chefes políticos - são todos brancos; os mulatos e mestiços compõem a classe média e os negros escuros se aglomeram na classe baixa que mora nos subúrbios - zona fronteiriça, onde a cidade pequena termina suavemente no campo. (BASTIDE, 1971, 394).

Os pretos velhos são os primeiros a chegar a um ritual umbandista. Em algumas sessões, vem logo após os caboclos, que passam para ajudar a limpar o ambiente de maus fluidos. Os pretos velhos são muito procurados pela sua sabedoria e passe de cura. O médium que o incorpora sente profunda paz interior e alegria, por ter a possibilidade de ajudar o próximo. Nas palavras de Ortiz,

> Quando eles descem, o corpo do neófito se curva, retorcendo-se como o de um velho esmagado pelo peso dos anos. Envolvido pelo espírito, o médium permanece nesta posição incômoda durante horas. Em deferência à idade dos pretos velhos lhes é oferecido sempre um banquinho onde eles podem repousar da fadiga espiritual. (ORTIZ, 1991, p. 73)

Há relatos de médiuns sobre o momento da incorporação, dizendo que sentem uma melhora física de algumas dores, por exemplo, a coluna. Trata-se de algo muito curioso, pois a curvatura de coluna do preto velho deveria resultar em mais dores.

3.6. A história de um certo Zé (Zé Pelintra)

A seguir, analisaremos o ponto cantado de Malandro. Personagem carioca das décadas de 30 e 40, participou da vida da cidade, passando a fazer parte do imaginário da sociedade brasileira. O cenário principal do malandro mostra a cidade do Rio de Janeiro, a Lapa, onde o samba acontece. A roupa branca do personagem representa um linho, tecido fino e imponente. A pose dele, encostado no poste, com o cigarro na mão, o chapéu caído nos olhos, esconde os segredos da vida de um boêmio, mulherengo e o mais esperto entre os homens numa roda de samba. A palavra “malandro” tem várias origens curiosas, mas todas levando a crer que ele possui um caráter duvidoso. Conforme Oliveira:

> O termo pode evocar as posições antípodas de bandido ou de herói, ameaça representada pela multidão dos excluídos sociais ou a efusiva e colorida representação nacional. Para situá-lo num terreno menos impreciso, há que trilhar caminhos diversos, desnorteantes encruzilhadas, nos limites dificilmente definíveis do discurso histórico, literário, social e do imaginário popular. (OLIVEIRA, 2011 apud CONFESSOR, 2016, p.16)

A cosmologia da Umbanda possui vários tipos de entidades. De acordo com Ana Paula Oliveira, "[...] a grande maioria tipos sociais notavelmente subalternizados e oriundos do contexto popular" (OLIVEIRA, 2018, s/p). Confirmando o que foi dito por Confessor, Oliveira diz,

> Dentre os arquétipos está o malandro, ator dos espaços da margem, enraizado na formação da sociedade brasileira. Ao longo das décadas e das mudanças na arte, na literatura, nos contextos históricos e sociais, festas e ritos, o malandro recebeu diversos moldes estéticos, performáticos e psicológicos. No entanto, o típico representante carioca dos anos 20 e 30, com seu terno branco e chapéu Panamá, se cristalizou como um dos símbolos de uma noção de identidade brasileira e, na Umbanda, foi incorporado e suas dimensões de malandragem ressignificadas para que ele pudesse atuar. Na categoria dos malandros, Zé Pelintra, ou apenas "Seu Zé", é figura conhecida. (OLIVEIRA, 2018, s/p).

Existe outro contexto acerca do malandro, que nos leva aos tempos da escravidão dos negros. Diante das condições de ser a classe oprimida da sociedade, Confessor afirma:

> [...] não é possível precisar até que ponto a sua situação de ociosidade seria uma escolha ou uma consequência das desigualdades sociais tão gritantes no Brasil. É provável que a visão eurocêntrica proveniente do modelo de colonização tenha contribuído para construir no imaginário brasileiro essa pouca familiaridade com o trabalho, comum também à visão do português colonizador diante do índio nativo, visto da mesma maneira que o negro, tão preguiçoso quanto indolente. (CONFESSOR, 2016, p. 17)

Antes de fazer parte do samba e da literatura, o malandro já era personagem nas ruas, tinha ligação com a capoeira e as religiões africanas. Assim, ele define a própria condição do indivíduo brasileiro. Na religião, o malandro não é tratado como entidade do mal. Ele é visto como forte, brigão, mulherengo, jogador, bebedor e justiceiro. Apesar de galanteador, respeita muito as mulheres de seu convívio e não admite violência.

Os malandros são facilmente confundidos com os Exus, pois costumam trabalhar em giras de Exu. Porém, os malandros têm características bem diferentes, encarnando o

verdadeiro carioca, com seu gingado inconfundível. Ele é natural do Rio de Janeiro, segundo Oliveira, "[...] foram transportados para a Umbanda e representam um grupo historicamente marginalizado na sociedade brasileira: os negros" (OLIVEIRA, 2018, p. 117). Na umbanda, são vistos como amantes da noite, gigolôs, homem de várias mulheres, jogos e samba. Mas também são cordiais, alegres, espertos e se saem bem em qualquer situação. Zé Pelintra, especificamente, foi um dos malandros que apresentava todas as características mencionadas.

A Historia de Um Certo Zé (Zé Pelintra)

A historia de um certo Zé
Eu agora vou contar
Ele fez uma promessa
Nos braços de Iemanjá
A canoa já virou
foi a marola lá do mar
Se salvasse a sua vida
Da bebida ele ia largar
Por causa dessa promessa
nego Zé se transformou
Saravá seu Zé Pelintra
Na umbanda ele é Doutor.[17]
(PONTOS de Umbanda, 2019, s/p).

Podemos perceber, mais uma vez, que o ponto cantado é uma narração em terceira pessoa. Alguém conta a história do malandro. Já na primeira frase, vemos que o malandro em questão é conhecido, pois é tratado como "um certo Zé", ou seja, uma pessoa que o narrador conhece. Na primeira estrofe é citado um Orixá - Iemanjá. Conhecida como "Rainha do mar", Iemanjá é cultuada na Umbanda, transmitindo respeito, amor, confiança, "[...] sinônimo de vida, maternidade e generosidade" (LIGIERO; DANDARA, 1998, p. 75). Portanto, Zé Pelintra, nosso malandro em questão, recorre à mãe maior, utilizando-se da promessa para alcançar o que desejava.

Na estrofe: "A canoa já virou/ foi a marola lá do mar/ Se salvasse a sua vida/ Da bebida ele ia largar" percebemos que, na frase "a canoa já virou", o autor/ narrador mostra que o fato já ocorreu, que o malandro havia feito uma promessa, com o intuito de salvar a própria vida. Caso isto ocorresse, a intenção era a de parar de beber. Nas palavras de Cláudia Matos, em "Acertei no milhar: Samba e malandragem no tempo de Getúlio",

[17]Disponível em: <https://www.letras.mus.br/umbanda/1241399/>. Acesso em: 19 set. 2019.

> A cultura malandra já existia há muito tempo nas ruas do Rio de Janeiro. Nos anos 20, ela ingressou no samba, e o malandro virou protagonista de um texto histórico e poético que mal começava a ser escrito/ cantado para além dos limites de sua comunidade original, de sua gente [...]. O malandro do samba está ligado a seu personagem homônimo no contexto social, mas com ele não se confunde inteiramente, assim como é verdade que a linguagem, especialmente a linguagem poética, não dá conta da totalidade do real em termos de transparência. (MATOS, 1982, p. 13)

Nos versos "Por causa dessa promessa/ nego Zé se transformou", a entidade passa por uma transformação de sua personalidade. Apesar de permanecer bebendo e vivendo na boemia, o malandro toma para si uma responsabilidade perante uma religião, auxiliando os mais necessitados. Nos versos seguintes "Saravá seu Zé Pelintra/ Na umbanda ele é Doutor", temos a confirmação da mudança de comportamento, especialmente na frase "Na umbanda ele é Doutor", em que a palavra doutor faz uma analogia à mudança do comportamento. Assim, após a transformação, ele auxilia as pessoas e promove curas espirituais, buscando sua própria evolução, além de auxiliar na evolução de quem o procura, aconselhando, mostrando o caminho a seguir.

3.7. Um amor faz sofrer, dois amores fazem chorar (Pomba Gira)

A Pomba Gira é uma entidade que representa a beleza, luxúria e amor próprio, mesmo diante das dificuldades. Suas vestes são elegantes e marcam bem sua personalidade e sua silhueta, extremamente feminina. No ponto escolhido, a atmosfera é pesada. A mulher mencionada na letra do ponto está em sofrimento por um amor, trazendo uma história impactante, retratando a realidade de algumas mulheres. Conforme Augras, a Pomba Gira é uma "[...] entidade do panteão umbandista que subverte a ordem pela livre manifestação do poder genital feminino" (AUGRAS, 1989 apud SANTOS; SOARES, 2007, p. 1). Não podemos falar de Pomba Gira sem mencionar o Exu, uma vez que eles trabalham juntos. Como veremos adiante, a Pomba Gira é tida como a mulher do Exu. A saudação às Pomba Giras e Exus é um salve exclamado com "laroyê". Pode-se saudar uma Pomba Gira e Exu, ou um grupo deles, que na Umbanda é chamado de falange. Essas duas entidades possuem aspectos positivos e negativos, têm força e vitalidade e representam a liberdade. "Culturalmente são duas figuras que carregam aspectos censuráveis da psique humana, como se tivessem sido amaldiçoados com aquilo que reprimimos em nós: os complexos

inconscientes" (MARIAN, 2017, p. 59). As roupas usadas pelos médiuns, quando incorporados da Pomba Gira, são predominantemente vermelhas, pretas e douradas, podendo permanecer também de branco, em alguns terreiros. Normalmente, as giras de Pomba Gira e Exu acontecem na virada da meia noite de segunda ou sexta-feira. São vistos como poderosos pelos adeptos umbandistas, desfazendo feitiços e demandas contra seus filhos.

A imagem que representa as Pombas Giras está relacionada com o diabo da cultura cristã. Ela carrega um tridente, possui o tom de pele avermelhada, seus rituais e comidas se relacionam com bodes e ainda "[...] acrescentam rabos e orelhas pontiagudos" (MARIAN, 2017, p. 62). Nos terreiros de Umbanda, as Pombas Giras e Exus têm papel de destaque, são guias fronteiriças, que representam ambiguidade e são imprevisíveis e extremamente sinceros. A Pomba Gira possui um estereótipo de prostituta, com a sexualidade bastante marcante. De acordo com Marian,

> [...] prostitutas, cortesãs, cafetinas, mulheres sem família. Além de possuírem as mesmas características que seus "parceiros", estas entidades carregam condigo toda a ambiguidade dos exus aliada a uma imagem feminina fortemente sexualizada. (MARIAN, 2017, p. 64).

Gostam de bebidas e são espontâneas, atuando, quase sempre, nas áreas do amor. Suas oferendas são feitas nas encruzilhadas em Y, entradas dos terreiros e porteira, matas e locais de passagem. Aceitam comida, galinhas vermelhas, cabra, cigarro, champanhe, licor e rosas vermelhas (MARIAN, 2017, p. 64).

> **Dói, dói, dói, dói, dói**
>
> Dói, dói, dói, dói, dói
> Um amor faz sofrer
> Dois amores fazem chorar
> Dói, dói, dói, dói, dói
> Um amor faz sofrer
> Dois amores fazem chorar
> No tempo em que ela tinha dinheiro
> Os homens queriam lhe amar
> Mas hoje o dinheiro acabou
> A velhice chegou e ela se põe a chorar.
> (PONTOS de Umbanda, 2019, s/p.)[18]

Neste ponto, destacamos a figura da Pomba Gira, conhecida como a mulher de Exu. "Podemos dizer que Exu e Pomba Gira possuem, no imaginário de seus seguidores, toda e

[18]Disponível em: <https://www.letras.mus.br/umbanda/1813941/> . Acesso em: 19 set. 2019.

qualquer característica do ser humano: eles foram feitos à imagem e semelhança do homem e da mulher" (MARIAN, 2017, p. 60). Os pontos positivos de um indivíduo não são considerados, na forma de Exu e Pomba Gira, levando em consideração apenas os defeitos. A Pomba Gira é representante "de medo e fascínio, desejo e repulsa" (ISAIA; MANOEL apud MARIAN, 2017, p. 60). Assim como os Exus, elas têm capacidade de fazer o bem ou o mal, desfazer feitiços e magias, sendo vistas como entidades "amorais", ou seja, nem boas, nem más.

Podemos perceber o sofrimento pelo qual passa uma moça, que, nos tempos da juventude, quando tinha boas condições financeiras, os homens a queriam, como bem é mostrado nos versos: "No tempo em que ela tinha dinheiro/ Os homens queriam lhe amar". Percebe-se, neste trecho, o tom de revolta da mulher, que se sente usada, e que, quando não serve mais, é descartada, pelo fato de não demonstrar compromisso com os homens, pois ora estava com um, ora estava com dois. Portanto, ao envelhecer, não tinha mais ninguém, pois eles também não a levavam a sério. Levando em consideração que as Pombas Giras não gostam de ser confrontadas, são maliciosas, gostam de agradar os homens com seus perfumes, bebidas e todo seu charme, temos uma mulher revoltada com a situação de ser abandonada, demonstrando o sofrimento por amor. Depois, quando a velhice veio e não possuía mais o dinheiro, ela cai no esquecimento dos homens. Podemos perceber o sofrimento da mulher na primeira estrofe da música: "Dói, dói, dói, dói, dói/ Um amor faz sofrer/ Dois amores fazem chorar".

Ainda, no verso "Dois amores fazem chorar", identificamos a malícia da entidade em questão, pois ela trata de forma irônica a ideia de ter dois homens ao mesmo tempo. Neste ponto, o leitor é levado, de forma sutil, a sentir pena da moça, que é deixada de lado pelos homens. Este ponto é utilizado em alguns terreiros de Umbanda, em dias de festa para as Pombas Giras e também para manter a entidade no terreiro quando é chamada.

3.8. Cigana do Oriente

A linha do Oriente, onde se encontram os ciganos, já existia no Kardecismo, grande influência na Umbanda. Embora o Brasil seja formado pelas três raças/etnia (brancos, negros e ameríndios), há, também, culturas orientais presentes em solo nacional. Gilberto Freire, citado por Cunha, exemplifica a influência do Oriente na cultura brasileira, citando, por

exemplo, o hábito de sentar-se de pernas cruzadas, bater palmas nas casas para chamar o dono da residência, o uso de colares coloridos, hábito de permanecer em varandas e quintais das casas, etc. (FREIRE, 1936, p. 432 apud CUNHA, 2004, p. 45). De acordo com o autor, ainda, são duas as formas através das quais a linha do Oriente se apresenta na Umbanda: a primeira é a linha do Oriente cruzada que, nas palavras do autor:

> [...] os elementos (e as entidades) orientais aparecem de forma implícita nos rituais, ou seja, são adotados alguns símbolos orientais porém, as entidades/espíritos propriamente orientais não se manifestam através do transe mediúnico e sim, na forma de entidades de outras linhas, como pretos velhos e caboclos; um fenômeno que os próprios autores umbandistas definem como sendo o "cruzamento de linhas". (CUNHA, 2004, p. 53)

Neste caso, existe a necessidade de uma adequação das entidades orientais às entidades da Umbanda como quando nos referimos anteriormente aos pretos velhos e caboclos. Os ciganos são de extrema elevação espiritual e moral. São permitidos na Umbanda e, apesar de serem entidades cruzadas, é praticamente impossível diferenciar as entidades comuns e as cruzadas com a linha do Oriente.

A segunda forma através da qual eles se apresentam é de forma explícita, ou seja, os médiuns incorporam as entidades e utilizam "instrumentos e objetos simbólico-orientais" (CUNHA, 2004, p. 54). É importante salientar que a linha do Oriente não é só composta pelo povo cigano. Há, também, os hindus, os marroquinos, os japoneses, etc. Esta linha possui divisões e diferenciações manifestadas nas falanges e sub-falanges[19]. Os ciganos são os mais numerosos na linha do Oriente. Existem, também, os ciganos comuns, que são espíritos de ciganos que viveram na Terra, no Brasil. Porém, essa diferenciação é apenas conceitual, pois eles usam os mesmos tipos de vestes coloridas, têm a mesma alegria, tendência aos jogos de adivinhação como a cartomancia.

O povo cigano carrega a tradição de ler as mãos das pessoas e adivinhar o futuro. No entanto, o seu próprio futuro eles não conseguem decifrar, pois estão sempre a caminhar pelas estradas da vida. Inicialmente, foram entidades facilmente confundidas com os Exus e Pombas Giras, por se apresentarem, muitas vezes, como cigano das almas, do Cruzeiro ou com nomes semelhantes utilizados pelos Exus e Pombas Giras. Somente em 1992, foram reconhecidos como entidades com uma linha própria de trabalho. A mensagem que eles espalham é o desapego, liberdade, amor e alegria de viver. Conforme Júlia Pereira, "Por esse

[19] [Religião] Reunião das entidades que se encontram dentro de uma mesma linha ou da faixa de vibração; essa linha ou faixa de vibração.

motivo normalmente no atendimento dos ciganos não é frequente o manejo com trabalhos mais densos, como quebra de demandas por exemplo. Será mais comum, vê-los ensinando fazer uma simpatia, dando elementos para que a pessoa manipule e etc". (PEREIRA, 2018, s/p).

No ponto escolhido, é relatada a história de uma cigana apaixonada, que, provavelmente, não era correspondida, o que podemos confirmar um uma frase: "Que sofreu por tanto sonhar"**.** No decorrer da letra, podemos perceber a tristeza profunda em que a cigana vivia.

Cigana do Oriente

A história que ocorreu no oriente
Agora eu vou lhes contar,
Sobre uma cigana apaixonada
Que sofreu por tanto sonhar.
Com tristeza e muito angustiada,
Ela não pôde suportar.
E o homem que cigana tanto amava,
Por ela, nunca há de descansar.
A gente dizia que era bonita
Como o sol em seu despertar
E também grande dançarina
Junto a sua faca no bailar,
Mas no triste final desta história,
Com sua vida pôs-se a acabar.
Cravou uma faca em seu peito
Quando terminava de dançar.
(PONTOS de Umbanda, 2019, s/p.).[20]

No primeiro trecho, a cigana é apresentada como uma pessoa triste e sonhadora. Segundo a letra mostra, ela sofreu de tanto sonhar: "A história que ocorreu no Oriente/ Agora eu vou lhes contar/ Sobre uma cigana apaixonada/ Que sofreu por tanto sonhar".

Podemos destacar, no terceiro verso: "Sobre uma cigana apaixonada" que a cigana é uma mulher, que, como muitas outras, sofre por amor. Subentende-se que ela não é correspondida. No decorrer do ponto, temos a explicação de tanto sofrimento. No próximo trecho, os dois próximos versos nos induzem a pensar que a cigana desistiria do seu amor, e com a frase "Ela não pôde suportar", já podemos prever o que vai acontecer com ela: "Com tristeza e muito angustiada,/ Ela não pôde suportar".

[20]Disponível em: <https://www.letras.mus.br/umbanda/1911128/>. Acesso em: 19 set. 2019.

"A gente dizia que era bonita/ Como o sol em seu despertar/ E também grande dançarina/ Junto a sua faca no bailar". Nesta parte da letra, a cigana é enaltecida, comparada com o sol, ao despertar. A beleza do sol ao despertar é esplendorosa, extravagante e única. A cigana é vista como uma mulher muito mais que bonita: especial, por possuir uma luz interior. Além da beleza espetacular, ela ainda tem o dom de dançar e encantar a todos, desafiando as leis da natureza com uma faca. Podemos entender que ela vive com alegria e, ao mesmo tempo, com o perigo, pois, com a faca sempre por perto, ela corre grandes riscos: "Mas no triste final desta história,/ Com sua vida pôs-se a acabar./ Cravou uma faca em seu peito/ Quando terminava de dançar".

E nos últimos quatro versos, temos a confirmação de tamanha tristeza da cigana, que, ao bailar, em meio à dor da paixão não correspondida, comete um atentado contra a própria vida, cravando a faca no peito. Temos, então, uma contradição no ponto de cigano, pois ela, que é conhecida como uma entidade alegre, acaba por cometer um ato de profunda tristeza, por viver um amor não correspondido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, propusemo-nos a apresentar as entidades presentes nos pontos cantados; compreender alguns sentidos das letras dos pontos cantados além de apresentar a Umbanda como patrimônio material e imaterial.

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira. Foi declarada como Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Tentamos abordar, nas letras dos pontos cantados, as possíveis interpretações que eles nos possibilitam. Nosso foco maior foi a apresentação das entidades que trabalham nos terreiros umbandistas, de forma a levar o leitor a conhecer um pouco sobre as entidades mais conhecidas.

As principais entidades presentes são: Caboclos, Baianos, Pretos Velhos, Malandros, Pombas-Giras e Ciganos. São eles os responsáveis pelos rituais umbandistas, uma vez que, são feitas festas para eles, são oferecidas comidas especiais neste dia e muita música. Além disso, auxiliam nas sessões e trabalhos do terreiro. As letras apresentam variados temas a serem explorados, pois os pontos cantados são utilizados para vários momentos dentro de uma sessão de Umbanda.

Quanto ao sentido das letras, elas trazem todo o universo vivenciado pelos negros, que foram trazidos à força para o Brasil, representado, especialmente, no ponto cantado “O Preto Velho pode ser preto”. Lá é possível perceber todo o sentido dado ao sofrimento de quem apanhava diariamente, além da falta de alternativas de mudança nesta vida. Por isso, havia a esperança de nascer branco, em outra encarnação, para poder ter seus direitos respeitados. No ponto de Caboclo, intitulado “Caboclo atirou”, fica clara a coragem e valentia dos indígenas, o amor pela natureza e pelas matas, além da prontidão em ajudar seus companheiros nas lutas. Mostra, também, a rapidez e eficácia do índio, que combate os inimigos com sua flecha. O Baiano aparece, também, como valente, no ponto “Baiano sabe trabalhar”, apesar de apresentar um estereótipo de preguiçoso. Elisete Zanlonrenzi trabalha muito bem em sua tese de doutorado essa questão do estereótipo. O Baiano, nesta letra, é apresentado como trabalhador, esforçado, mas como alguém que, também, sempre aproveita o melhor das coisas. Já a entidade do Malandro é apresentada como o típico boêmio do Rio de Janeiro, com uma ginga inconfundível. O Malandro é considerado o maior mulherengo dos terreiros. No ponto cantado “A história de um certo Zé”, falamos do principal Malandro da Umbanda, o Zé Pelintra. Nesta letra, ele faz uma promessa para Iemanjá, para salvar sua vida, assim mostrando todo o respeito pelo Orixá. A Pomba-Gira aparece como uma mulher apaixonada, que sofre por amor. No ponto “Dói, dói, dói”, ela sofre por não ter mais a beleza da juventude,

em que era mulher de vários homens. A velhice chega e ela fica sozinha, pois a beleza se foi e o dinheiro também e, como ela não tinha um homem certo, no momento da velhice, ficou abandonada. E a Cigana, que é apresentada por último, no ponto "Cigana do Oriente", apresenta-se como uma mulher que também sofre por amor, assim como a Pomba-Gira. No caso da cigana, a letra nos leva a pensar que ela não era correspondida, e, assim, ela tira a própria vida.

Os pontos cantados permeiam todos os trabalhos dentro de um terreiro. Podem servir como um meio de chamar as entidades ao trabalho, também para sustentar a entidade no corpo do médium, além de serem cantados para a despedida das entidades e dos trabalhos, tais como abrir e fechar a sessão, reverenciar o altar e, principalmente, nos trabalhos de desenvolvimento dos fiéis, onde ocorre a incorporação ou transe.

O Candomblé muito contribuiu com as imagens e cultos aos Orixás, as músicas e os instrumentos de percussão, além de alguns rituais, como a lavagem de cabeça, como um batismo para os umbandistas. O Catolicismo contribuiu com as imagens de Santo, as orações, os terços e amuletos como os crucifixos, além das datas de comemorações de alguns santos como Cosme e Damião e São Jorge, que são cultuados na Umbanda como Erês (crianças) e Ogum, respectivamente. Kardecismo também contribuiu com as sessões espirituais com possessões e transes, estudos de livros e textos espíritas escritos por Allan Kardec. Mas não podemos deixar de mencionar a importância dos Ameríndios para essa formação, tornando os Caboclos indígenas) a entidade mais importante da Umbanda, pois é ele quem abre todas as sessões, para depois as outras entidades trabalharem.

Tratamos sobre a cultura material e imaterial, em que a Umbanda está inserida, uma vez que foi declarada como Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Os principais elementos materiais da Umbanda também podem ser chamados de fundamentos, como a defumação, que é usada para limpar o ambiente de energias negativas; as ervas, usadas para cura e trabalhos de desenvolvimento com os fiéis da casa; atabaques, que são os instrumentos de percussão usados para dar ritmo aos pontos cantados; as giras, que podem se de assistência e de desenvolvimento dos fiéis do terreiro; as guias, que são os colares usados pelos médiuns, para auxiliar dando força e protegendo durante os trabalhos; oferendas, em que os devotos oferecem comidas e presentes às suas entidades de devoção; pontos riscados, que podem ser usados em trabalhos de desobsessão, além de identificar a entidade presente no terreiro e o terreiro em si, que é o espaço sagrado onde todos os rituais acontecem.

Já com relação aos elementos imateriais, temos o sincretismo, que é amplamente discutido por vários autores, sendo ele considerado uma mistura de várias crenças dentro de

uma só. É um elemento muito importante na formação da Umbanda, já que ela é uma mistura do Catolicismo, do Kardecismo e do Camdomblé, utilizando rituais e objetos destas três religiões. Também a identidade negra é resgatada na Umbanda através das músicas, dos Pretos e Pretas Velhas, entidade fundamental para os trabalhos umbandistas. Intitulada *Da vibração ao transe: uma apresentação das entidades espirituais nos pontos cantados da Umbanda*, esta dissertação mostrou um pouco do universo umbandista, através de diferentes visões e contribuições acadêmicas de vários autores, numa tentativa de trazer a Umbanda como uma religião reconhecida, com suas peculiaridades como os transes e possessões nas sessões, a força espiritual presente nos terreiros e as entidades que merecem todo respeito.

Por fim, acreditamos poder contribuir com o ensino de História, literatura e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, ao trazer mais alguns elementos sobre a Umbanda. Mas não temos a pretensão de achar que esta dissertação vai resolver todas as carências em relação ao conteúdo. Faz-se necessário um maior esclarecimento acerca do assunto, apresentação da Lei na íntegra, cursos e treinamentos para um trabalho eficaz com os alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Andre Luiz Monteiro de. *A música sagrada dos ogãs no terreiro de Umbanda "Ogum Beira Mar e Vovó Maria Conga" da cidade de Goiânia de Itaberaí*: *representações e identidades*, 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

ARAUJO, Felipe. Povos Ameríndios. *Info Escola,* [2005?]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/povos-amerindios/>. Acesso em: 20 set. 2019.

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. Quilombo.
Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/quilombo/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. *Revista Eletrônica de Educação,* v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016. Disponível em:
<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1459/500>. Acesso em: 06 abr. 2020.

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade Cultural, Patrimônio Cultural Material e Cultura Popular: a Unesco e a Construção de um Universalismo Global. *Revista Sociedade e Estado,* [S. l.], v. 25, n. 3, p. 539-560, set./dez. 2010.

ARAUJO, Felipe. Povos Ameríndios. *Info Escola,* [2005?]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/povos-amerindios/>. Acesso em: 20 set. 2019.

BALDIOTTI, Gracielle Rafaela Campos; SANTANA, Terezinha Richartz. A umbanda como patrimônio cultural material e imaterial. *Revista África e Africanidades,* [S. l.], Ano XII, n. 33, p. 1-13, fev. 2020. Disponível em:
<http://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/33/A%20umbanda%20como%20patrimonio%20cultural%20material.pdf?fbclid=IwAR1j7xVvICkTMUHB9Vqw7f6pZqKZhGUAziwx-s_pRjTDkBidz16tSNvi5Sc>. Acesso em: 02 abr. 2020.

BARROS, Sulivan Charles. As entidades 'brasileiras' da umbanda e as faces inconfessas do Brasil. *XXVII Simpósio Nacional de História,* Natal, 2013.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil:* contribuição para uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: USP, 1971.

BENTO, Maria Aparecida. *Branqueamento e branquitude no Brasil.* Petrópolis, RJ: Vozes 2002. Disponível em:
<http://www.media.ceert.org.br/portal3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2018

BRASIL. Casa Civil. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a

obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 09 set. 2018.

BRASIL. Casa Civil. *Lei No 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Brasília: Casa Civil, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias>. Acesso em: 26 nov. 2020.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.* Brasília: Casa Civil, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 26 nov. 2020.

BRASIL. Casa Civil. *Lei N. 12.343/2010***.** Institui o Plano Nacional de Cultura- PNC, cria o Sistema Nacional de informações e indicadores Culturais- SNIIC e dá outras providências. Disponível em:<www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/12343.htm>. Acesso em: 16 maio 2018.

BRASIL. Casa Civil. *Decreto n. 3.551/2000.* Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551/htm>. Acesso em: 16 maio 2018.

BRASIL. *Projeto de Lei N. 5.506/2009.* Altera os arts. 6, 28 e 90 da Lei n. 8.666/1993, instituindo a Declaração de Propósito Independente nos processos de licitação pública e dá outras providências.2009. Disponível em: <www.google.com/search?q=lei+5.506%2F2009&oq=lei+5&aqs=chrome.1.69i57j35i39j0l2.6880j0j7&client=ms-android-motorola&sourceid=chrome-mpbile&ie=UTF-8>. Acesso em 16 maio 2018.

BRASIL. *Projeto De Lei Nº 2303/2009.* Declara o candomblé como Patrimônio Imaterial do estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/818316/lei-5506-09-rio-de-janeiro-rj.>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Luan Rocha de. *Muitas linhas de um mesmo riscado:* a umbanda das zonas de contato. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

CAMARGO, Cândido Procópio de. *Umbanda e Kardecismo.* São Paulo: Pioneira, 1961.

CAMURÇA, Marcelo. A teoria do "continuum mediúnico" de Cândido Procópio Camargo nos anos 1960-1970*:* atualizações e transformações contemporâneas. *Religare*, Juíz de Fora, v.14, n.1, p. 05-27, ago.2017.

CARVALHO, Juliana Barros Prata de. *Sincretismo Religioso brasileiro:* um estudo através das Veredas de Grande Sertão. 108f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CASALI, Rodrigo. *Quando os baianos se pintaram de Dourados(s)*: aspectos das práticas religiosas umbandistas da cidade de Dourados - MS (Dissertação Mestrado) 231 f . Dourados – MS: UFGD, 2006.

CASTRO, Jackson Gomes de. *A formação de uma igreja sincrética:* Igreja do Nazareno do Cabral. 67 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

CAETANO, Altair. *10 anos de promulgação da Lei 10.639/03: seus reflexos em uma comunidade escolar de periferia*. 2014, 143f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicorraciais)- CEFET/RJ. Rio de Janeiro, 2014.

CHAVES, José Adair Xavier. *A implementação da lei 10639/03 na educação: a desconstrução do preconceito e da discriminação contra a população Negra brasileira.* 2010. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências)- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2010.

CONFESSOR, Juscely de Oliveira. *A ópera do malandro*: uma leitura da condição subalterna. 2016. 85 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

CONTI, Thomas V. *Armas, guerras e instituições* : os Estados Unidos, 1840-1940 . 226 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/335397>. Acesso em: 17 nov. 2020

COSTA, Cristina. *Sociologia:* introdução à ciência da sociedade. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CUNHA, Welthon Rodrigues. A linha do Oriente na Umbanda: construção de um campo simbólico religioso. 2004. 103 f. (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

ESPINOZA, Angel. *Esoterismo e a Maçonaria.* 2012. Disponível em: <https://focoartereal.blogspot.com/2012/02/esoterismo-e-maconaria.html?>. Acesso em: 09 set. 2019.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil.* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. p. 14-17.

FERNANDES; Joseli Aparecida; PEREIRA, Cilene Margarete. Do Griot ao rapper: narrativas da comunidade. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde,* Três Corações, v.15, n. 2, p.620-632, ago./dez. 2017.

FERRETTI, Sérgio F. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil: modelos, limitações e possibilidades. *Tempo,* v. 6, n. 11, p. 13-26. jul. 2001.

GARCIA, Célio de Pádua. EM TERRAS DE SINCRETISMOS: apropriações e ressignificações Afro-brasileiras na Igreja Universal do Reino de Deus. 182 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, Goiás, 2015.

GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes; OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. Identidade, tradição e legitimidade nas religiões afro-brasileiras. *Revista de Teologia da Unicap*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/9>. Acesso em: 24 nov. 2018.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens - Uma breve história da humanidade* 24 ed. Porto Alegre: L&PM. 2015, p. 231.

HOUAISS. Dicionário de Língua Portuguesa. *Significado de Aruanda. [*S.l.:s.n.],[2018?]. . Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aruanda/>. Acesso em: 09 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2000*. Disponível em: <http://http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142004000300003>. Acesso em: 23 nov. 2018.

IQUILÍBRIO, *Malandros, guias da Umbanda.* 2018. Disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/guias-malandros/>. Acesso em: 04 nov. 2018.

JARDIM, Tatiana. *Umbanda:* História, cultura e resistência. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/tccs/tcc-tatiana-jardim-1>. Acesso em: 20 fev. 2020.

KARDEC, Allan. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*: Programa fundamental. Rio de Janeiro: FEB, 2010. (Vol. 1).

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo.* Trad. de Guillon Ribeiro. 3 ed. francesa. 124 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos:* princípios da Doutrina Espírita. Trad. de Guillon Ribeiro. 86 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

LIGIERO, Zeca; DANDARA. *Umbanda:* paz, liberdade e cura. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.

LONDRES, Cecília. O patrimônio histórico na sociedade contemporânea. *Escritos Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, ano 1, n 1, p. 159- 171, 2007.

LONDRES, Cecília. Referências culturais: base para novas políticas de Patrimônio. *Políticas sociais: acompanhamento e análise*, Brasília, n. 2, p. 111- 120, 2001.

LUHNING, Angela. *Música:* coração do Candomblé. São Paulo: USP, 1990.

MACEDO, Alice Costa; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Estrela que vem do Norte: os baianos na umbanda de São Paulo. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 207-216, maio/ago. 2011.

MAGGIE, Yvonne. *Dia de Preto Velho*. G1, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/dia-de.html>. Acesso em: 21 abr. 2020.

MARIAN, Gislene Alves. *A Guardiã e o Gardião dos mistérios da alma. A incorporação de Exu e Pomba Gira como promotores da comunicação ego e self*. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. Algumas considerações sobre Umbanda e Candomblé no Brasil. *Revista Contemplação*, [S. l.], n. 15, p. 82-99. 2017. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/138/0>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MARTINS, Lucas Collito; et al. Umbanda e São Cosme e Damião: olhares socioantropológicos à mesa infantil. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v.6, n.2, p. 103-118, 2016.

MATOS, Claudia. *Acertei na milhar:* samba e malandragem no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MOREIRA, Carina. Metáforas da Memória e da Resistência: uma análise dos pontos cantados na Umbanda. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*, São Paulo, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. Candomblé e Umbanda: práticas religiosas da identidade negra no Brasil. *RBSE*, [S. l.], v. 9, n. 27, p. 923-944, 2010.

NOGUEIRA, Pedro Antonio Pires. *O diálogo intra-religioso na Umbanda*: um estudo a partir da figura do caboclo. 2014. 123f. (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Federal de Juíz de Fora, Juíz de Fora, 2014.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva de. *Boa noite, pra quem é de boa noite! Os caminhos da malandragem nos pontos cantados de Umbanda*. 2018. 186 f. (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC-RIO. 2018.

OLIVEIRA, Marcia Maria Micussi De. *Mulheres da fronteira:* identidade negra de mulatas na cidade de São Paulo' 01/12/2008 153 f. (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Francisco de. *Sincretismo religioso e religiosidade brasileira*. 2011. Disponível em: <http://domtotal.com/noticia/1193691/2017/09/sincretismo-religioso-e-religiosidade-brasileira/>. Acesso em: 20 maio 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). *Patrimônio Cultural Imaterial.* 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/intangible-heritage/>. Acesso em: 09 out. 2018.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro.* São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEREIRA, Júlia. *Povo Cigano na Umbanda. Entenda essa manifestação.* Umbanda Ead. 2018. Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2016/11/10/povo-cigano-umbanda/>. Acesso em: 25 ago. 2019.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. *A umbanda em fortaleza:* análise dos significados presentes nos pontos cantados e riscados nos Rituais religiosos. 2012 142f. (Dissertação de Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PEREIRA, Rodrigo; CARVALHO, Daniele Dias de. *O Candomblé é no Rio de Janeiro:* patrimônio Imaterial- uma análise de significados. [2000?].

PINTO, Altair (Org.). *Dicionário da Umbanda.* 6 ed. Rio de Janeiro: Eco, Disponível em: <https://ticun.files.wordpress.com/2015/09/dicionacc81rio-da-umbanda-altair-pinto.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PONTOS de Umbanda. 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pontos-de-umbanda/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PRANDI, Reginaldo. *O Brasil com axé:* Candomblé e Umbanda no mercado religioso. 2004.

PRESOTO, Aline da Silva. *Umbanda:* da repressão à busca pela aceitação. São Paulo: CELACC/ ECA- USP, 2014.

PRIORE, Mary Del. *Religião e religiosidade no Brasil Colonial.* São Paulo: Ática, 1994. p. 29- 32.

REIS, Sérgio Martins dos. *Universo Umbandista:* a umbanda tem fundamento, é preciso preparar. São Paulo: [s. n.], 2011.

REZENDE, Livia Lima. *Força africana, força divina*: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos pretos-velhos' 13/02/2017 180 f. (Mestrado em História) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei, 2017.

ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. *Revista de Estudos da Religião*, [S. l.], p. 77-96, mar. 2009.

ROSAFA, Wagner. *Terreiro de Umbanda Mártir de São Sebastião:* registros de patrimônio imaterial. 2008. 129 f. (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural)- Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

ROSSETO, Selma Correia. *Religiões de matriz africana / inclusão ou exclusão na disciplina de ensino religioso?* 2016. 237f. Dissertação (Mestrado Ciências das Religiões) - Faculdade Unida da Vitória, Vitória, 2016.

SÁ JUNIOR, Mário Teixeira de. A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda. *Revista Eletrônica História em reflexão*, Dourados, v. 6 n. 11-19, jan/ jun. 2012.

SANTANA, Ana Lucia. *Cultura Iorubá. Info Escola*, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.infoescola.com/africa/cultura-ioruba/amp/>. Acesso em: 09 set. 2019.

SARACENI, Rubens. *Fundamentos Doutrinários de Umbanda*. São Paulo, Madras, 2012.

SARACENI, Rubens. *Consagrações umbandistas:* livro de fundamentos. São Paulo: Madras, 2013.

SARACENI, Rubens; VIEIRA, Lurdes de Campos. *Manual doutrinário, ritualístico e comportamental umbandista*. São Paulo: Madras, 2014.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. A participação das crianças nas festividades brasileiras. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 29, n. 15, p. 122-148, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/316>. Acesso em: 27 ago. 2019.

SILVA, Cristiano Pinto da. *Educação brasileira e identidade negra em kabengele Munanga.* 138f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, 2009.

SILVA, Reginaldo Conceição da. *Na gira da umbanda:* exercício etnográfico sobre expressões de afrorreligiosidade na "fronteira e no Terreiro da Cabocla Jurema em Tabatinga, Amazonas. 151 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Cartografia Social e Política da Amazônia)- Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*: a forma social negro-brasileira. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo/ Imago, 2002.

SOLERA, Osvaldo Olavo Ortiz. *A magia do ponto riscado na Umbanda Esotérica.* 95 f. Dissertação (Mestrado Ciências da Religião)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOUZA, Ariany Maria Farias de. Um encontro dialógico na Tenda Espírita Umbandista de Santa Barbara em Teresina-PI in: "Distintos e Invisíveis: perspectivas sobre a umbanda no espaço público de Teresina". *1º Simpósio Internacional da ABHR*, São Paulo, 2013.

SOUZA, Leal de. *O espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda*. São Paulo: Brasiliense, 1933.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo no Brasil contemporâneo. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 14-23, set./nov. 2005. Disponível em:

<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=catolicismo&btnG=>. Acesso em: 28 ago. 2018.

TRINDADE, Diamantino. *Vamos cantar corretamente o Hino da Umbanda.* 2018. Disponível em: <http://radiovinhadeluz.com.br/noticia/325438/texto-vamos-cantar-corretamente-o-hino-da-umbanda>. Acesso em: 04 abr. 2019.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

VERDE, Michelo. *Defumação... a origem*. Disponível em: <https://mundolivreverde.wordpress.com/author/micheloverde/>. Acesso em: 06 set. 2019.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás:* Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo, Editora Corrupio, 1981.

VIEIRA, Lurdes de Campos. *Manual doutrinário, ritualístico e comportamental umbandista*. São Paulo: Madras, 2014.

ZANLORENZI, Elisete. A banalização da Preguiça. *Intercon*, 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/24ee909a564a82ff795016dc2b8165d5.PDF>.< Acesso em: 17 abr. 2020.

GLOSSÁRIO

Aculturamento: Processo de adaptação de uma pessoa, grupo ou povo a outra cultura da qual não faz parte, dela retirando traços importantes; aculturação. [Por Extensão] Fusão de culturas que resulta desse processo. Sociologia. Processo em que uma pessoa se adapta a outra cultura, passando a possuir essa cultura (diferente da sua). Condição que é consequência desses processos. Ação ou efeito de aculturar, de estar ou ficar adaptado à outra cultura.
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aculturamento/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

Alabastro: Rocha branca, translúcida, semelhante ao mármore, porém menos resistente do que ele, e muito usada em trabalhos de escultura.
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alabastro/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

Alquimia: Química da Idade Média, definida pela procura da pedra filosofal, com a qual seria possível transformar metais em ouro, e pela panaceia universal, elixir capaz de curar qualquer doença. Disponível em: <https:<//www.dicio.com.br/alquimia/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

Aruanda: Céu, Nirvana ou Infinito significam a mesma coisa, isto é, a morada daquele que é criador de todos os mundos. Trata-se, pois, de um dos planos da maior elevação espiritual, ou seja, o céu. (PINTO, 2015, p. 23).

Bodoque: Instrumento que atira pedras, composto por um arco com um elástico esticado e preso nas extremidades, acionado por um gatilho; estilingue, atiradeira. [Antigo] Bala construída em barro, atirada com o auxílio de besta. [Antigo] Besta utilizada para atirar bodoques. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bodoque/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Camarinha: É o nome dado ao compartimento existente no terreiro e que tem como finalidade abrigar os iniciados em trabalhos, sejam homens ou mulheres, os quais ali ficarão retidos alguns dias, enquanto perdurar o desenvolvimento da mediunidade e aprendizagem de tudo quanto se relaciona com os trabalhos de terreiro, como o ritual, os nomes e as finalidades dos objetos usados, os pontos riscados e cantados, os passes e tudo o mais que um médium não pode desconhecer para poder ser admitido nas sessões (PINTO, 2015, p. 39).

Cambono: Auxiliar de pai-de-santo na feitiçatria; cambondo. Variação de cambone. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cambone/>. Acesso em 27 abr. 2020.

Continum: Conjunto de elementos tais que se possa passar de um para outro de modo contínuo. *Continuum* espaço-temporal.
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=Continum>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Cosmovisão: Modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas (existência humana, vida após a morte, etc.); concepção ou visão de mundo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cosmovisao/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Eguns: Plural de egum. [Folclore] invocação do espírito de mortos nas macumbas cariocas. Variação de egundum. Na Umbanda existe a crença de que os eguns ficam à espreita, tentando incorporar nos médiuns, no lugar das entidades. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=Eguns>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Espadas de Iansã: [Religião] Orixá feminino, divindade africana trazida ao Brasil pelos negros escravizados, que encarna os ventos e as tempestades, compõe o trio das mulheres de Xangô. *Espadas* vem do verbo espadar. Também conhecida como uma planta parecida com a espada de Ogum (São Jorge), planta utilizada nas entradas dos terreiros umbandistas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=Espadas+de+Ians%C3%A3>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Espadas de Ogum: É o nome de uma planta fibrosa e de excelentes propriedades mágicas e protetoras. É muito empregada na confecção de amuletos, defumações, banhos de descarga, sendo, ainda, de grande utilidade para proteção contra qualquer trabalho de corrente maléfica (PINTO, 2015, p.77).

Espiritualidade: Característica ou qualidade daquilo que é espiritual: a espiritualidade da alma.Tudo o que possa demonstrar ou ter fundamento religioso e espiritual. Que possui ou revela elevação, transcendência; sublimidade. [Teologia] Prática, exercícios devotos que têm por objeto a vida espiritual: livro de espiritualidade. [Religião] Característica do que demonstra devoção espiritual; religiosidade. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/espiritualidade/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Expiação: Purificação das faltas, falhas ou delitos e crimes realizados. Reparação ou sofrimento pelo qual se repara uma culpa; castigo. Modo usado para reparar um crime ou falta; penitência. [Religião] Segundo o Antigo Testamento, seção de contrição, composta por sacrifícios através dos quais se pretendia o perdão dos pecados. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ex piacao/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Exu: [Religião] Entidade espiritual, do candomblé ou da umbanda, que funciona como um tipo de porta-voz que conduz os pedidos (ou oferendas) oferecidos pelos homens aos orixás maiores; orixá panteão nagô. Também conhecido popularmente como: enxu. Em algumas religiões (quimbanda, no catimbó ou em certos centros de umbanda) refere-se aos seres inferiores cujo exercício oscila entre o bem e o mal. [Popular] Informal. Designação comum do diabo; demônio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exu/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Gira: Na Umbanda, são as sessões em que o terreiro conta com a presença dos filhos da casa, para desenvolvimento da mediunidade, ou para dar assistência aos visitantes. "Corrente espiritual. Rua. Caminho" (PINTO, 2015, p. 91).

Guias espirituais: Os guias espirituais são aqueles que acompanham e orientam os médiuns nos seus trabalhos. O médium trabalha durante muitos anos com um determinado "Guia" e, de uma hora para outra, esse "Guia" avisa que abandonará aquele "aparelho", pois que atingiu um determinado grau de elevação espiritual e não voltará mais à Terra. Entretanto, o que aconteceu foi o seguinte: esse Guia recebeu a incumbência de doutrinar um novo médium, neste ou noutro planeta, isto é, teve necessidade de prestar em outro lugar a sua cooperação ou caridade, a fim de se elevar espiritualmente. Com o afastamento dessa entidade, outro espírito passará a influenciar aquele aparelho, embora não haja mais necessidade de doutriná-lo ou domesticá-lo, porque o terreno já estava preparado. Esse é um dos inúmeros casos que acontecem na vida de milhares de médiuns que trabalham no espiritismo. Todavia, é muito comum um médium trabalhar toda a sua vida sem mudar de Guia (PINTO, 2015, p. 93).

Ialorixá: É a designação dada a qualquer mãe-de-santo, quando se encontra no período da menopausa (PINTO, 2015, p. 98).

Iaô: Médium feminino no primeiro grau de desenvolvimento no Terreiro. Sacerdotisa. Noviça. Inicianda. (PINTO, 2015, p. 98).

Ifá: É o terceiro elemento da trindade divina, correspondendo ao Espírito Santo. É representado por dois vasos, contendo, cada um, dezesseis frutos de dendê. Sacudindo os frutos nas mãos, eles vão caindo um a um. À proporção que caem, o Babalaô vai traduzindo e explicando o que significam. No final resume a profecia do ifá, e a adivinhação está completa. As mulheres não podem trabalhar com os ifás, mas somente com o jogo dos búzios ou a alobaça (alubosa, o 'verdadeiro nome da cebola, jogo, dos caboclos) (PINTO, 2015, p. 90).

Jeje: Indígena de raça jeje. Negros do Daomé trazidos como escravos, caracterizados pela tez azeitonada. Variação de gege. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/jeje/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Nagô: Nome dado aos escravos originários do Sudão, na África. Entre nós, no Maranhão, este nome quer dizer Terreiro. Considera-se o nagô como a religião do antigo Reino de Ioruba; há várias ramificações do nagô, sendo certo que a sua organização sacerdotal é digna de elogios, pois reflete uma tradição de muitos séculos. (PINTO, 2015, p. 130).

Neófito: Na Umbanda, médium que entrou recentemente para a religião. [Religião] Principiante no cristianismo; indivíduo que se converteu (ao cristianismo) há pouco tempo; cristão-novo. [Religião] Que foi recentemente batizado; que foi batizado há pouco tempo. [Religião] Indivíduo que, durante um determinado período de tempo, está num convento; noviço. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/neofito/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Obá: representa o amor reprimido e o sacrifício pelo ser que ama, o sofrimento, e simboliza a fidelidade conjugal. Está relacionada aos lagos e lagoas. Junto com Oyá, habita os cemitérios e representa as guerreiras temerárias.
Disponível em: <https://www.juntosnocandomble.com.br/2017/03/quem-e-orixa-oba-na-verdade.html>. Acesso em: 23 abr. 2020. Deusa do Mar. (PINTO, 2015, p. 66).

Obatalá: Céu. Abóbada celeste. Deus. (PINTO, 2015, p. 133).

Oduduá: criador, feitor da retidão. (PINTO, 2015, p. 223).

Olodumaré: O Todo Poderoso. (PINTO, 2015, p. 224).

Olofin: Segundo a filosofia religiosa africana, o Criador encontra-se em plano tão superior em relação aos seres humanos e, é de tal forma inexplicável e incompreensível, que inútil seria manter-se um culto específico em sua honra e louvor, já que o Absoluto não pode ser alcançado pelo ser humano em decorrência de suas limitações e imperfeições. Disponível em: <https://www.juntosnocandomble.com.br/2009/08/olodumare-olofin-os-nomes-dos-deuses-no.html>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Olorum: É o Senhor Supremo, Deus, o Criador do Universo, em Nagô. A origem do nome parece significar Olo (muito longe, muito alto) e Oriun (o Sol) Olorum é o Supremo, o que está muito alto no Céu, a fonte de lua que ilumina o Mundo (PINTO, 2015, p. 90).

Oranian: Na filosofia africana, pai de Xangô (Orixá) (VERGER, 1981, p. 135).

Orinmilá: É a soma da sabedoria suprema, a vida e a morte, o nascimento da natureza, a visão total do mundo e da existência estabelecendo normas éticas que irão comandar as sociedades e os homens, e assim determinando uma conduta nobre diante de todas as forças que se formam contra o bem da humanidade. É o equilíbrio que ajusta as forças que conduzem à sustentação do planeta. Orunmilá representa a antiga sabedoria do Culto Yorubá. Orunmilá é o Orixá senhor da sabedoria e do conhecimento, que, tendo adquirido o direito de viver entre o órun (céu) e o aiye (terra), tudo sabe e tudo vê em todos os mundos. Disponível em: <https://www.juntosnocandomble.com.br/2017/02/orunmila-o-orixa-da-sabedoria-do-culto-yoruba.html>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Oxumaré: Filho mais novo e preferido de Nanã, irmão de Omulu**,** Orixá típico da Nação Jejê do Candomblé, sendo este não muito comum na religião da Umbanda. É uma entidade branca muito antiga, participou da criação do mundo enrolando-se ao redor da terra, reunindo a matéria e dando forma ao Mundo. Sustenta o Universo, controla e põe os astros e o oceano em movimento. Disponível em: <https://www.juntosnocandomble.com.br/2013/08/oxumare-quem-e-este-orixa.html>. Acesso em: 23 abr. 2020. Santa Bárbara (PINTO, 2015, p. 139).

Oyó: capital da Ioruba, terra dos negros Nagôs (PINTO, 2015, p. 65).

Pai-de-santo: Chefe de Terreiro (PINTO, 2015, p.140).

Plano astral: Macrocosmo- O Mundo, ou melhor, o Universo Infinito que, em Magia, é dividido em 3 planos, a saber: Plano Físico, Plano Astral e Plano Divino (PINTO, 2015, p. 119).

Sinetes astrais: *Sinetes* vem do verbo sinetar. Relativo aos astros; sideral. [Astrologia] Região fantástica, fluido místico povoado de miragens e sombras, só observáveis pelos videntes. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=Sinetes+astrais>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Talismãs: *Talismãs* é o plural de talismã. O mesmo que: amuletos. Significado de talismã: Objeto que tem poderes mágicos ou sobrenaturais de realizar as vontades ou de trazer sorte ao seu portador; amuleto. Objeto gravado com símbolos cabalísticos, ao qual se atribui a virtude de trazer felicidade, de comunicar um poder sobrenatural etc. [Figurado] Aquilo que possui um poder irresistível ou efeitos maravilhosos; encanto: o ouro é um talismã. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/talismas/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Torosi: Na filosofia africana, mãe de Xangô (VERGER, 1981, p. 135).

Xamãs: Sacerdote tribal de certos povos da Ásia Setentrional, América do Norte etc., que utiliza meios mágicos para curar males e doenças, encontrar objetos perdidos e controlar acontecimentos. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/xama-2/>. Acesso em: 23 abr. 2020.